



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Educação Física e Desportos

Roberto Alves Garcia

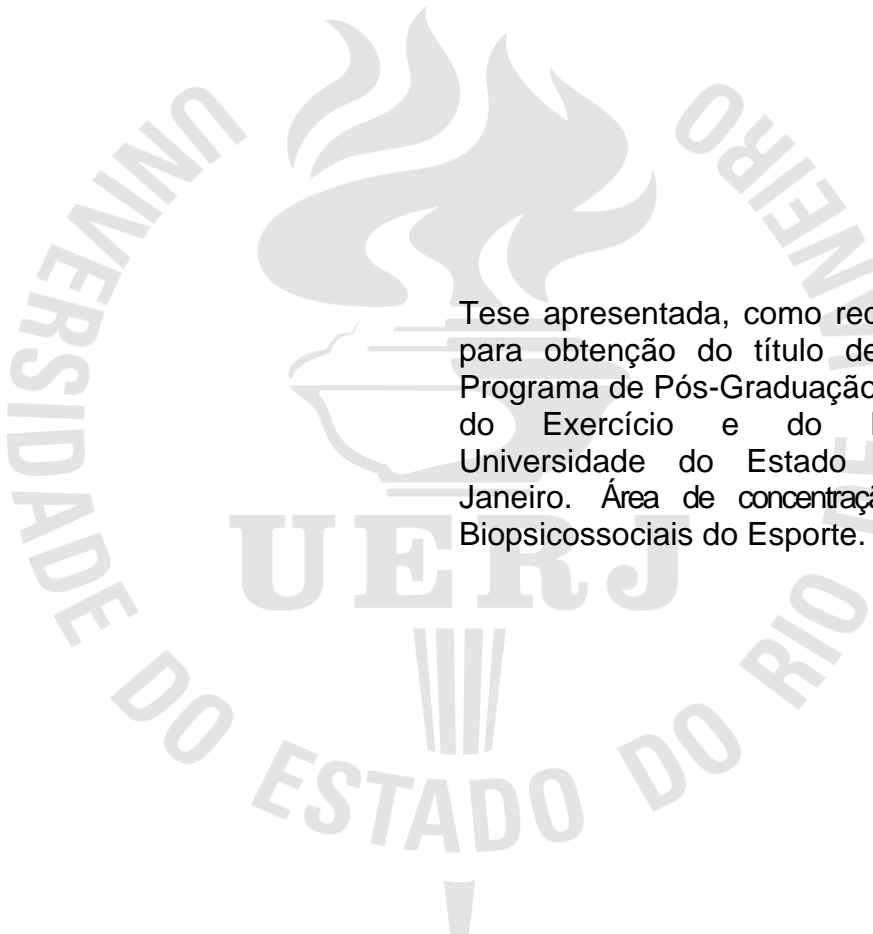
**Representações sociais sobre o MMA por lutadores do  
Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2017

Roberto Alves Garcia

**Representações sociais sobre o MMA por lutadores do Rio de Janeiro**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Josué Votre

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Nádia Souza Lima da Silva

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

G216 Garcia, Roberto Alves.  
Representações sociais sobre o MMA por lutadores do Rio de Janeiro / Roberto Alves Garcia. – 2017.  
139f.  
Orientador: Sebastião Josué Votre.  
Coorientadora: Nádia Souza Lima da Silva.  
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Esportes – Aspectos sociológicos - Teses. 2. Artes Marciais Mistas – Aspectos sociais - Teses. 3. Lutadores de Artes Marciais Mistas – Rio de Janeiro (RJ) - Teses. 4. Artes Marciais Mistas – Regras – Teses. I. Votre, Sebastião, 1944- II. Silva, Nádia Souza Lima da. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Educação Física e Desportos. IV. Título.

CDU 796:301

Autorizo para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Roberto Alves Garcia

## **Representações Sociais sobre o MMA por lutadores do Rio de Janeiro**

Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Aprovada em 31 de janeiro de 2017.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Sebastião Josué Votre (Orientador)  
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Nádia Souza Lima da Silva (Coorientadora)  
Instituto de Educação Física e Desportos – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Flávia Porto Melo Ferreira  
Instituto de Educação Física e Desportos – UERJ

---

Prof. Dr. Silvio de Cássio Costa Telles  
Instituto de Educação Física e Desportos – UERJ

---

Prof. Dr. Antônio Geraldo Magalhães Gomes Pires  
Centro de Educação Física e Esporte - UEL

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares  
Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ

Rio de Janeiro

2017

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Instituto de Educação Física e Desporto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro por ter acolhido mestrandos e doutorandos oriundos do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da extinta Universidade Gama Filho.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela viabilização do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte na UERJ.

Agradeço à minha mãe Imirene Alves Garcia.

Agradeço ao meu pai Francisco Garcia, *in memoriam*.

Agradeço à Doutora Nádía de Souza Lima, pela coorientação.

Agradeço ao Doutor Sebastião Josué Votre por ter iniciado e concluído a orientação desta tese.

## RESUMO

GARCIA, Roberto Alves. *Representações sociais sobre o MMA por lutadores do Rio de Janeiro*. 2017. 139f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

O objetivo deste estudo é identificar e analisar as representações sociais de lutadores profissionais de *Mixed Martial Arts* (MMA) de elite sobre o desenvolvimento do fenômeno MMA na cidade do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas individuais. O estudo se justifica pelo impacto do MMA no Brasil e no mundo. Seu evento de maior expressão é o *Ultimate Fighting Championship* (UFC), que guarda estreita relação com a luta livre, nos eventos de vale-tudo. No primeiro capítulo, “Artes marciais mistas, luta por afirmação e mercado da luta”, analisou-se o contexto dos eventos de vale-tudo através da técnica da história oral e foram identificados índices da influência do vale-tudo no MMA. O segundo capítulo analisa a trajetória da luta livre no século XX. Os dados provêm de entrevistas realizadas com lutadores profissionais que narram a construção da luta livre no Rio de Janeiro e relatam sua participação na construção desta modalidade. O terceiro capítulo trata das “Considerações sobre as regras do MMA”, destacam-se as polêmicas nas mudanças das regras a partir de 2017. Constata-se que o MMA está em transição no contexto de identificação.

Palavras-chave: MMA. Vale-tudo. Representações Sociais. Lutadores.

## ABSTRACT

GARCIA, Roberto Alves. *Social representations of the MMA fighters in the Rio de Janeiro*. 2017. 139f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The aim of this study is to identify and analyze the social representations of leading professional MMA *fighters* on the developing of the MMA phenomenon in the city of Rio de Janeiro. The data has been gathered through semi-structured individual interviews. The study is justified by the impact of MMA in Brazil and in the world. Its most expressive event is the Ultimate Fighting Championship (UFC). This event holds close relation to wrestling at No Holds Barred events. In the first chapter, “Mixed martial arts, fight for affirmation and market the fight”, we analyze the context of No Holds Barred wrestling through oral history technique and identify influence indexes of No Holds Barred wrestling onto MMA. In the second chapter, we interviewed professional wrestlers who present us with a narrative of the creation of No Holds Barred wrestling in Rio de Janeiro and report us their participation in the creation of No Holds Barred wrestling. The third chapter is on the “Considerations on MMA rules”, in which the controversies over the 2017 changes are highlighted. The assumption here presented that MMA is in a transitioning period on the context of identification is verified in the conclusions of this study.

Keywords: MMA; No Holds Barred wrestling. Social representations. Wrestlers.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.c.	Antes de Cristo
CBLA	Confederação Brasileira de Lutas Associadas
CONFEF	Conselho Federal de Educação Física
EUA	Estados Unidos da América
FLLSERJ	Federação de Luta Livre e Submission do Estado do Rio de Janeiro
IES	Instituto de Ensino Superior
IMMAF	<i>International Mix Martial Arts Federations</i>
MMA	<i>Mixed Martial Arts</i>
RBCE	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
TUF	<i>The Ultimate Fighter</i>
UFC	<i>Ultimate Fighting Championship</i>



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1	<b>ARTES MARCIAIS MISTAS: LUTA POR AFIRMAÇÃO E MERCADO DA LUTA</b> .....	14
1.1	<b>Introdução</b> .....	14
1.2	<b>A produção sobre o MMA</b> .....	16
1.3	<b>O vale-tudo no Brasil</b> .....	17
1.4	<b>Os desafios das artes marciais</b> .....	19
1.5	<b>A internacionalização do vale-tudo</b> .....	22
1.6	<b>Marcas de ruptura entre o vale-tudo e o MMA</b> .....	23
1.7	<b>Controle do corpo e código de moralidade</b> .....	25
1.8	<b>Conclusão</b> .....	27
2	<b>A LUTA LIVRE NO SÉCULO XX NO RIO DE JANEIRO</b> .....	29
2.1	<b>Introdução</b> .....	29
2.2	<b>Metodologia</b> .....	31
2.3	<b>Apresentação e discussão dos resultados</b> .....	32
2.4	<b>Trajetória da luta livre</b> .....	32
2.5	<b>Influências e alianças com outras modalidades</b> .....	34
2.6	<b>Rio de Janeiro como palco da luta</b> .....	37
2.7	<b>Mercado internacional da luta</b> .....	41
2.8	<b>Conclusão</b> .....	42
3	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE AS REGRAS DO MMA</b> .....	46
3.1	<b>Introdução</b> .....	46
3.2	<b>Aspectos Metodológicos</b> .....	49
3.3	<b>Análises</b> .....	50
3.3.1	<u>O palco das lutas e os materiais de proteção</u> .....	50
3.3.2	<u>As divisões por peso dos lutadores no UFC</u> .....	51
3.3.3	<u>Permissões e proibições</u> .....	52
3.3.4	<u>As Mudanças nas regras do UFC 2017</u> .....	54
3.3.5	<u>A busca da excitação em nome do espetáculo</u> .....	56
3.4	<b>Conclusão</b> .....	58

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE .....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICE A – Entrevista do capítulo 1 .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE B – Entrevistas do capítulo 2 .....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE C – Relato de Phillip Barbosa Barreto Lima .....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE D – Entrevistas parcialmente descartadas .....</b>	<b>109</b>

## INTRODUÇÃO

Viver é lutar – na história da humanidade os povos sempre lutaram, seja uma luta ideológica, seja uma luta corpo a corpo para defenderem os seus bens materiais e a si próprios. As artes marciais são ensinadas e ministradas com objetivos distintos, que vão desde o aprimoramento para as batalhas de guerra até o aperfeiçoamento para disputas esportivas. Na atualidade, estas disputas se desdobraram em várias modalidades esportivas, cuja fusão deu origem ao *Mixed Martial Arts* (MMA), sendo o *Ultimate Fighting Championship* (UFC) o evento de maior repercussão no mundo.

Segundo Gracie (2008, p.532), o UFC tem como mentor o brasileiro Rorion Gracie, que, no início da década de 1990, nos Estados Unidos da América (EUA), “associou-se ao aluno Art Davis, especialista em *marketing*, e juntos idealizaram um *show* de vale-tudo para a televisão”. A inovação partiu dos planos de outro aluno, John Milius, que projetou o ringue no formato de um octógono cercado por grades para impedir a fuga dos atletas, as lutas se assemelhavam, assim, a uma briga de rua. O UFC passou por diversas fases, e desde o seu início, teve algum brasileiro como destaque nas conquistas de seus cinturões.

O elenco de atletas contratados pelo UFC conta, atualmente, com lutadores de vários países, sendo o Brasil detentor de inúmeros cinturões em diversas categorias. Com pouco mais de vinte anos de existência, a popularidade do MMA, em alguns estados dos Estados Unidos, ultrapassa a do beisebol e a do futebol americano.

O refinamento das regras e a mudança de comportamento dos atletas foram, entre outros, responsáveis pela evolução e pelo prestígio do UFC diante do público ao redor do mundo (THOMAZINI, MORAES, ALMEIDA, 2008; NUNES, 2004). O aperfeiçoamento das regras com o passar dos tempos justifica-se pelo objetivo de “reduzir os danos físicos ao mínimo, existem regras que obrigam os adversários a adaptar um determinado tipo de comportamento” (ELIAS, DUNNING, 1992, p.39).

Não obstante, ainda que o MMA seja considerado um fenômeno de público, essas regras causam polêmicas em razão de certas nuances, como a interpretação de determinadas posições do corpo do lutador durante os combates. A título de exemplo, destacamos o ocorrido no dia 30 de dezembro de 2016, no UFC. O lutador

americano Means, após acertar duas joelhadas na cabeça do lutador brasileiro Alex “Cowboy” quando este estava de três apoios, garantiu em entrevista, ainda no octógono, “que buscava o nocaute e que não tinha conhecimento de que a regra dos três apoios funcionava dessa forma” (GOLPE, 2016). Os próprios lutadores, portanto, ainda têm dúvidas sobre o que podem ou não fazer durante o combate.

Buscamos, por isso, nas teorias que conceituam os esportes o balizamento necessário para nortear a pesquisa sobre o MMA.

Pela perspectiva de Elias e Dunning (1992, p.48) “de fato a forma popular de luta só assumiu as características de um desporto” quando se verificou a conjunção entre um conjunto de regras, e o aumento da proteção dos lutadores, para evitar os graves danos físicos.

O Coletivo de Autores (1992, p.70) afirma que, “se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria”.

Com base nos conceitos acima, a pergunta norteadora formulada no início dos estudos em abril de 2012 é: “Em relação a esportivização, em que contexto se encontra o MMA atualmente? ”. Percebemos, no entanto, que, em 1º de janeiro de 2017, ainda há dúvidas e questionamentos como a do lutador americano.

O objetivo geral deste estudo é identificar e analisar as representações sociais de lutadores profissionais de elite de MMA sobre o desenvolvimento do fenômeno MMA na cidade do Rio de Janeiro.

Os objetivos específicos são: (i) analisar o processo de esportivização do MMA; (ii) descrever parte da história do vale-tudo no Brasil e sua internacionalização; (iii) identificar as marcas de ruptura entre o vale-tudo e o MMA; (iv) analisar a trajetória da luta livre no Rio de Janeiro; (v) identificar e analisar regras polêmicas de MMA no UFC.

A escolha da cidade do Rio de Janeiro como cenário para este estudo se deve ao fato de o município ter sido palco dos confrontos da modalidade, consolidada no século passado no Brasil, através dos desafios intermodalidades (LISE, 2014).

A motivação para o aprofundamento do tema deveu-se, sobretudo, ao fato de ter atuado como *announcer* (locutor) em dois eventos de vale-tudo e em dois de MMA. Mas também em razão da minha trajetória como lutador e mestre de judô, *kick*

*boxing* e jiu-jítsu e de minha experiência como professor da disciplina *Metodologia do Ensino das Lutas* nos cursos superiores de formação de licenciados e bacharéis em Educação Física, em Instituições de Ensino Superior do Rio de Janeiro.

Defendemos, como tese central, a existência de um contexto de transição de identificação esportiva, sobre a prática do MMA e que pode ser analisado através das representações sociais dos lutadores profissionais de elite do Rio de Janeiro, para isto, fundamentamo-nos na Teoria das Representações Sociais.

Segundo Moscovici (2007), é necessário entender a dialética<sup>1</sup> do conhecimento pela perspectiva intermediária situada entre o indivíduo e a sociedade, em uma linha tênue do processo de construção, elaboração e difusão de saberes (ancoragem e objetivação<sup>2</sup>). Essa elaboração cognitiva parte não apenas do indivíduo, mas também da estrutura social, que tem vida própria.

O estudo justifica-se pela necessidade de maiores esclarecimentos acerca dessa nova modalidade de lutas, que tem o UFC como evento principal, embora outros eventos de MMA também atraiam grande público ao redor do mundo. Justifica-se ainda porque, apesar de as lutas serem disciplinas obrigatórias nas grades curriculares dos cursos de graduação em Educação Física, paradoxalmente, as leis atuais não permitirem a fiscalização de suas práticas pelo Conselho Nacional de Educação Física (CONFEF), o que fortalece a responsabilidade da Educação Física em discutir o MMA.

Como procedimento metodológico, optamos pela abordagem qualitativa de orientação etnográfica. Silva (2007) esclarece que essa perspectiva de estudo fornece informações para serem analisadas criticamente, baseadas nas análises bibliográficas, nas entrevistas e nas observações participantes. A análise dessas vertentes foi fundamental para a identificação das Representações Sociais dos informantes sobre o MMA.

Fizemos um exercício de etnografia em dois treinos de equipes profissionais de MMA e em dois eventos do UFC. As quatro atividades foram realizadas na

---

<sup>1</sup> Dias (2005, p.25) cita Engels: “a dialética considera as coisas e os conceitos no seu encadeamento; suas relações mútuas, sua ação recíproca e as decorrentes modificações mútuas, seu nascimento, seu desenvolvimento, sua decadência”.

<sup>2</sup> Moscovici (2007, p.61) fala sobre os dois processos que geram as representações sociais – a ancoragem e a objetivação: “Esses mecanismos transformam o não familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo, e depois reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar, e, conseqüentemente, controlar”.

Cidade do Rio de Janeiro. A familiarização do pesquisador com o objeto de estudo auxiliou nas observações de campo uma vez que proporcionou “um olhar de perto e dentro”, nos termos de Magnani (2002, p.11). As descrições e comentários do que presenciamos estão registradas em diário de campo.

O presente trabalho divide-se em três capítulos, o primeiro, intitulado “Artes marciais mistas – luta por afirmação e mercado da luta”, foi aprovado pela Revista Brasileira de Ciências do Esporte - RBCE. No texto, discutimos pesquisas científicas relacionadas ao tema divulgadas na época, e analisamos uma entrevista em profundidade com o mestre Bebéo Duarte, oriundo do jiu-jítsu Gracie, conhecedor dos eventos de vale-tudo e dos eventos de MMA.

Concluído o primeiro capítulo, no qual praticamente todas as fontes narraram história da transição do vale-tudo para o MMA pela ótica do jiu-jítsu, percebemos a necessidade de contar os fatos por outro ângulo. Demos, então, no capítulo II, vozes a lutadores de duas gerações distintas da luta livre carioca que não tiveram a oportunidade de relatar a sua versão da história. Considerando ainda, que o jiu-jítsu Gracie escreveu a história do vale-tudo pela sua ótica, optamos por ouvir seus principais adversários de ringue nos eventos de vale-tudo.

Neste capítulo, intitulado “A luta livre no século XX no Rio de Janeiro”, publicado pela Revista Movimento, quatro informantes de elite da luta livre esportiva carioca narram sua versão dos fatos. Para tanto, utilizamos o método de história oral (THOMPSON, 2002) e as técnicas da análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

No capítulo III, “As considerações sobre as regras do MMA”, analisamos as regras atuais e as polêmicas nas mudanças propostas para 2017. Para a coleta de dados utilizamos os *websites* especializados em MMA, e inteiramos com relatos de um informante de elite – que vivenciou a polêmica das regras.

No início deste estudo, em 2012, realizamos uma pesquisa com dez lutadores profissionais de elite de MMA do sexo masculino da cidade do Rio de Janeiro com o intuito, a princípio, de compor o capítulo III. Das respostas colhidas objetivava-se aproveitar duas (questões), mas, na primeira, obtivemos dados irrelevantes, porque já sabíamos donde vêm os lutadores, e na segunda relatam o óbvio: melhorar de vida, fazer carreira, sustentar a família; o sonho do cinturão é para pouquíssimos lutadores, é também pouco realista, dado que o MMA é um empreendimento norte-americano, praticamente inacessível para a média dos lutadores.

Tais entrevistas foram, parcialmente descartadas, pois em consonância com orientação da banca durante a qualificação em 23 de junho de 2016. Decidimos substituir a proposta inicial pelo estudo “As considerações sobre as regras do MMA”, que passou a compor o capítulo III. Verificamos, no decorrer da pesquisa, que as regras apareciam como item relevante nos dois primeiros capítulos, o que justificou a abordagem dessa temática em um capítulo próprio. Ressalvamos que, embora tenhamos descartado as dez entrevistas dos lutadores de MMA, uma das respostas foi aproveitada com o intuito de compor o terceiro capítulo, além disso, as observações etnográficas realizadas durante os treinamentos nas academias e nos dois eventos do UFC que aconteceram no Rio de Janeiro nos dias 13 de outubro de 2012 e 1º de agosto de 2015, registradas em um diário de campo, serviram como importante suporte para a elaboração e sustentação da pesquisa.

# 1 ARTES MARCIAIS MISTAS: LUTA POR AFIRMAÇÃO E MERCADO DA LUTA

## RESUMO

O artigo analisa o processo de construção das artes marciais mistas (MMA), descreve parte da história do vale-tudo no Brasil, de sua internacionalização e identifica as marcas de ruptura entre o vale-tudo e o MMA. Foram consideradas como características próprias da transição do vale-tudo para o MMA: a profissionalização da categoria; a aceitação pelos veículos de comunicação; o acirramento do controle do corpo e dos códigos de moralidade no ethos dos lutadores; a criação de um novo produto para o mercado da luta; o deslocamento identitário dos lutadores, de representantes de determinada luta para lutadores de MMA.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artes marciais mistas. Vale-tudo. Mercado. Jiu-jítsu.

## 1.1 Introdução

O artigo tem como escopo analisar o processo de construção das artes marciais mistas (MMA). Para tal, relatamos uma parte da história do vale-tudo no Brasil, de sua internacionalização e identificamos algumas marcas de ruptura que levaram ao surgimento do MMA. Procuramos compreender até que ponto a mudança na forma de se denominar essa luta – de vale-tudo para MMA – foi mais que uma peça de marketing, com a intenção de suavizar a imagem da modalidade, de modo a torná-la um produto de consumo com mais aceitação. Nesse sentido, o foco do relato foi pautado na identificação e demarcação das diferenças entre o vale-tudo e o MMA.

A motivação para investir numa análise dessa natureza é fruto do crescente apelo midiático que a modalidade tem obtido nos últimos anos, principalmente nos Estados Unidos, mas também em outros países, como o Canadá, Brasil, Japão e Inglaterra. Outro ponto de interesse para a análise, e que se relaciona indissociavelmente com o apelo midiático, é a característica mercadológica dada ao MMA, especialmente em sua forma de expressão mais destacada, a promovida pela organização chamada *Ultimate Fighting Championship* (UFC). O fato é que o MMA



se popularizou nos últimos anos e passou a atingir o grande público, para além dos praticantes de artes marciais – que há aproximadamente vinte anos constitui um mercado consumidor de eventos dessa natureza, com proporções consideravelmente menores do que as atuais.

Com o crescimento do público consumidor, principalmente nos países citados anteriormente, a modalidade tem apelo midiático semelhante ao dos esportes mais populares. Em alguns veículos de comunicação brasileiros, especialmente em seus grandes portais jornalísticos da internet, o MMA aparece como a segunda modalidade esportiva mais noticiada, atrás apenas do futebol. Um indício que contribui para afirmar esse potencial no Brasil foi a cobertura e transmissão (ao vivo) realizada – no início de 2012 – pelo principal canal aberto de televisão do Brasil, a Rede Globo, que contou com a participação de seu mais conhecido narrador esportivo, Galvão Bueno. Outra indicação interessante é que essa mesma emissora abordou a temática do MMA no seu horário de maior audiência, em sua telenovela *Fina Estampa* – exibida entre agosto de 2011 e março de 2012.

Pela forma com que tem se desenvolvido, a potencialidade de crescimento do MMA parece ser ainda maior do que a proporção já atingida. Sob essa perspectiva, o Brasil, que tem promovido a imagem de país do futebol, também pode vir a ser o país do MMA. Note que, mesmo que esteja muito distante da popularidade do futebol, e de seu potencial mercadológico, haveria pertinência numa afirmação identitária de nacionalidade, uma vez que a gênese do MMA, ou parte dela, pode ser localizada no vale-tudo desenvolvido no Brasil ao longo do século XX e, na atualidade, atletas brasileiros e norte-americanos rivalizam pela supremacia no MMA.

No que se refere à participação feminina, uma primeira análise nos leva à compreensão de que, assim como no futebol, a identidade nacional sustentada pelo MMA ainda é uma identidade majoritariamente masculina. A participação de lutadoras no MMA é exígua se comparada à de lutadores. Por outro lado, apesar dessa participação ainda ser pouco expressiva se comparada à dos homens, tem-se verificado um crescimento na população de mulheres ligadas ao MMA, tanto entre as que o praticam quanto entre as que o consomem.

## 1.2 A produção sobre MMA

O MMA ainda não tem uma produção acadêmica significativa no Brasil. Na revisão de publicações nacionais que realizamos foram encontrados apenas dois itens: um artigo (THOMAZINI, MORAES, ALMEIDA, 2008), publicado no periódico *Pensar a Prática*, e uma dissertação de mestrado (NUNES, 2004), defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tanto o artigo quanto a dissertação são relatórios de pesquisas etnográficas em academias de lutas que lidam, de algum modo, com o MMA. Ambas as investigações trabalharam com os conceitos de controle do corpo e código de moralidade de Wacqüant (2002), desenvolvidos a partir de sua pesquisa etnográfica em uma academia de boxe de Chicago, nos EUA. Trataremos mais à frente dessas pesquisas e de seus achados, numa seção específica na qual abordaremos os conceitos de Wacqüant.

Com relação à produção internacional sobre MMA, ela é relativamente volumosa, principalmente em periódicos dos EUA. Sem pretender realizar uma revisão sistemática dessa produção, e tampouco apontar para o estado da arte da mesma, apresentaremos algumas publicações que abordam a temática do MMA por um viés semelhante ao nosso. A primeira que nos chama a atenção é o ensaio teórico de Bottenburg e Heilbron (2006) que dialoga com a teoria do processo de esportivização de Elias e Dunning (1992) e aponta para as possibilidades e limitações dessa teoria para compreender o surgimento, a disseminação e as transformações ocorridas no vale-tudo durante os anos de 1990. Para os autores, a história das artes marciais durante o transcorrer do século XX foi um bom exemplo do processo de esportivização – uma vez que imprimiu um controle civilizador às práticas de lutas então existentes. Já o aumento do número de lutas de vale-tudo no final do mesmo século foi uma tendência oposta, um processo de desesportivização. O fator decisivo para a predominância desse processo foi a emergência de um novo mercado, que teve como principal veículo os pacotes *pay-per-view* de televisão. Isso permitiu que os empresários da mídia comercializassem eventos não sancionados, que dependiam principalmente das exigências e idealizações dos espectadores, que estavam menos interessados nas especificidades reguladoras de determinado

esporte do que na excitação produzida pelas transgressões das regras e da vida comum.

Garcia e Malcon (2010) também se valeram de Elias e Dunning (1992) para analisar as tendências de violência no esporte através de um exame do surgimento do MMA. O artigo entende o crescimento do MMA como um indício de um processo descivilizador (decivilizing) – se remetendo a Elias (1994) – e desesportivizador (desportizing) que seria explicado pela informalização da busca da excitação. Por outro lado, os autores argumentam que, apesar de alguns relatos acadêmicos e parte da opinião pública apontarem para a problemática da violência no MMA, o autodomínio da violência é uma das características do MMA.

A composição da identidade dos lutadores foi outra temática observada nas publicações sobre o MMA. Spencer (2009) realizou uma pesquisa etnográfica, numa academia de MMA nos EUA, em que procurou elucidar o processo social que integra a produção do habitus – conceito de Bourdieu (2007) – do lutador. O autor salientou a importância dos “calos corporais” adquiridos durante os treinamentos para suportar os rigores do ringue. A construção desses “calos” seria um processo de aprendizagem de técnicas corporais reflexivas – na perspectiva de Crossley (2001).

Hirose e Pih (2010) analisaram os tipos de masculinidade assumidos e representados pelos lutadores de MMA. De acordo com eles, os lutadores que priorizam a utilização de técnicas de golpes traumáticos (socos, chutes, joelhadas e cotoveladas) representariam o tipo de masculinidade hegemônica do homem branco norte-americano. Já os que privilegiam as técnicas de luta no solo (derivadas, principalmente, do jiu-jítsu e do wrestling) teriam uma aproximação com masculinidades marginalizadas. Tal aproximação seria consequência da origem asiática das lutas de solo.

### **1.3 O vale-tudo no Brasil**

Antes de iniciarmos nosso breve relato sobre o vale-tudo no Brasil, destacamos que a versão historiográfica da qual nos nutrimos, através das fontes consultadas para a construção deste texto, tem como pano de fundo a história da família Gracie. Trata-se de um clã de lutadores brasileiros com notoriedade no meio

das artes marciais no Brasil e, com a popularização do consumo do MMA, também em outros países, especialmente nos EUA. Como se pode ver no texto, a essa família é creditada grande parte do desenvolvimento do que atualmente é conhecido no mundo como Brazilian jiu-jítsu, ou Gracie jiu-jítsu. Obviamente, a narrativa historiográfica que parte dos fatos e feitos dessa família não retrata a história do vale-tudo no Brasil. Há muitas outras histórias que poderiam ser narradas. Assumimos, nesse sentido, a opção pela perspectiva da história em migalhas ou da história fragmentada, pela perspectiva de uma história múltipla, escrita no plural. Sem a pretensão, portanto, de narrar uma história que dê conta de tudo e do todo (DOSSE, 1992; REIS, 2000). A opção pela apresentação desse recorte em específico foi consequência tanto da disponibilidade das fontes como do protagonismo notoriamente exercido pela família Gracie, especialmente no momento da internacionalização do vale-tudo. Nesse sentido, assumimos que a história narrada a seguir é a versão que prevaleceu, é, pois, a versão dos vencedores. Certamente, as narrativas historiográficas sobre os Gracie, e as dos próprios Gracie, não são neutras. Essas narrativas valorizam o produto da família – o Gracie jiu-jítsu.

Sob a perspectiva supracitada, a história dos confrontos corporais conhecidos como vale-tudo tem sua gênese, no Brasil, nos desafios realizados nos portos e circos no início do século XX. Menezes e Ferreira (2009) registram que em 1914 chega ao Brasil o imigrante japonês Mitsuyo Maeda, conhecido como Conde Koma. Esse homem era praticante do antigo jiu-jítsu e graduou-se faixa preta 3º Dan na escola de judô Kodokan. No Brasil ele se identificou como lutador de jiu-jítsu, pois a filosofia do judô Kodokan era contrária aos desafios de vale-tudo. Após vencer diversos confrontos nos portos do Rio de Janeiro, viajou para Belém do Pará, onde venceu homens mais fortes que ele em lutas de vale-tudo, utilizando as técnicas dos antigos samurais.

De acordo com Reila Gracie (2009), Gastão Gracie conheceu Conde Koma em Belém e, entusiasmado com as técnicas e destreza do japonês, levou seu filho Carlos para ter aulas com ele. O rapaz aprendeu rapidamente e migrou para Rio de Janeiro, em 1922, com o objetivo de ensinar o jiu-jítsu que aprendera com o Conde Koma. E, junto com os irmãos George e Hélio, montou uma academia que ficava em um dos quartos de sua casa.

Com o transcorrer de décadas de prática e ensino do jiu-jítsu, os irmãos Gracie elaboraram um novo sistema de técnicas e de regras para essa arte marcial,

desvinculando-a das regras internacionais da Kodokan de Jigoro Kano (judô) e criando a modalidade (e conseqüentemente a marca) Gracie jiu-jítsu. Bem mais tarde, a partir da década de 1990, a luta desenvolvida pelos irmãos Gracie veio a ser reconhecida internacionalmente por sua notável eficiência, e passou a ser conhecida como Brazilian jiu-jítsu. Porém, para alçar a sua modalidade de luta a esse destaque, um longo caminho foi percorrido por toda a família, que provocou e aceitou todos os tipos de desafios contra lutadores do próprio jiu-jítsu, do boxe, da luta livre e da capoeira. Desafios que se tornaram combates com diferentes regulamentações, ou mesmo sem regras, com quimonos ou sem quimonos, com luvas ou sem luvas, incluindo lutas nas quais eram permitidos os chamados golpes baixos.

O destaque que é dado ao jiu-jítsu ao se falar de vale-tudo no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, é em grande parte consequência da repercussão dos desafios lançados e vencidos pela família Gracie. Foi através dessas lutas que os Gracie conseguiram atrair o aparato midiático e, por conseguinte, ganharam apelo público.

#### **1.4 Os desafios das artes marciais**

No decorrer das décadas 1920 e 1930, as lutas que predominavam no Brasil eram o boxe e a capoeira, ensinados para o público em geral, e o jiu-jítsu dos irmãos Gracie, que era ensinado principalmente para a elite carioca (GRACIE, 2009). Os primeiros eventos de vale-tudo dessa época aconteceram nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo.

Com o interesse de comprovar a eficiência do jiu-jítsu desenvolvido pela família Gracie, Carlos desafiou o campeão japonês de jiu-jítsu, Geo Omura, considerado pela colônia nipônica o “rei da chave de braço”. A luta aconteceu em São Paulo, em um lugar chamado Madison Square Garden. Seu oponente era maior e mais pesado que ele e, após arremessá-lo por inúmeras vezes, Carlos leva a luta para o chão e encaixa uma chave de braço. Omura não desiste e Carlos estala as articulações do braço do japonês. Mesmo com um dos braços lesionado, Geo Omura continua na luta, na defensiva, e o resultado foi um empate.

Após esse combate, Carlos retorna para o Rio de Janeiro com mais visibilidade, mas o jiu-jítsu Gracie ainda não era protagonista das notícias sobre lutas publicadas nos jornais da então capital federal. Diante disso, Carlos teve a ideia de fazer os desafios públicos, através dos jornais, nos quais desafiava outros lutadores por dinheiro e para mostrar que o jiu-jítsu era superior às outras lutas. Na época, os empresários já começavam a identificar a lucratividade das lutas e inauguram a casa Guadalupe de combate para promover o vale-tudo. O primeiro desafio aconteceu entre o jiu-jítsu e a capoeira, Carlos Gracie lutou contra Samuel. Essa luta ficou marcada pelos apertões de Samuel nos testículos de Carlos. Esses golpes baixos fizeram com que algumas regras fossem inseridas nas lutas de vale-tudo, mesmo assim essas proibições oscilaram de evento para evento (GRACIE, 2008).

A família Gracie já tinha, desde a década de 1930, interesse por outras modalidades de luta, especialmente pelo boxe inglês. Em contrapartida, lutadores oriundos de outras artes marciais passaram a treinar o Gracie jiu-jítsu para se tornarem mais bem preparados tecnicamente para os combates. Verifica-se, desse modo, uma das possíveis gêneses de uma importante marca de ruptura entre o que foi o vale-tudo e o que é o MMA atualmente. No MMA, como denota a sua nomenclatura, para se tornarem competitivos, os lutadores têm que dominar habilmente uma variada gama de técnicas de combate, oriundas de diferentes lutas e artes marciais.

O sucessor de Carlos Gracie, na representação da família nos combates que promoviam sua modalidade, foi Hélio Gracie, seu irmão mais novo. Hélio tinha as características ideais para levar o nome e a supremacia do Gracie jiu-jítsu adiante. Dedicado e habilidoso nas técnicas de luta, e com uma característica física aparentemente desfavorável – tinha o corpo franzino. Essa característica serviria de base para um dos principais argumentos promocionais do Gracie jiu-jítsu, ainda hoje utilizado, que destaca a sobrepujança do mais fraco sobre o mais forte através das técnicas do jiu-jítsu.

A estreia de Hélio Gracie foi em 1932, com 18 anos, quando ganhou do boxer Antônio Portugal. Inicia-se então a história de outro ícone do Gracie jiu-jítsu que, dando prosseguimento ao trabalho de Carlos, foi responsável por boa parte da adaptação e criação de suas técnicas. Hélio realizou confrontos memoráveis e venceu praticamente todos.

Concomitante ao sucesso de Hélio, seu irmão George também elevava o nome do jiu-jítsu diante de outras lutas. Em um combate de vale-tudo contra o lutador de luta livre Manuel, George venceu o oponente com socos bem encaixados e finalização, mostrando que já combinava dois estilos de lutas, boxe e jiu-jítsu. Outro fato interessante ocorrido nessa luta foi a grande presença de mulheres no público, o que surpreendentemente demonstra o interesse das mulheres pelas lutas de vale-tudo nos anos de 1940.

No final da década de 1950, a família Gracie consegue um espaço na programação de em um veículo midiático que começava a se fazer presente no Brasil, a televisão. O programa “Heróis do Ringue” era transmitido pela TV Continental e era Carlos quem selecionava os lutadores e compunha os embates, Hélio atuava como apresentador e Carlson Gracie, filho de Carlos, destaca-se nos combates. Desafios entre diversas academias eram realizados para o programa de TV, em uma dessas lutas um dos oponentes acerta um soco nos testículos do adversário e, em outra, um dos lutadores esmurra o outro desvairadamente após montá-lo. Essas cenas violentas fizeram com que o programa “Heróis do Ringue” fosse retirado do ar. O estopim foi a exibição ao vivo de uma lesão grave que aconteceu em um de seus desafios – o lutador de Gracie jiu-jítsu João Alberto aplicou uma chave de braço em José Geraldo, lutador de luta livre. Após esse episódio, o vale-tudo ficou estigmatizado como um espetáculo violento e as exibições nas redes de televisão brasileiras foram interrompidas. Por muitos anos os desafios públicos se tornaram raros e aconteciam a portas fechadas (GRACIE, 2008).

Em 1980, Rickson Gracie, filho de Hélio, faz sua estreia, aos 21 anos de idade, nos eventos de vale-tudo em luta realizada em Brasília. Rickson venceu o “Rei Zulu”, um experiente lutador de vale-tudo, aplicando um estrangulamento conhecido como mata-leão. Três anos depois, aconteceu a revanche no Maracanãzinho. Diante de um público de 15 mil pessoas, Rickson domina as costas de “Rei Zulu” e aplica-lhe novamente um estrangulamento, vencendo a luta e fortalecendo a imagem de eficiência do jiu-jítsu ensinado pela família Gracie.

### 1.5 A internacionalização do vale-tudo

Rórion Gracie, o filho mais velho de Hélio, utilizou a mesma tática da família para promover o Gracie jiu-jítsu nos EUA – país para o qual emigrou no final da década de 1970. Começou fazendo desafios valendo dinheiro em jornais e as lutas aconteciam em sua academia ou qualquer outro lugar. Rórion e seus irmãos, empregando as técnicas de sua arte marcial, venciam com facilidade os adversários.

A visibilidade surgiu a partir da associação de Rórion com o seu aluno Art Davis – especializado em marketing – para a promoção de um show de vale-tudo para a TV. Surge assim, em 1993, o UFC, com as lutas transmitidas pelo sistema pago de TV nos EUA, o *pay-per-view*. Royce Gracie, também filho de Hélio, foi o escolhido para representar o Gracie jiu-jítsu. Assim como o pai, Royce tem o corpo franzino, mas mostrou a então supremacia das técnicas do Gracie jiu-jítsu e venceu as primeiras edições do UFC. Essas primeiras lutas se assemelhavam a uma briga de rua, com pouquíssimas regras e sem tempo estipulado para acabar. Além disso, para ser campeão dessas primeiras edições, Royce precisou sobrepujar três lutadores maiores e mais fortes que ele em cada evento (GRACIE, 2008).

Na quarta edição, em função da impossibilidade de se controlar o tempo das lutas, o programa de *pay-per-view* saiu do ar faltando dois minutos para acabar a luta principal. O dinheiro teve que ser devolvido, causando um prejuízo que foi compensado com a própria repercussão do fato. O episódio chamou a atenção da mídia para a próxima edição, para Royce e para o Gracie jiu-jítsu. No quinto UFC, Royce realizou apenas uma luta contra Ken Shanrock, que havia treinado jiu-jítsu para enfrentá-lo. A luta terminou empatada aos 36 minutos. Esse fato gerou uma pressão para que as regras das lutas fossem modificadas. Ficou nítido que a adoção do controle do tempo das lutas era indispensável para a viabilidade do evento. Para os Gracie, tal modificação não seria benéfica, uma vez que a eficiência das técnicas de seu jiu-jítsu dependia da ausência de limite de tempo. Cansar os seus adversários e surpreendê-los, quando cansados, com uma finalização, era sua estratégia de luta mais importante. A consequência desse impasse foi a venda das cotas pertencentes a Rórion para seus sócios e a interrupção da participação de Royce no evento.



A saída dos Gracie do UFC explicita o que estava em jogo no momento e o que era considerado mais importante para a família. Notem que, apesar do retorno financeiro ser importante, e provavelmente foi o fator preponderante para a venda de suas cotas, a valorização de seu produto (o Gracie jiu-jítsu) era fundamental para Rórion. Até aquele momento, o UFC era visto como um veículo que favoreceria essa valorização. Não serviria mais a esse fim caso o Gracie jiu-jítsu fosse derrotado na arena de luta.

Após a saída da família Gracie do UFC, o evento passou por anos de ostracismo e o foco do vale-tudo passou a se concentrar nos eventos realizados no Japão. O primeiro a se destacar foi o Japan Open, evento que contribuiu para consagrar Rickson Gracie internacionalmente. Rickson venceu várias edições do Japan Open, sendo que em sua segunda edição o público chegou a 40 mil pessoas. Rickson se torna um ídolo no Japão.

Em 1997, um novo evento no Japão – o Pride FC – começa a se destacar e viria a significar um marco para a profissionalização do vale-tudo e o início de sua transição para o que hoje conhecemos como MMA.

## **1.6 Marcas de ruptura entre o vale-tudo e o MMA**

Os eventos de vale-tudo se difundiram pelo mundo e algumas regras começaram a ser universalizadas, como o uso de luvas, a proibição de cabeçadas, golpes na parte posterior da cabeça e o controle do tempo. No Pride FC essas regras já existiam e foram bem recebidas no Japão.

Porém, foi o empreendedor norte-americano Dana White quem melhor utilizou o potencial mercadológico dos eventos de vale-tudo. Comprou o UFC no ano de 2001, com a intenção de popularizá-lo mundialmente, ultrapassando o sucesso do antigo modelo e de seu concorrente direto naquele momento, o Pride FC. Em sua concepção, e de seus sócios e assessores, para que um evento de vale-tudo pudesse atingir um mercado mais amplo e global, as mudanças a se realizar deveriam ser mais significativas do que as até então realizadas – modificações nas regras.

A mudança mais significativa em termos simbólicos aconteceria na denominação, pois o vale-tudo tinha sua imagem associada à violência, era socialmente questionado e, por consequência, não tinha fácil acesso aos principais meios de comunicação. A mudança do nome, de vale-tudo para MMA, trouxe consigo uma nova concepção sobre a modalidade, na qual diferentes marcas de ruptura se fazem presentes. Tentaremos, a seguir, identificar algumas delas.

Talvez a marca de ruptura mais nítida seja a criação do novo modelo de luta e uma forma especial de se identificar com esse modelo. Enquanto no vale-tudo representantes de diferentes lutas se enfrentavam para afirmar a eficiência das mesmas, no MMA os lutadores assumem outra característica. Apesar de ainda identificarem suas origens com determinada modalidade, hoje quem entra nas arenas dos grandes eventos é considerado um lutador de MMA. As marcas de identidade com uma luta em específico se deslocam para o MMA. Não se vê mais, sem qualquer exceção, lutadores profissionais de MMA dedicados ao treinamento de apenas uma modalidade de luta. Para se tornarem competitivos, os lutadores de MMA precisam dominar técnicas de diferentes lutas, tanto das de golpes traumáticos (boxe, muay thai, karatê, entre outras) como daquelas que utilizam alavancas e projeções corporais (jiu-jítsu, wrestling, judô, etc.).

A segunda marca pode ser identificada no episódio da venda das cotas do UFC pertencentes a Rórion Gracie. A opção pela venda foi sustentada pela inviabilidade de, com a imposição de um controle do tempo das lutas, manterem a supremacia do Gracie jiu-jítsu. Para Rórion, o que estava em jogo era a afirmação do Gracie jiu-jítsu, e sua consequente valorização simbólica e mercadológica. Sua família passou quase um século para criar e valorizar a sua marca, seria contraproducente participar de um evento em que a imagem dessa marca pudesse ser desgastada. Com o surgimento do MMA e consolidação da profissionalização da modalidade, cria-se um novo produto – o próprio MMA. O que está em jogo para os lutadores não é mais a afirmação de sua luta (de origem), mas a sua subsistência enquanto profissional de MMA.

Junto com a profissionalização, veio um trabalho mais denso de exposição midiática, que repercutiu no crescimento dos canais de comunicação que têm incluído o MMA em suas pautas e também no aumento considerável da intensidade com que noticiam essa modalidade. Para conseguir essa exposição, eventos como o UFC têm se valido de diferentes estratégias, desde a geração intencional de

polêmicas entre os atletas, em grande parte dramatizações, até a criação de um reality show, o “The Ultimate Fighter” (TUF). O fato é que tais estratégias lograram êxito e o nome MMA se popularizou e despertou o interesse dos patrocinadores que identificaram um público cada vez mais diversos – crianças, adultos, homens e mulheres, lutadores ou não.

### **1.7 Controle do corpo e código de moralidade**

Wacqüant (2002) publicou uma obra, que se tornou referência para as análises sociais sobre lutas, em que apresenta os resultados de uma pesquisa etnográfica realizada em uma academia de boxe do subúrbio de Chicago. Uma das construções teóricas estabelecidas pelo autor serviu de base para as poucas pesquisas sobre MMA publicadas no Brasil. Essa teoria discute parte do ethos dos boxeadores investigados, especificamente os modos de regulação da violência estabelecidos através do controle do corpo e de um código de moralidade.

Nas duas pesquisas brasileiras sobre MMA a que tivemos acesso (NUNES, 2004; THOMAZINI, MORAES, ALMEIDA, 2008), essa temática foi explorada e os autores corroboraram as ideias de Wacqüant. Ambos os autores demonstraram, através dos dados coletados em suas etnografias, que os lutadores de MMA também desenvolvem um controle do corpo (ou de si) e um código de moralidade que canaliza suas técnicas para a luta realizada nas academias e nas arenas de combate. As brigas de rua e a violência gratuita são vistas como um estorvo para a reputação do MMA e também para as suas próprias carreiras profissionais. Consideramos as reinterpretações de Nunes (2004) e Thomazini, Moraes e Almeida (2008), a partir da teoria de Wacqüant (2002), válidas e importantes para o desenvolvimento da reflexão sobre esta prática corporal. Tentaremos, portanto, contribuir com a observação de mais uma nuance, ao levar em consideração essa construção teórica na transição do vale-tudo para o MMA. Para tal, lembraremos de alguns eventos públicos e notórios (para os lutadores que viveram a época).

No auge dos eventos do vale-tudo no Brasil, especialmente as décadas de 1980 e 1990, os desafios entre lutadores de diferentes artes marciais eram frequentes. Tais desafios não raros chegaram às vias de fato e tiveram como palco

as próprias academias de lutas ou ainda locais públicos, como estacionamento de shoppings centers, clubes que sediaram competições e as praias do Rio de Janeiro. Um caso emblemático está registrado em vídeo público na internet e ocorreu na praia da Barra da Tijuca, nos anos de 1980. Trata-se de uma luta realizada entre Rickson, considerado o melhor lutador da família Gracie de sua geração, e Hugo Duarte, um dos mais importantes representantes da luta livre carioca.

Os confrontos referidos acima não se caracterizavam como uma briga de rua e uma violência gratuita, pois havia de algum modo regulações ordenando-os. Não eram brigas generalizadas e não há relatos de espancamentos ou coisa parecida. A lógica que prevalecia era quase a mesma dos confrontos de vale-tudo com juízes e organizados em arenas. O que estava em jogo também era a afirmação de uma arte marcial. Mas havia uma diferença, pois, os confrontos em locais públicos muitas vezes foram desencadeados por problemas de ordem pessoal entre os lutadores.

Notem que no MMA, os desafios e desavenças entre lutadores ainda se fazem presentes. Há lutadores famosos pelas suas provocações, veiculadas em entrevistas e em sites de relacionamento da internet. Nos eventos organizados pelo UFC, a pesagem dos atletas, realizada no dia anterior ao das lutas, usualmente é palco de provocações e tensões. No entanto, essas desavenças, em grande parte, se tratam de estratégias para a promoção das lutas, e algumas vezes para a promoção pessoal. Os lutadores são orientados para representar e adotar determinado discurso que vise a promoção da luta. Atualmente, os lutadores profissionais parecem adotar um código de conduta para essa nova modalidade, no qual não há lugar para embates públicos e lutas desencadeadas por diferenças pessoais. O que está em jogo são suas carreiras profissionais. Consideramos, portanto, que as características assumidas pelo MMA, anunciadas através de suas marcas de ruptura com o vale-tudo, especialmente o processo de profissionalização e a maior exposição midiática, serviram para, de certo modo, acirrar o controle do corpo e o código de moralidade dos lutadores.

## 1.8 Conclusão

Concordamos com Nunes (2004) e Thomazini, Moraes e Almeida (2008) quando consideram que o controle do corpo e o código de moralidade do lutador de boxe, descritos por Wacqüant (2002), também são encontrados no ethos dos lutadores de MMA. E, ainda, consideramos que na transição do vale-tudo para o MMA essas características se acirraram, constituindo uma das marcas de ruptura que procuramos identificar através deste ensaio.

Outra marca de ruptura importante foi a criação de um novo modelo de lutas, no qual não basta ser eficiente em apenas uma modalidade. Esse novo modelo, ao inviabilizar a manutenção do treinamento de uma luta em específico, acabou por deslocar a identidade dos lutadores de sua luta de origem para o próprio MMA. Os atletas passaram a se identificar como lutadores de MMA.

O mercado da luta também apareceu como uma questão central em nossas reflexões sobre a transição do vale-tudo para o MMA. Mesmo no vale-tudo, havia uma importante preocupação com a venda de um produto. No entanto, o produto a ser vendido já existia. Eram as artes marciais que os lutadores defendiam – com destaque para o Gracie jiu-jítsu. No MMA, cria-se um novo produto a ser vendido. E, por fim, a aceitação do MMA pelos meios de comunicação provavelmente foi consequência do sucesso da criação do novo produto.

## Referências

BOTTENBURG, M.; HEILBRON, J. De-sportization of fighting contests: the origins and dynamics of no holds barred events and the theory of sportization. *International Review for the Sociology of Sport*, v.41, n.3, p.259-282, December 2006.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 6.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

CROSSLEY, N. *The Social body: habit, identity and desire*. London: Sage, 2001.

DOSSE, François. *A História em migalhas*. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

ELIAS, N. *O Processo civilizador*, v.1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, N; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

MENEZES, P. F.; FERREIRA, S. W. *Lutas: potencial educativo e formativo das lutas*. Rio de Janeiro: Viagraf, 2009.

GARCIA, R. S.; MALCON, D. Decivilizing, civilizing or informalizing? The international development of Mixed Martial Arts. *International Review for the Sociology of Sport*, v.45, n.1, p.39-58, March 2010.

GRACIE, R. *Carlos Gracie: o criador de uma dinastia*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HIROSE, A.; PIH, K. K. Men who strike and men who submit: hegemonic and marginalized masculinities in Mixed Martial Arts. *Men and Masculinities*, v.13, n.2, p.190-209, December 2010.

NUNES, C. R. F. *Corpos na arena: um olhar etnográfico sobre a prática das artes marciais combinadas*. 2004. 251 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

REIS, J. C. Da história “global à história em migalhas”: o que se perde, que se ganha? In: GUAZZELLI, C. A. et al. *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

SPENCER, D. C. Habit(us), body techniques and body callusing: an ethnography of Mixed Martial Arts. *Body Society*, v.15, n.4, p.119-143, December 2009.

THOMAZINI, S. O.; MORAES C. E. A.; ALMEIDA F. Q. Controle de si, dor e representação feminina no Mix Martial Arts. *Pensar a prática*, Goiânia, v.11, n.3, p.281-290, set./dez. 2008.

WACQUANT, L. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

## 2 A LUTA LIVRE DO SÉCULO XX NO RIO DE JANEIRO

### RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a trajetória da luta livre no Rio de Janeiro, no século passado. Os dados provêm de quatro entrevistas com protagonistas dessa luta, com idades entre 46 e 78 anos e de revistas de lutas. Trabalhando com memória e história oral, verificamos que a luta livre carioca se aprimorou por movimento interno e através da hibridização com outras modalidades de combate, rumo à esportivização. A análise permitiu concluir que a luta livre afirmou e reconstruiu sua identidade, em confronto com o jiu-jítsu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luta. Artes marciais. História do século XX. Narrativas pessoais.

### 2.1 Introdução

Durante o século XX, eventos de vale tudo que confrontavam modalidades de artes marciais tiveram destaque em diferentes regiões do Brasil. A cidade do Rio de Janeiro foi um dos palcos desses confrontos, em que os pugilistas pretendiam mostrar a superioridade técnica de sua modalidade de luta. As narrativas históricas dão destaque para algumas delas, como a luta livre, o muay thai e o jiu-jítsu associado à família Gracie (AWI, 2012; GRACIE, 2008; VASQUES, BELTRÃO, 2013). Existe discordância sobre o protagonismo do jiu-jítsu, uma vez que a luta livre, o boxe e a capoeira, “[...] com seus predicados singulares, tiveram fundamental importância na constituição dos combates intermodalidades”. (LISE, 2014, p.128).

O problema do estudo é: como se manifestam, em depoimentos orais, as memórias de quatro ícones da luta livre, sobre o desenvolvimento desta modalidade de luta, e sua participação em combates de vale tudo, em que os confrontos se esportivizam?

A Federação de Luta Livre e Submission do Estado do Rio de Janeiro (FLLSERJ) destaca em seu site oficial que a luta “[...] nasce ‘livre’ como diz o próprio nome, sem adereços ou complementos, em consonância com a própria natureza. O

homem sempre lutou, e continuará lutando até o fim dos séculos”. O texto sobre a história dessa modalidade é assinado pelo Mestre Roberto Claudio Leitão, nosso informante, que conclui: “Seria oportuno lembrar que a origem da luta livre se funde com a da luta olímpica e hoje tem, sem dúvida, o maior número de praticantes no mundo (mais de 30.000.000)”. O site destaca a trajetória do lutador Tatu, que foi o primeiro praticante de luta livre a ganhar notoriedade – desde 1928. Oriundo da natação e com físico privilegiado, aprendeu as técnicas da luta livre e venceu os desafios de lutas nas décadas de 1940 e de 1950. (FEDERAÇÃO, 2015).

De acordo com Awi (2012, p.18), as lutas “[...] arrastaram multidões sedentas para assistir a uma boa briga”; e a luta livre esteve presente em muitos dos eventos de vale tudo. Segundo Melo (2007), o esporte, que já se destacava como prática social no início do século XX, encontrou eco nas propostas do futurismo, que celebrava o movimento agressivo, a bofetada e o murro, ingredientes de diferentes modalidades de lutas. Os principais jornais do século passado, como Correio da manhã, A Época, A manhã e Jornal do Brasil dão conta da trajetória da luta livre. Entretanto, há uma lacuna no que se refere ao posicionamento dos próprios protagonistas da luta livre e de sua trajetória. Estudos como os de Amaral (2014), afirmam, categóricos, que a luta livre, em seus primórdios, não tinha nada de entretenimento. O objetivo do artigo é ampliar as discussões sobre a luta livre nos eventos de vale tudo, a partir de análise das vozes de quatro protagonistas, nos eventos de vale tudo no Rio de Janeiro.

Compartilhamos a ideia de Gebara (2004) sobre história oral, no sentido de que produzimos documentação de natureza *sui generis*, com depoimentos orais subjetivos, e em parte provocados pela interferência do entrevistador. Privilegiamos as fontes orais, dada sua utilização intensiva e extensiva na área de educação física. Com Ibrahim (2014, p.115), através dos depoimentos orais damos ao informante “[...] a subjetividade como produção, a verdade enquanto circunstanciada e contingente, a memória como um processo ativo de ressignificações”.

Concebemos o presente, como Meihy (2010, p.181), “[...] como produto de processos ainda em curso, é dele que se parte para a observação de acontecimentos, situações e fatos”. Os saberes dos depoimentos orais são contingentes, provisórios, produtos da memória presente, reconstruções do vivido.



## 2.2 Metodologia

Na presente pesquisa, utilizamos o método de história oral (THOMPSON, 2002), com narrativas provocadas por entrevistas de profundidade. Nós nos aproximamos da transcrição (MEIHY, 2006, p.194-195), no sentido de que temos que entender para explicar e explicar para transformar, “donde, compreender é transformar”, pois, assim analisamos o todo, tendo compromisso com o social, utilizando o começo, o meio e o fim da história. Valemo-nos das técnicas de análise de conteúdo, para postular categorias a posteriori, e para as inferências (BARDIN, 2011). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Pedro Ernesto, sob o número 781.338.

Os estudos de natureza sociocultural sobre lutas vêm ganhando consistência e acumulando saberes sobre práticas e representações sociais, a partir de investigações empíricas, em que se procede à análise de entrevistas orais, individuais ou em grupo, com os protagonistas das diferentes modalidades de lutas. A discussão da temática das lutas no ensino, Gomes et al (2010), Nascimento e Almeida (2007), bem como Rufino e Darido (2011), atestam a importância desses estudos.

A opção de trabalhar com a memória social, em narrativas orais, acumulou saberes relacionados às práticas corporais, marcados pela contingência própria da história e da memória orais, com os informantes instados a textualizar suas experiências, vivências, conhecimentos, atitudes e comportamentos.

A escolha dos quatro informantes de elite obedeceu a critérios relacionados ao tempo de prática e às graduações na luta livre. Roberto Cláudio das Neves Leitão (10º DAN), João Ricardo Nascimento de Almeida (8º DAN), Hugo da Silva Duarte (8º DAN) e Johil de Oliveira (6º DAN) pertencem a duas gerações na história da luta livre carioca.

A revisão da literatura sobre a luta livre carioca mostra uma lacuna, no que se refere às vozes dos seus protagonistas. Com a história oral, buscamos preencher parte desta lacuna, e contribuir para compreender como se deu a trajetória da luta livre no Rio de Janeiro, e a inclusão de cada informante nessa trajetória, nos termos de Amado e Ferreira (2006, p.75-76), construindo uma “história de baixo para cima. [...] um ângulo diferente de visão e uma noção mais ampla do próprio processo”.

Optamos por trabalhar com vozes até então ocultas, ou pouco audíveis, dos protagonistas da luta livre, no escopo da História Oral, onde constatamos potencialidade e força especiais (THOMPSON, 2002). As questões da entrevista oportunizaram aos entrevistados discorrer sobre sua própria trajetória e avaliar o processo de consolidação de suas carreiras na luta livre. Os quatro informantes foram escolhidos após consulta a mestres do Rio de Janeiro, que os apontaram como destaques da luta livre na atualidade.

A coleta aconteceu entre 2013 e 2015. O roteiro da entrevista, validado por juízes, organizado em blocos temáticos, permitiu aos entrevistados e ao entrevistador a liberdade de abordarem a história de cada um, retornando ao tópico do estudo, sempre que necessário. As entrevistas foram categorizadas e analisadas, seguindo as técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Da análise das respostas, resultaram as seguintes categorias: trajetória da luta livre; influências e alianças com outras modalidades; Rio de Janeiro como palco da luta; e mercado internacional da luta. Com base na análise das respostas, iluminamos as partes recorrentes e as distribuímos nas categorias que postuláramos.

### **2.3 Apresentação e discussão dos resultados**

Através da análise e interpretação das narrativas dos entrevistados, com apoio das publicações dos principais jornais cariocas da época e de estudos recentes, oferecemos nova leitura da trajetória da luta livre no século passado em solo carioca.

### **2.4 Trajetória da luta livre**

O site da FLLSERJ indica que o primeiro registro da luta livre foi em 1928, com o lutador Tatu, mas Roberto Leitão apresenta outros indícios sobre o pioneirismo da luta livre no Rio de Janeiro: “O Sinhozinho, antes, já tinha, em 1920, uma espécie de equipe de luta no Flamengo” (FEDERAÇÃO, 2015). Neste excerto,

identificamos um esforço de legitimação mais antiga sobre a prática da luta livre, recorrendo à construção de uma memória que busca remeter-se aos tempos de 1920.

Para o entrevistado João Ricardo, a luta livre foi proposta diante da necessidade de dominar técnicas de solo, necessárias para lutar os eventos que aconteceram nos anos de 1967 e 1968: “Era na Rua do Rosário, então eu só fazia caratê eu não fazia luta livre, então eu comecei na minha academia, eu comecei a fazer vale tudo no América, então eu comecei a treinar a luta livre” (RICARDO, 2014). O mestre fala sobre os lutadores que contribuíram para o seu aprendizado das técnicas de chão, da luta livre: “Hilbernon de Oliveira passava a parte de chão para a gente, de calção, então, aí eu comecei a fazer a técnica de luta livre, mais tarde eu conheci o Roberto Leitão, em 1973, 1974, [...] aí, eu me aperfeiçoei na luta livre” (RICARDO, 2014).

A entrada do lutador Hugo Duarte na modalidade de luta livre aconteceu na sua adolescência: “Foi no Santa Luzia, [...] o professor Brunocilla gostou de mim, eu estava no tatame lá, tinha pouca gente pra treinar, aí, ele falou: quer dar um treino, eu comecei a treinar, ele falou: você tem a maior raça, comecei a treinar com 14 anos de idade”.

Hugo Duarte confere à modalidade de luta livre o status de pioneira entre as outras existentes: “A luta mais antiga é a nossa, no caso com adaptações”. Ele indica, em sua fala, que a luta sofreu adaptações, desde o seu surgimento, até os dias atuais.

Johil de Oliveira começou a luta livre aos sete anos de idade, por influência de seu pai: “Eu sempre gostei de jogar bola na época, mas, o meu pai praticamente me forçava a ir pra academia com ele, meu pai era lutador também” (OLIVEIRA, 2015). Os principais mestres que se destacam na formação de lutadores e disseminadores da luta livre foram Sinhozinho, Brunocilla e Roberto Leitão. De acordo com Lise (2014), as apresentações de luta americana em teatros do Rio de Janeiro, por trupes estrangeiras, em 1909, 1911, 1913 e 1915, tiveram grande repercussão e aceitação dos cariocas, o que sugere o grau de disseminação desta prática. No decorrer do século passado, a modalidade foi rebatizada, de luta livre romana para luta livre americana e, por fim passou a denominar-se luta livre esportiva e luta livre. Em 1920, segundo Roberto Leitão, o Mestre Sinhozinho tinha uma equipe de luta livre no Flamengo; nesse mesmo ano, o Correio da Manhã de 13 de abril registra a

chegada ao Rio, do campeão de luta livre, o espanhol André Balsa, que desafia todos os amadores e profissionais. Em 1930, noticia a imprensa, o brasileiro Manoel Rufino enfrenta um representante da luta livre americana entre os tripulantes do cruzador americano. (O CRUZADOR, 1930, p.3). Nas décadas de 1940 e 1950, os jornais continuaram a destacar a luta livre nos eventos de vale tudo como espetáculos que tinham as plateias sempre lotadas, e que aconteciam com trupes já treinadas.

A trajetória da luta livre no Rio de Janeiro suscita reflexões sobre enobrecimento das atividades de lutas, seu papel na formação cidadã, o foco na defesa pessoal, no respeito pela integridade do oponente, o que se conseguiu com a transferência dos embates das praias e ruas para recintos fechados.

A apropriação do conceito de esportivização, proposto e desenvolvido por Elias e Dunning (1992), nos permitiu avançar na compreensão do que se deu, no Rio de Janeiro, ao ressignificar as lutas, tanto luta livre como jiu-jítsu, de atividades de gangues e grupos de jovens relativamente irresponsáveis no uso da força e das técnicas de combate, para atividades de prestígio, desenvolvidas em academias que congregam lutadores envolvidos com o presente e o futuro das modalidades de luta esportivizadas, consolidadas nos eventos de vale tudo e institucionalizadas nos campeonatos de artes marciais mistas. O fato de o Ministério do Esporte apoiar com recursos financeiros e técnicos os eventos juvenis de luta indica que a esportivização dessa área se consumou. Em agosto de 2015, a pasta investiu R\$ 3 milhões no Mundial Júnior de Wrestling que reuniu atletas de 62 países. “A pasta celebrou sete convênios, nos últimos cinco anos, com a Confederação Brasileira de Lutas Associadas (CBLA) que resultaram em investimentos superiores a R\$ 14 milhões” (BRASIL, 2015).

## **2.5 Influências e alianças com outras modalidades de luta**

Apropriar-se de técnicas de outras modalidades de luta para adaptá-las a seus interesses e propósitos, é uma prática de hibridismo, utilizada por vários mestres de artes marciais. Citamos como exemplo Jigoro Kano que, em 1882, ao criar o judô, adaptou técnicas do jiu-jítsu japonês, praticado pelos antigos mestres

samurais, bem como de outros tipos de luta que na época se desenvolviam no Japão. (KANO, 2010). A luta livre incorporou recursos de trupes europeias, como bofetadas e golpes traumáticos; progressivamente, aprimorou esses recursos e se apropriou de técnicas de outras modalidades de luta, voltada para os confrontos de rua. Podemos dizer, então, que resultou hibridização, que “consiste em um tipo de mescla que renova a cultura, produzindo novos sentidos”. (KERN, 2004, p.59).

Além da luta livre, dois dos nossos quatro entrevistados treinaram outras modalidades de luta, enquanto dois se iniciaram diretamente nos treinos de luta livre. Observamos as evidências dessas influências nas falas dos entrevistados. Segundo Roberto Leitão, a sua trajetória da luta livre se desenvolveu no Rio de Janeiro, em um contexto de troca de informações, experimentos pessoais e apropriações de técnicas corporais oriundas de outras modalidades: “Eu falei não adianta eu fazer jiu-jítsu, que eu estarei sempre atrás dele. Escolhi o judô [...] nunca parei, continuei fazendo judô até a faixa preta quarto grau” (LEITÃO, 2014).

O mesmo entrevistado, que tem papel relevante na formulação das técnicas da luta livre, mostra-nos seu envolvimento pessoal na compleição da luta:

Eu conheci a luta livre, pelo calor, a gente tirava o paletó porque era muito quente o paletó do quimono. A gente começou a treinar aquilo, e aí a gente começou a procurar um ou outro que lutava, e descobri o Sinhozinho. É, eu fui adaptando as coisas do jiu-jítsu, do judô e da luta livre, praticamente, pois, já tinha os praticantes dos subúrbios, [...] quando tinha um estrangeiro, a gente tirava alguma coisa (LEITÃO, 2014).

João Ricardo começou no judô, passando em seguida para a prática do caratê e, após vários confrontos, passou a treinar luta livre no América, conforme referimos acima. Para Hugo Duarte, a experimentação dos diferentes tipos de luta se deu no habitus pugilístico, em que se manifesta a influência de outras lutas: “É, participei. Um boxe inglês, um boxe tailandês, tinha amigos, que eram do boxe e do boxe tailandês, tinha uma família do boxe inglês e do boxe tailandês, é tudo uma família” (DUARTE, 2013).

A preocupação de Hugo Duarte para aprimorar as técnicas se justifica na carência de técnicas de “trocação” do combate em pé, e nas vantagens da luta livre; daí a união com a “família” do boxe inglês e do boxe tailandês: “[...] treinava com todos “cascas grossas”, eu passava a parte de chão para eles e eles passavam a parte em pé pra mim” (DUARTE, 2013).

Johil de Oliveira, que se especializou em luta livre, também se viu treinando o *muay thai*: “A gente tinha uma parceria com Luiz Alves, da Boxe Thai, então todo o mundo que treinava luta livre, fazia *muay thai*, lá na Boxe Thai, e quem treinava *muay thay*, com Luiz Alves, treinava a luta livre lá com a gente” (OLIVEIRA, 2015).

Dentre todas as modalidades de luta praticadas no Rio de Janeiro, nota-se que a luta olímpica esteve presente na trajetória dos quatro informantes, e que a mesma reforçou o repertório de golpes da luta livre; os informantes treinaram e foram campeões deste tipo de luta, como técnicos e como atletas. Segundo Roberto Leitão, “[...] nós pusemos gente da luta livre, para aprender a luta olímpica. [...] para o nosso estilo, a luta olímpica é o ‘fiel da balança’, porque, não adianta você ser o melhor cara de chão do mundo, se você não bota o outro no chão” (LEITÃO, 2014). João Ricardo afirma: “[...] eu fazia luta livre olímpica pela Gama Filho, eu fui campeão cinco anos seguidos” (RICARDO, 2014). O depoimento de Hugo Duarte mostra envolvimento com a luta olímpica durante a vida toda: “Eu fiz, com 16 anos, eu tenho 50 anos” (DUARTE, 2013). Johil de Oliveira, por sua vez, diz: “Eu nunca treinei luta olímpica, mas, participei do Campeonato Carioca e fui campeão em 1995” (OLIVEIRA, 2015).

Portanto, temos evidências nas falas dos informantes de que a luta livre foi construída em um contexto de colaboração estreita com luta olímpica; nas disputas esportivas, a união com esta modalidade refinou as técnicas da luta livre, também conhecida por outros nomes: “A gente chamava de pistola, ou luta esportiva, ou luta de calção” (LEITÃO, 2014). “Era luta de calção” (RICARDO, 2014). “Há vinte anos eu falei que a luta da moda seria a luta livre” (DUARTE, 2013). Nosso informante mais jovem, que treina e pratica luta livre desde os sete anos, afirma: “Se você tira quimono (fica só de calção) e faz a parte de chão, é luta livre” (OLIVEIRA, 2015). A indefinição de termos para identificar a modalidade de luta é sintomática de um campo em construção. *Prowrestling*, *wrestling*, luta livre esportiva, luta livre olímpica, luta livre: os rótulos evidenciam aproximações e apropriações, que por vezes podem dar a impressão de um campo difuso, com sobreposição parcial de estilos e técnicas.

O fato de ser treinada e lutada com calção facilitava a aceitação, por assemelhar-se à realidade dos combates em que tudo valia, donde se teria derivado o termo vale tudo. Entretanto, tal interpretação literal não é consensual. Parte considerável dos documentos que foram compulsados utiliza a expressão eventos

de vale tudo, em que prevalece a interpretação de que nesses eventos os pugilistas se confrontavam com oponentes de estilos diferentes dos seus.

## 2.6 Rio de Janeiro como palco da luta

Os eventos de vale tudo no Rio de Janeiro eram organizados por lutadores conhecidos, com liderança indiscutível em luta livre e jiu-jítsu, que se desafiavam e enfrentavam nas praias, ruas e estacionamentos. O contexto da época era de afirmação de cada modalidade de luta. O que estava em jogo era mostrar que uma modalidade de luta podia sobrepujar a outra, e comprovar quais eram as melhores modalidades de lutas e os melhores mestres. Segundo Lise, “na década de 1930, os periódicos cariocas passaram a anunciar com certa frequência alguns eventos que reuniam lutas de boxe, jiu-jítsu, capoeira, luta romana e, em algumas ocasiões, confrontos intermodalidades” (LISE, 2014, p.152).

Esses eventos se foram amiudando, mas não chegaram a inibir de todo as manifestações em praças e ruas, a ponto de Roberto Leitão afirmar, sobre o programa de confronto apresentado pela TV, na década de 1960: “Era na Gávea, bem em frente ao jóquei, a gente participava dos “Heróis do ringue”, vale tudo, na TV Continental. [...] naquela época era um dos Gracie contra um de fora, a nossa academia, de luta livre, tinha vantagens, por incrível que pareça” (LEITÃO, 2014).

Em 1960, as autoridades demonstram preocupação com os espetáculos de luta livre, devido às ‘bofetadas’, e dizem que “[...] o perigo e ausência total de esportividade na luta livre (americana), modalidade que só é praticada no Brasil”, não deveria ser autorizada. (COMISSÃO,1960). O representante da luta livre americana, Rubens Berardo, em carta aberta ao Jornal do Brasil (BERARDO, 1960), defendia a continuidade dos eventos de vale tudo, que aconteciam às segundas-feiras com exibição da TV Continental, organizados pelos irmãos Gracie. Mas as famílias brasileiras repudiavam as cenas violentas. Houve uma celeuma, provocada por vários órgãos da imprensa da época, que culminou com uma carta enviada pelo major-brigadeiro da aeronáutica ao “Senhor chefe de polícia, no sentido de que esta autoridade proíba a realização de tais espetáculos”. O jornal concluía que o fato já fora levado para discussão no Conselho Nacional de Desportos e que acataria a

decisão do mesmo (BERARDO, 1960, p.9). No mesmo dia, o Jornal Correio da Manhã divulgava matéria sobre modificação das regras: “A comissão vai modificar...” (COMISSÃO, 1960). A discussão causada na época era sobre utilização das bofetadas desferidas pelos lutadores, durante os confrontos: “Houve uma série de opiniões desencontradas sobre a luta livre, regulamentos, conveniências, ilegalidades de socos, cada qual querendo sustentar a tese que lhe interessava” (COMISSÃO, 1960, p.15).

A luta livre, que no início se desenvolvera por si só, importou golpes à bofetada que evoluíram para socos, que passaram a ser utilizados também nos eventos de vale tudo. Os eventos de vale tudo passaram por uma crise, que prenunciava mudanças; dividiam opiniões, com cenas excitantes para alguns, violentas para outros. A crise prenunciava esportivização, no sentido de Elias e Dunning (1992), de controle progressivo sobre a força física e restrição de danos no corpo do oponente.

Em 1962, houve um episódio lamentável, quando um lutador de jiu-jítsu deslocou o braço do seu oponente, em um famoso programa televisivo (AWI, 2012). A partir de então, cessou a transmissão pela TV. Os eventos diminuíram, com discussão e mudança nas regras, em diferentes regiões brasileiras. João Ricardo dá o tom dessa variação, no final da década de 1960, com uma versão literal para o termo vale tudo: “[...] no ringue, três *rounds* de cinco; em alguns eventos não valia soco, não valia cabeçada; no Rio valia mão aberta, joelhada, cotovelada, mas, não valia cabeçada; e em Goiás, eu lutei em Brasília, aí valia soco de verdade, aí era vale tudo mesmo” (RICARDO, 2014).

No depoimento, João Ricardo mostra o estágio de variação em mudança da luta, com socos de verdade, além de bofetadas, joelhadas e quedas. Estava-se em fase de indefinição, rumo à luta esportivizada. O aprimoramento das regras, com controle da violência e sua homogeneização alteraram os eventos no decorrer do século XX; as ações de ataque foram contidas ou modificadas sem alternativa, sob pena de manterem a modalidade de luta fora de qualquer espaço público.

A mudança nas regras, resultante da pressão por esportivização e em busca de espetacularização, voltou a atrair o público e garantiu que os eventos proliferassem país a fora, com ações de luta mais inteligíveis e previsíveis, tanto aos praticantes quanto aos espectadores.



Neste contexto, merece citação literal uma passagem do texto de Elias e Dunning, que ajuda a compreender o que se passou com a luta livre no Rio de Janeiro: “[...] as competições integraram um conjunto de regras que asseguravam o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável proteção contra os ferimentos físicos” (ELIAS, DUNNING, 1992, p.224).

Segundo os depoimentos orais dos lutadores, o Rio de Janeiro teria sido ponto de referência para a luta livre. Entretanto, outros estudos orais apontam outras capitais como referência (PASSOS et al., 2014). Hugo Duarte sinaliza o retorno dessa luta no início da década de 1980, quando assistiu ao primeiro evento de vale tudo no ginásio do América Futebol Clube, no Rio de Janeiro: “O primeiro vale tudo que eu vi foi em 1980, vi no América com o João Ricardo, da Budokan” (DUARTE, 2013). Naquela época, Hugo treinava luta livre com o mestre Brunocilla, no clube do Boqueirão.

João Ricardo, ídolo da luta livre nos eventos de vale tudo no Rio de Janeiro e também em outros estados, influenciou legiões de cariocas praticarem a modalidade, desde a década de 1960 até o ano 2000, como lutador, como treinador e idealizador da copa Budokan.

Em cada confronto, as modalidades de combate eram avaliadas. Segundo Roberto Leitão: “naquela época era um dos Gracie contra um de fora (*i.e*, luta livre)” (LEITÃO, 2014). Para João Ricardo (2014) “a gente fazia vale tudo, a gente não sabia o que o adversário fazia”. Para Hugo Duarte (2013) “no vale tudo no Rio de Janeiro, [...] cada um defendia a sua bandeira, defendemos a nossa porque tinha coisas que eram absurdas que aconteciam, e nós nos revoltamos com isso”. Johil de Oliveira (2015) evidencia a rivalidade com o jiu-jítsu: “a minha vontade sempre foi lutar com o pessoal do jiu-jítsu, para provar, que não existe a melhor modalidade, existe o melhor atleta, né, o melhor atleta, aquele que está mais bem preparado”. O portal Brazilian Jiu-jítsu (2015) relata 11 confrontos com luta livre. Jiu-jítsu teve seis vitórias, quatro empates e uma derrota. Em 1997, por conta de nova confusão em evento televisionado, voltou a ser banido, por vários anos.

Johil de Oliveira afirma que na década de 1990, o seu objetivo era lutar contra o jiu-jitsu, para provar que vencia o atleta mais bem preparado, independentemente da modalidade. Quando João Ricardo afirma que a modalidade do oponente não era conhecida, ele se refere ao início do combate, pois a origem da modalidade de luta

do oponente se evidencia no correr do combate e, ao término do mesmo, a modalidade vencedora é explicitada e enaltecida.

Temos evidência de que os desafios dos integrantes do jiu-jítsu, lançados contra oponentes de qualquer modalidade de luta buscavam a afirmação do seu nome no mercado da luta – e não raras vezes encontraram ícones de outras lutas dispostos a enfrentá-los. Segundo o mestre Roberto Leitão (2014), “os seguidores do jiu-jítsu sempre invadiam as academias”. Hugo Duarte oferece uma explicação para a união da luta livre com o boxe tailandês: “[...] e eles invadiram a academia do Molina; houve uma briga, e marcaram um vale tudo com o boxe tailandês, nós nos unimos ao boxe tailandês; e começou essa guerra entre jiu-jítsu e luta livre” (DUARTE, 2013).

Os ataques se davam até na praia, como nos conta Hugo Duarte, sobre uma das cenas mais emblemáticas dessa rivalidade, entre a luta livre e o jiu-jítsu, na década de 1990: “na praia do Pepe, o Rickson Gracie chegou com cinquenta a sessenta pessoas, contra eu [...] e mais três pessoas; ele perguntou: ‘meu irmão, tá pronto?’ Uma semana depois invadimos a academia dele no Humaitá” (DUARTE, 2013).

O contexto das rivalidades entre as modalidades de lutas no decorrer da década de 1980, e a esportivização dos confrontos são analisados e avaliados por Hugo Duarte: “[...] o Rio de Janeiro era sitiado, era só luta livre e jiu-jítsu, até que hoje em dia ficou uma coisa bem saudável, todo o mundo se dá bem hoje em dia, mas, antigamente não” (DUARTE, 2013).

Johil de Oliveira fala sobre a rivalidade: “isso foi importante para o crescimento do vale tudo, entendeu, tanto da luta livre quanto do jiu-jítsu” (OLIVEIRA, 2015).

O crescimento da luta livre foi em parte provocado pelas práticas e discursos do jiu-jítsu, como nos relata Roberto Leitão (2014): “jiu-jítsu usava muito a teoria de enfrentar para provar a supremacia da arte que ele defendia”. O jiu-jítsu se construiu, frente às outras modalidades de lutas, a partir da afirmação de suas técnicas, como a mais eficaz das lutas corporais. Para manter essa imagem, que lhe rendia fama e *status* no mercado da luta, o jiu-jítsu necessitava se afirmar diante das outras lutas, e a luta livre se destacou como principal oponente nesses combates.

## 2.7 Mercado internacional da luta livre

Os enfrentamentos e as vitórias em alguns eventos de vale-tudo, transmitidos pela TV no início da década de 1960, trouxeram notoriedade internacional para a luta livre e o jiu-jítsu. O mundo da luta começou a conhecer os brasileiros em eventos internacionais de vale tudo. O depoimento de Hugo Duarte nos indica como havia empecilhos à entrada da luta livre no cenário internacional dos eventos de confronto, por conta do poder de barganha do jiu-jítsu: “chegou um japonês aqui, o Miúra [...], se ele levasse (contrato) lá para os caras do jiu-jítsu, os caras iriam breçar, não iriam deixar fechar contrato comigo nunca” (DUARTE, 2013).

Desde o início de 1980, os promotores de eventos internacionais de vale tudo buscavam pelo mundo os melhores lutadores, e os brasileiros estiveram em destaque. O Japão era a “Meca” do vale tudo mundial a partir da segunda metade da década de 1990, quando a luta livre ganhou notoriedade, e eclipsou a soberania da família Gracie, como nos informa João Ricardo: “[...] foi em 1996, quando eu fui para o Japão, aí eu levei Ebenézer, The Pedro, e Johil, para o evento no Japão: os três ganharam o Challenger” (RICARDO, 2014).

Na mesma linha, está o depoimento de Hugo Duarte, que evidencia o prestígio da luta livre: “fomos heróis; nós, conseguimos ir ao Japão, viajar à Europa toda, fui vinte vezes ao Japão; eu não saio daqui para dar um seminário por menos de três mil euros, cinco mil euros” (DUARTE, 2013).

As vitórias da luta livre, nos eventos internacionais de vale-tudo apresentaram aos estrangeiros novas técnicas desta modalidade de combate, que os nossos informantes, em especial o lutador e engenheiro Roberto Leitão, ajudaram a desenvolver. É o que se lê, no depoimento de Roberto Leitão (2014): “[...] luta de muitos golpes, cervical, torções, chaves de calcanhar”. Johil de Oliveira complementa: “porque tem muitos mais golpes, que no jiu-jítsu não pode, que na luta livre pode. Então eu acho a luta livre mais completa” (OLIVEIRA, 2015).

A multiplicidade de golpes da luta livre e a eficiência dos mesmos abriram um mercado internacional para a realização de palestras sobre a modalidade no exterior, como se vê na declaração de Hugo Duarte, que realizou seminários na Itália e na Holanda: “[...] cheguei a ganhar 50 mil dólares por mês; fui para a Europa toda, na América do Sul também; é uma luta diferente, que tem muitos golpes”

(DUARTE, 2013). O mundo da luta se encantava com a variedade e quantidade de técnicas e de golpes traumáticos desenvolvidos pela luta livre na cidade do Rio de Janeiro, durante o século XX.

## 2.8 Conclusão

A trajetória da luta livre no Rio de Janeiro traduz a decisão e o desempenho de diferentes grupos de lutadores em confronto e se consolida na afirmação da identidade e da diferença, garantindo o acesso aos bens culturais, ao prestígio social e ao poder material.

A conclusão é que os esforços dos protagonistas da luta livre não foram inócuos. A modalidade evoluiu, incorporou novas técnicas, aprimorou regras e mecanismos de controle da força física, contribuindo para a melhoria do autoconceito dos lutadores. A esportivização resultou do embate dos interesses dos lutadores com os mecanismos de controle social dos clubes e das academias.

Cabe uma reflexão sobre a relação das lutas com as atribuições do profissional de educação física. Novos campos de intervenção, para o bacharel, supõem sua participação, nos processos de esportivização das competições de caráter técnico e lúdico, em que se incluem as lutas. Cabe-lhe a análise crítica dos mecanismos de controle e administração da agressividade na segurança social. De educação para autoestima e autoconceito. Cabe-lhe a análise dos componentes pedagogizáveis dos esportes individuais e coletivos, que permita desconstruir a metáfora da luta. Cada modalidade esportiva é uma luta, e cada modalidade de luta é um esporte em que o foco está no corpo do oponente, alvo móvel, que cabe vencer, sem ferir.

## Referências

A INAUGURAÇÃO em Athenas de uma Olympiada clássica. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 03 jul. 1927. Sports. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pesq=luta livre>>. Acesso em: 20 de abr. 2015.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AMARAL, Carlos César Domingos do. A luta livre no Brasil e o marketing esportivo. *Revista da Faculdade Eça de Queirós*, Jandira, n.14, p.1–12, jun. 2014.

AWI, Felipe. *Filho teu não foge à luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERARDO, Rubens. Carta aberta. *Jornal do Brasil*, 9 jan. 1960. Rio de Janeiro. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&PagFis=234&Pesq=luta livre](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&PagFis=234&Pesq=luta livre)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BRASIL. Ministério do Esporte. *Ministério do Esporte apoia maior competição júnior de luta olímpica do planeta*. Brasília, DF, 12 ago. 2015. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/52995-ministerio-do-esporte-apoia-maior-competicao-junior-de-luta-olimpica-do-planeta>. Acesso em: 19 out. 2015.

BRAZILIAN JIU JITSU HEROES. *Jiu jitsu vs. luta livre*. Disponível em: <<http://www.bjjheroes.com/pt-br/culto-jiu-jitsu/jiu-jitsu-vs-luta-livre>> Acesso em: 17 out. 2015. BRAZILIAN JIU JITSU HEROES. *Jiu Jitsu vs. luta livre: o culto do Jiu Jitsu. Lifestyle*. Disponível em: < <http://www.bjjheroes.com/pt-br/culto-jiu-jitsu/jiu-jitsu-vs-luta-livre> >. Acesso em: 17 out. 2015.

COMISSÃO vai modificar regulamento. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 jan.1960. 2.Caderno. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842\\_07&pasta=ano 196&pesq=luta livre](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano 196&pesq=luta livre)>. Acesso em: 15 de abr. 2015

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.

FEDERAÇÃO DE LUTA LIVRE SUBMISSION DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Luta livre*. Rio de Janeiro, RJ: FLLSERJ, 2015. Disponível em: <<http://lualivresubmission.com.br/origemriodejaneiro.htm>>. Acesso em: 10 maio 2015.

GEBARA, Ademir. Fontes históricas e oralidade. *Movimento*, Porto Alegre, v.10, n.3, p.133–154, set./dez. 2004.

GOMES. Mariana Simões Pimentel et al. Ensino das lutas, dos princípios condicionais aos grupos situacionais. *Movimento*, Porto Alegre, v.16, n.2, p.207-227, abr./jun. 2010.

GRACIE, Reila. *Carlos Gracie: o criador de uma dinastia*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

IBRAHIM, Elza. Um passeio pela História Oral em companhia de Portelli, Foucault e Coutinho. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.114-127, 2014.

KANO, Jigoro. *Energia mental e física*. São Paulo: Pensamento, 2010.

KERN, Daniela. O conceito do hibridismo ontem e hoje: ruptura e contato. *Revista Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, v.3, n.6, p.53-70, jul./dez. 2004.

LISE, Riqueldi Straub. *Entre diretos, ceintures avant, chaves de braço e rabo de arraia: os primórdios dos combates intermodalidades na cidade do Rio de Janeiro (1909-1929)*. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Memória, história oral e história. Oralidades. *Revista de História Oral*, São Paulo, n.8, p.179-191, jul./dez. 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. *Revista de História*, Rio de Janeiro, n.155, p.194-195, 2006.

MELO, Victor Andrade de. Esporte, futurismo e modalidade. *Revista História*, São Paulo, v.26, n.2, p.201-225, 2007.

NASCIMENTO, Paulo Roberto Barbosa do; ALMEIDA, Luciano de. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. *Movimento*, Porto Alegre, v.13, n.3, p.91-110, set./dez. 2007.

NO PAVILHÃO internacional. *A Epoca*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1913, p.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720100&pasta=ano191&pesq=luta livre>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

PASSOS, Daniele de Alencar *et al.* As origens do “vale-tudo” na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência. *Movimento*, Porto Alegre, v.20, n.3, p.1153-1173, jul./set. 2014.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na educação física escolar: necessidade ou tradição? *Pensar a Prática*, Goiânia, v.14, n.3, p.1-17, set./dez. 2011.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. Trad. Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira. *Revista História Oral*, Paraná, n.5, p.8-29, 2002.

VALE TUDO – uma disputa sangrenta que já é mania nacional. *Revista Nocaute-Editora Gracie*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1997.

VASQUES, Daniel Giordani; BELTRÃO, José Arlen. MMA e educação física escolar: a luta vai começar. *Movimento*, Porto Alegre, v.19, n.4, p.289-308, out/dez 2013.

### 3 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS REGRAS DO MMA

#### 3.1 Introdução

O foco original desta tese era a busca da excitação como razão primeira e mais poderosa para o envolvimento dos lutadores com a faina da luta. Nossa hipótese foi sendo progressivamente modalizada e acabou enfraquecida. Entretanto, ao atuar como comentarista de judô nas olimpíadas do Rio, em 2016, vi que se perdeu parte do encanto dessa modalidade de luta, com a mudança de algumas regras. Com foco na garantia da integridade física dos oponentes, houve supressão de alguns golpes e controle na virulência de outros.

Apesar de apresentar as preocupações com a integridade física dos atletas relacionadas com as mudanças das regras para 2017. Neste capítulo, no estilo ensaio, retomo a ideia da excitação, do seu controle e dos esforços empreendidos pelos promotores de MMA, para continuar a atrair o público amante de lutas e diminuir os riscos de lesões.

Os confrontos de MMA do UFC são regidos por regras unificadas de combates corporais, em que uma combinação de técnicas de diversas disciplinas das artes marciais é aplicada em um único combate, incluindo o agarramento, as quedas, os socos, os chutes, as joelhadas e as técnicas de solo como também os estrangulamentos e as chaves de articulação (UFC®, 2016a).

O UFC conquistou um público de classe média e alta, formador de opinião, que pode adquirir o *pay per view* e os ingressos para assistirem às lutas ao vivo. As competições de MMA do UFC atraem um grande público, pelo fato de o esporte apresentar características de diversas modalidades de luta em um só confronto. A imprevisibilidade dos golpes é um dos itens que atrai o público (PAIVA, 2015).

O espetáculo gira em torno de um regramento para conter a violência. Por outro lado, a própria violência é uma das atrações. Esse fato traz à tona o paradoxo do que é permitido e do que não é permitido fazer durante uma luta. As regras têm limitações, e por mais que os órgãos responsáveis se reúnam anualmente para alterá-las, certas mudanças são inseridas em nome do espetáculo e da excitação.



O regramento dos combates apresenta características das diversas modalidades de lutas. Entretanto, algumas regras, ou a falta delas, ainda causam polêmica quanto à segurança dos lutadores, já que potencializam o risco de dano físico irreversível para o lutador (ADAMI, 2015; COMISSÃO, 2016). Com o objetivo de estimular e promover a discussão sobre a complexidade dessas regras, no presente capítulo, identificamos e analisamos alguns pontos polêmicos das mudanças aprovadas em agosto de 2016, que entraram em vigor a partir de 2017 (GRUPO, 2016).

As regras do UFC existem desde a sua criação em 1993, entretanto seu aprimoramento fez-se necessário para que os eventos fossem aceitos pela sociedade e oficializados pelos órgãos competentes, pois desde a sua criação sempre causaram polêmicas relacionadas à integridade física dos praticantes (UFC®, 2016b).

Em 2009, o evento teve sua modificação mais significativa: as lutas conhecidas como “*No Barred Hold*”<sup>3</sup>, que se assemelhavam a uma briga de rua, passaram a se chamar *Mixed Martial Arts*<sup>4</sup> (MMA), inserindo mudanças nas permissões e proibições presentes nas regras. A *International Mix Martial Arts Federation* (IMMAF) foi criada em 2012 com o objetivo de regulamentar o MMA no mundo inteiro; o UFC é o maior e o mais famoso, porém, existem outros grandes eventos de MMA (BRITO, 2014). O órgão conta com o apoio do presidente do UFC, Dana White. As regras unificadas são obedecidas mundialmente como padrão pelos atletas de MMA e reconhecidas por comissões atléticas de 45 dos 48 estados americanos. No Brasil, o órgão regulador é a Comissão Atlética Brasileira de MMA (UFC®, 2016a; GRUPO, 2016).

A normatização buscou aumentar a segurança das lutas de MMA, cujos principais objetivos são o nocaute e a finalização, o primeiro pressupõe a perda de consciência do lutador após ser atingido na cabeça ou na linha de cintura por um golpe de percussão, a segunda se caracteriza pela desistência do lutador após sofrer um estrangulamento ou chave de articulação.

Estabelecer e ajustar regras para resguardar a integridade física dos lutadores desarmados sempre foi uma das questões centrais na normatização e

---

<sup>3</sup> Sem detenção barrada.

<sup>4</sup> Artes Marciais Mistas

esportivização desses combates. Desde 470 A.c., na Grécia Antiga, por exemplo, nas lutas de Pancrácio, uma mistura de boxe e *wrestling*, tudo era permitido, exceto enfiar os dedos nos olhos e torcer as articulações dos dedos (ELIAS, DUNNING, 1992; PAIVA, 2015).

No MMA, existe uma linha tênue entre a limitação de golpes traumáticos e a espetacularidade proporcionada por uma violência controlada. Segundo Elias e Dunning (1992, p.40), “em alguns desportos, existem áreas pouco nítidas onde a violência se pratica. Mas, na maioria dos confrontos desportivos, as regras existem com a finalidade de manter essas práticas sob controle.”

A interpretação dos juízes em uma luta de MMA é difícil, pois a mistura das técnicas de combate proporciona aos lutadores a realização de movimentos cada vez mais complexos, buscando aplicar um golpe apropriado a cada momento do combate. Isso exige deles uma performance extraordinária para dominar e aplicar, com precisão, técnicas de várias modalidades de luta de forma integrada, exige também dos juízes constante reciclagem (PAIVA, 2015).

A interpretação de determinadas posições do corpo do lutador durante os combates, causa dúvidas nos próprios lutadores. Relatamos, a seguir, um fato ocorrido no dia 30 de dezembro de 2016 no UFC. Ao acertar duas joelhadas na cabeça do lutador brasileiro Alex “Cowboy” quando este estava de três apoios, ainda no octógono, o lutador americano Means garantiu “que buscava o nocaute e que não tinha conhecimento de que a regra dos três apoios funcionava dessa forma” (GOLPE, 2016). O relato exclusivo do mestre Phillip Lima, treinador de Cowboy, para esta pesquisa foi concedido dois dias depois do acontecimento, via *Messenger* e está disponível para consulta no Apêndice C.

A partir da análise das regras dos combates de MMA no UFC e mediante discussão sobre determinadas permissões (como a aplicação de golpes - considerados pelos *websites* especializados em MMA - perigosos e polêmicos quando relacionados à integridade física dos lutadores) teremos dados capazes de contribuir para o aperfeiçoamento do esporte, além de auxiliar lutadores a perceberem os riscos dos danos físicos irreparáveis aos quais estão expostos.

Ressalvamos ainda que os dados discutidos poderão ser utilizados como fundamentação teórica para a elaboração das ementas e dos objetivos do ensino das lutas nos cursos de bacharelado e licenciatura em Educação Física, fornecendo

embasamento para a disciplina *Metodologia do ensino das lutas*, obrigatória nos cursos de graduação em Educação Física.

### 3.2 Aspectos metodológicos

Para a coleta dos dados, utilizamos os seguintes *websites* especializados em MMA: *UFC; Terra; Sexto Round; Porrada; Domingo Espetacular; Torcedores*.

Também utilizamos o relato de Phillip Lima sobre uma polêmica da regra envolvendo o seu atleta em um evento do UFC. Lima é mestre em Muay Thai desde 1989; fez mestrado em Educação Física e Cultura, concluído em 2008 pela Universidade Gama Filho, sendo orientado pelo professor Dr. Sebastião Josué Votre; é professor da disciplina Desporto de Combate no curso de licenciatura em Educação Física da Faculdade Gama e Souza; conta com uma equipe de 120 lutadores profissionais de MMA e tem dois lutadores classificados entre os 15 melhores do mundo, são eles Thiago Marreta e Luiz Henrique KLB.

Usamos ainda, como forma de complementar a discussão, excertos de uma das perguntas feitas aos lutadores de MMA relacionada à busca da excitação, as quais rolaram em uma conversa informal, por entendermos que as respostas traziam mais fundamentação ao capítulo, ressaltando que as entrevistas com os lutadores profissionais foram parcialmente descartadas. Os lutadores foram identificados com nomes fictícios.

Com o intuito de identificar e analisar o regulamento do UFC foram elencados cinco itens, com base nos temas pertinentes ao entendimento das regras: (i) *o palco das lutas e os materiais de proteção*; (ii) *as divisões por peso*; (iii) *as permissões e as proibições*; (iv) *as mudanças nas regras para 2017*; (v) *a busca da excitação em nome do espetáculo*.

As análises foram fundamentadas a partir da premissa de Elias e Dunning (1992) que afirmam que a preservação do corpo vem aumentando ao longo do tempo, porém o MMA gera polêmicas quanto aos danos físicos que podem ser causados por certas permissões inseridas em suas regras para os combates.

Por outro lado, a possibilidade de acesso às informações simultaneamente ao combate no octógono induz Salvini e Marchi Junior a serem “que as informações

divulgadas pelo website atingem um contingente de consumidores maior [...], disseminando um tipo de conteúdo que muito provavelmente será mais consumido e reproduzido” (SALVINI, MARCHI JUNIOR, 2016, p.798). O que se apresenta como um dado agravante no embate entre preservação do corpo *versus* espetacularização.

Descreveremos, nas seções subsequentes, as discussões dos itens elencados.

### **3.3 Análises**

#### **3.3.1 O palco das lutas e os materiais de proteção**

As competições de MMA são realizadas em uma área com formato de octógono, que varia de 6 a 9.75 metros e, é fechada por uma cerca de 1,80 de altura. O piso é acolchoado com uma camada de 2,5 cm de espuma, coberto por uma lona totalmente esticada e amarrada à plataforma do octógono. A finalidade da camada de espuma no solo é amortecer o corpo do lutador após sofrer uma técnica de projeção de seu oponente. A cerca de tela que fecha o octógono protege os lutadores para que não caiam fora da área de luta.

O equipamento de proteção pessoal tem a finalidade de amenizar os danos físicos que os lutadores podem sofrer. Dentre os equipamentos que visam à proteção do atleta, existem a bandagem, o protetor bucal, a coquilha, o protetor de seios e as luvas. A bandagem deve ser colocada no vestiário na presença dos árbitros para que não haja trapaça e visa a proteger as mãos dos atletas contra possíveis fraturas, este equipamento também potencializa os socos. O protetor bucal é um material feito de resina que se molda a arcada dentária do lutador para proteger os dentes. A coquilha que protege os testículos é utilizada apenas por homens, as mulheres utilizam protetores de seios. As luvas variam de peso, 113 gramas a 170 gramas, e são confeccionadas em um modelo que permita ao atleta socar e agarrar o adversário. Estes são elementos fundamentais para a manutenção da integridade dos atletas, pois amortecem, em parte, os impactos dos socos. Além

desses artifícios de proteção, os lutadores, antes dos combates, são untados com vaselina no rosto. Tal procedimento objetiva diminuir o impacto dos golpes de percussão, ou seja, os socos e os chutes “escorregam”.

A variação de peso das luvas está relacionada à espessura da espuma que acolchoa a área de impacto. Quanto maior o peso do lutador, maior a espessura.

Elias e Dunning falam sobre a esportivização e a aceitação do boxe na Europa, a partir da utilização de luvas acolchoadas e do ajustamento de um conjunto de regras, afirmação que pode ser aplicada aos combates de MMA no UFC.

De fato, a forma popular de luta só assumiu as características de um “desporto” quando se verificou a conjunção entre o desenvolvimento de maior diferenciação e, de certo modo, de formas mais estritas de um conjunto de regras, e o aumento de proteção dos jogadores quanto aos graves danos que podiam advir dos confrontos (ELIAS, DUNNING, 1992, p.42).

### 3.3.2 As divisões por peso dos lutadores no UFC

Os golpes são aplicados com a expectativa razoável de causar contusões. Dessa forma, para que os combates sejam mais justos, os lutadores são divididos em sete categorias de peso que vão desde o peso mosca, com menos de 56.7 kg, até o superpesado, com mais de 120.2 kg (UFC®, 2016a).

As divisões por categorias têm por objetivo, além de deixar os combates mais justos, oferecer maiores possibilidades de promoção do espetáculo, atraindo um número maior de consumidores entusiasmados com a variedade de ídolos detentores dos cinturões e dos títulos nas sete categorias de peso. Além disso, as disputas dos títulos por categorias fornecem boas pautas para a cobertura e divulgação das lutas de MMA pelos meios de comunicação. A velocidade midiática alavanca o UFC, como “as ondas de entusiasmo por determinado produto, apoiado e lançado por todos os meios de comunicação, propagam-se com rapidez.” (DEBORD, 1997, p.44).

Essa propagação promovida pela mídia reforça a ideia de que, havendo disputas em sete categorias de peso distintas, os espetáculos crescem em número de exibições e de telespectadores. “O UFC está em 354 milhões de casas

mundialmente, e pode ser visto através da televisão em cerca de 145 países e territórios, em 19 línguas” (UFC®, 2016a).

### 3.3.3 Permissões e proibições

A título de explanação, dividimos o corpo humano em três partes para discutir as permissões e as proibições, quais sejam: cabeça e pescoço; tronco; e membros. Durante o combate de MMA, atacar nestas áreas é permitido, porém existem proibições. A ausência de proibições poderia acarretar danos corporais irreparáveis. (ADAMI, 2015).

#### Cabeça e pescoço

Conforme divulgado no *website* oficial do UFC, nas regras de MMA, dar cabeçadas e morder são ações proibidas durante o combate. Dar cabeçadas é uma das proibições existentes desde os eventos de vale tudo, e tem o objetivo de proteger os lutadores que executam e recebem forte contusão. Além disso, há proibição de qualquer tipo de golpe que coloque o dedo no olho, esta regra é oriunda das lutas de solo. Os ataques ao globo ocular são originários do *Krav Maga*, trata-se de técnicas de defesa pessoal, com origem em Israel.

O ícone do UFC, o lutador John Jones, frequentemente é questionado em razão dos ataques por ele desferidos de mãos abertas em direção ao rosto do oponente e que, propositadamente ou não, atingem com a ponta dos dedos os olhos do adversário. Este ataque de mãos abertas será proibido em 2017, fato que causará polêmicas, pois os lutadores frequentemente abrem as mãos momentaneamente para a rápida decisão entre agarrar e socar. Puxar os cabelos e agarrar pela boca também são ações proibidas, assim como golpear a coluna vertebral, em especial a parte de trás da cabeça, o que é considerado falta grave (GRUPO, 2016).

Golpear a cabeça do adversário com o cotovelo de cima para baixo também é considerado falta nos combates de MMA, no entanto, um golpe similar é permitido: o ataque conhecido como cotovelada de corte. Este ataque acontece quando, na luta de solo, o lutador que está montado sobre o torso do oponente, ataca-o com cotoveladas laterais.

Apesar da proibição do ataque de cotovelo de cima para baixo (conhecido como “12 para as 6”) por ser um golpe contundente e perigoso, ainda há comentaristas de *websites* especializados em MMA favoráveis a ele. Argumentam que o permitido golpe lateral de cotovelo é mais nocivo devido ao arco de movimento do antebraço do atacante. No entanto, tal argumento não é suficiente para evidenciar a aprovação ou proibição do golpe lateral de cotovelo, tampouco justificar a defesa da cotovelada “12 para as 6”, que atingirá oponente como um prego sendo fincado em seu rosto, devido à contundência de uma cotovelada nesta trajetória (REBELO, 2016).

Dentre as permissões polêmicas das novas regras, a mais perigosa está no ato de chutar o adversário, quando estiver de três apoios (dois pés e uma das mãos no solo). Esta permissão mesmo sendo aprovada de forma praticamente unânime pelas comissões dos estados norte-americanos, teve a resistência da comissão de Nova Jersey, que se baseia em pesquisas científicas para fundamentar a sua oposição (REBELO, 2016).

## Tronco

No tronco, são permitidos ataques em praticamente toda a área, havendo poucos locais de proibição. Entre as que estão sujeitas a penalidades temos qualquer tipo de ataque à região genital, embora os lutadores obrigatoriamente usem coquilhas. É proibido também atacar e agarrar a clavícula do adversário, porém a partir de janeiro de 2017 este ato será permitido, uma decisão contestável pois qualquer ataque ao osso clavícula, seja por percussão ou através de uma chave de articulação, é preocupante devido à sua fragilidade (REBELO, 2016).

Outra proibição do MMA é o ataque com os calcanhares nos rins, realizado quando o lutador está na luta de chão, dentro das pernas do oponente. Esta regra

que também mudará em janeiro de 2017 é controversa devido ao impacto dos calcanhares nos rins e os prováveis danos físicos. Um dos comentaristas citados acima, no caso da cotovelada “12 para as 6”, alfineta os lutadores de *wrestling*, segundo ele, se estiverem dentro da guarda do oponente irão urinar sangue no dia seguinte. (REBELO, 2016).

## Membros

Nos membros, a proibição está relacionada às torções nas pequenas articulações. Os membros são alvos para os ataques de chaves de articulação, que é a incidência de força em sentido contrário ao da articulação por meio de processo de alavanca (UFC®, 2016a).

### 3.3.4 As mudanças nas regras do UFC 2017

Como dito, as competições de MMA do UFC alcançaram a fama atual e a aceitação do público devido aos constantes avanços nas regras do esporte. Elias e Dunning ajudam a compreender a utilidade das regras nestes combates. Conforme os autores, “para reduzir os danos físicos ao mínimo, existem regras que obrigam os adversários a adotar um determinado tipo de comportamento” (ELIAS, DUNNING, 1992, p.39).

Apesar de ser reconhecido como esporte, chamamos atenção para certas permissões presentes nas regras do MMA que podem deixar lutadores inutilizados. Fatalidades já aconteceram, conforme apresentado por um programa de televisão, um lutador norte-americano ficou tetraplégico (O DRAMA, 2012).

Ressalvamos que em outros esportes também ocorrem fatalidades, entretanto, especificamente no MMA trata-se de riscos “ignorados” pelas novas regras, aqui o alvo é móvel e está situado no corpo do adversário, além de os danos serem perfeitamente previsíveis, o que nos leva a defender que certas permissões do novo regulamento poderão causar prejuízos ao corpo humano.



Uma das alterações mais duvidosas relaciona-se à regra dos três apoios, que passa a autorizar golpear o lutador quando nesta posição. As comissões que votaram a favor da permissão para o ataque na cabeça alegam que os lutadores utilizam deste artifício quando estão imprensados nas grades em desvantagem e colocam um dedo no solo para caracterizar três apoios a fim de não serem atingidos (COMISSÃO, 2016; GRUPO, 2016).

Esta permissão causou polêmica no UFC 207, que aconteceu no dia 30 de dezembro, porque o lutador brasileiro Alex “Cowboy” foi atacado com duas joelhadas quando estava (ou não) de três apoios. A regra não deixa claro, quais partes do corpo caracterizam os três apoios. Neste caso, o treinador de Cowboy, Phillip Lima, questiona: “quando o meu atleta, o Alex de Oliveira “Cowboy” estava em uma posição de três apoios, que é um pé no chão, um joelho e outro pé no chão, o adversário aplicou de forma intencional duas joelhadas na cabeça dele” (LIMA, 2017). A regra não deixa claro se os três pontos de apoio no chão podem ser apenas das pernas, o que se presume é que a regra considera uma das mãos como mais um ponto de apoio.

Phillip Lima, em entrevista concedida para esta tese, demonstra a sua preocupação com a credibilidade do MMA enquanto esporte, “acredito que quando você, permite um pisão, um chute, uma joelhada na cabeça do adversário a gente fica em uma posição muito exposta como é a posição de três apoios, a gente permite meio que uma violência, uma barbárie e isso foge do efeito básico do esporte eu acho que a regra tem que ser mantida” (LIMA, 2017).

Outras mudanças contestáveis em relação à segurança do lutador são os ataques na clavícula, como segurar a clavícula do adversário e puxá-la ou mesmo atacá-la com socos, e a permissão para os chutes de calcanhar nos rins, que se apresenta como outro retrocesso.

Lamentavelmente, os estudos sistemáticos sobre as lesões causadas pelas lutas de MMA ainda carecem de maior aprofundamento. Grande parte dessas pesquisas estão relacionadas ao boxe inglês (PAIVA, 2011).

Apesar de o esporte se apresentar como fenômeno de público, as opiniões ainda são bastantes divergentes em relação à sua legitimação. Exemplo disso são as associações médicas norte-americanas, contrárias aos combates de MMA. Estas associações alegam que há falta de segurança, o que pode causar sequelas ou “a assombrosa possibilidade de morte” (PAIVA, 2015, p.208).

Importante salientar outro golpe perigoso conhecido popularmente como “tiro de meta”, ou seja, chutar de peito de pé a cabeça do adversário na distância de aproximadamente 30 cm do solo. Esta posição favorece a potencialização do impacto do dorso do pé no crânio do adversário. Se o “tiro meta” faz a bola atravessar o campo de futebol, imagine o estrago que fará se atingir em cheio a cabeça do adversário.

Paiva cita em seu livro *Olhar clínico nas lutas, artes marciais e modalidades de combates* declarações da *British Medical Association* sobre as possíveis lesões no cérebro, e alerta:

A cabeça é considerada uma das partes mais frágeis do corpo se considerar todos os locais que o lutador pode ser golpeado [...] o tecido mole do cérebro é protegido apenas pelo crânio, pele e três membranas ou meninges. Relacionado a esse aspecto, alertam que algumas mudanças nas regras como a utilização de protetores de cabeça, presença de médicos especialistas no ringues e rounds mais curtos (PAIVA, 2015, p.209).

Existe risco eminente de danos físicos aos atletas que sofrerem ataques no crânio, por isso, quando caem de quatro apoios e não podem ser chutados na cabeça. Contudo, a partir da entrada em vigor das novas regras, quando ele tirar uma das mãos do solo para se levantar, ficará de três apoios. Este tempo é suficiente para que seja chutado na cabeça. Para amenizar possíveis danos físicos causados por esta ação, sugerimos a utilização de protetores acolchoados de dorso do pé, bem justo e rente, assim como são as luvas, permitindo que sejam desenvolvidas as lutas em pé e no solo.

### 3.3.5 A busca da excitação em nome do espetáculo

De acordo com a proposta de aprofundamento do terceiro capítulo, aproveitamos uma das questões da entrevista feita com os atletas profissionais de MMA relacionada à excitabilidade. As respostas foram analisadas à luz da fundamentação teórica de Elias e Dunning (1992). A partir desses excertos sobre a excitabilidade proporcionada pela luta e descrita de formas distintas pelos

informantes, balizamo-nos para reforçar o conhecimento das representações sociais sobre o MMA.

Elias e Dunning, (1992, p.296) afirmam que a finalidade dos jogos “é dar prazer às pessoas”; partindo dessa premissa, faremos uma analogia com o MMA. A busca do prazer é, pois, a finalidade das pessoas envolvidas no espetáculo de MMA.

Há diferentes definições dos nossos informantes relacionadas a excitabilidade proporcionada pela prática do MMA. O entrevistado Pedro relaciona a excitabilidade ao machismo: “você ainda não consegue compreender certas coisas da vida, a maioria dos jovens iniciando pra essa coisa do machismo” (PEDRO, 2013).

O entrevistado Marcos, por ser mais experiente que Pedro, relaciona a excitabilidade com a superação dos atletas para suportar os treinos e as lutas: “Eu sempre procuro colocar que é superação, que a pessoa tem que correr atrás do seu objetivo” (MARCOS, 2013).

A excitabilidade se mostra presente nas falas acima, seja para afirmar o machismo ou mostrar o poder de superação, entretanto a ligação da excitabilidade com a palavra adrenalina mostrou-se presente em diversos depoimentos.

“Quero vencer de qualquer jeito então a adrenalina, pô, tá muito lá no alto” (PAULO, 2013).

“Lógico que é muito bom você ter esta emoção, adrenalina e, ao mesmo tempo, ter o medo, aquele frio na barriga” (GUSTAVO, 2013).

“Como todos os atletas, a adrenalina chega a um nível que a gente tem que aprender também a controlar isso, mas é maravilhoso, o que eu falei no começo, é maravilhoso” (JOÃO, 2013).

“A adrenalina não pode faltar, adrenalina é que o vai te manter vivo, é a adrenalina que vai te dar o seu limite, para dizer pra onde você pode ir, entendeu” (HERBERT, 2013).

O medo também é apresentado como responsável pela excitação na fala de Jarbas: “aquele medo antes de entrar todo mundo sente. Agora tem que saber usar isso a seu favor se você não souber, vai acabar te prejudicando na luta” (JARBAS, 2013).

A excitabilidade proporcionada pelo MMA, conforme os informantes, está ligada a diversos fatores, entretanto, a adrenalina se relaciona à expectativa dos lutadores antes dos combates. O medo, citado por Jarbas, também é

experimentado, em parte, por uma descarga de adrenalina. Portanto, a expectativa do que vai acontecer traz grande excitação, “os nossos prazeres [...], na maior parte dos casos, são maiores durante a expectativa do que na satisfação” (ELIAS, DUNNING, 1992, p.250).

Desta forma, entendemos que a busca pela excitação recupera a dimensão da emoção vivenciada pelos lutadores, seja nos momentos que antecedem os combates, seja durante eles, pelo fato de haver a imprevisibilidade dos golpes desferidos pelo oponente, os quais são extensos devido às permissões de ataques.

Reiteramos que estas permissões de ataques, presentes nas regras, não se apresentam de forma clara, deixando dúvidas nos atletas sobre a utilização de determinado golpe ou não. Como a regra dos três apoios, na qual os atletas não compreendem quais são as partes do corpo que, em contato com o solo, caracterizam os três apoios. Em uma primeira análise, entendemos que os pontos de apoios são as mãos e os pés, porém, se o lutador estiver com o pé, o joelho e uma das mãos no solo, também se interpreta como três apoios.

### **3.4 Conclusão**

O aprimoramento das regras do MMA no UFC depende de ações que deverão ser tomadas por sindicatos de lutadores e/ou de treinadores de MMA com o intuito de preservar a integridade física dos atletas, uma vez que estão expostos a situações eminentes de danos físicos irreparáveis. Por outro lado, os órgãos que regulamentam o MMA precisam agir com mais rigor para impor limitações para os golpes apontados como arriscados.

Nesta pesquisa, analisamos itens polêmicos das mudanças nas regras do UFC, que entram em vigor em 2017. Como também identificamos a preocupação dos órgãos reguladores das regras de MMA com a proteção dos corpos dos atletas no decorrer das lutas do UFC.

Deparamo-nos com permissões presentes nas regras que mereceram um olhar crítico e reflexivo a fim de que se preserve a integridade do Ser humano. Destacamos três principais: (i) a possibilidade de chutar ou dar joelhada na cabeça do adversário enquanto este estiver de três apoios: os danos causados serão

provavelmente irreversíveis; (ii) a permissão para se atacar a clavícula, seja em um agarre ou em um golpe de percussão. Nos dois casos, o osso não resistirá a certos ataques, pois é anatomicamente frágil e seria como atacar ou torcer as pequenas articulações, o que é proibido. E por último, (iii) a permissão para atacar os rins com os calcanhares de quem está na guarda, que provavelmente acarretará danos aos órgãos internos, impossíveis de serem vistos pelo árbitro no momento da luta, o lutador também não poderá acusar consequências do golpe naquele momento. No entanto, posteriormente ao momento da luta, sintomas, como urinar sangue, poderão aparecer.

Entre as polêmicas apresentadas nas regras de MMA do UFC, identificamos um processo preocupante nas permissões de ataques, que evidencia o processo descivilizador citado por Sánchez García e Malcon (2010) se remetendo a Elias (1992), presente no capítulo 1 desta tese. Também destacamos a busca pela excitação nas lutas de MMA como fator relevante para motivar a prática (ELIAS, DUNNING, 1992).

Por outro lado, ressaltamos que estas permissões que nos preocupam não diminuí o evento e a qualidade dos atletas ali presentes, pois realmente são artistas marciais que a cada momento têm de apresentar uma resposta motora de várias modalidades de luta para atacar e defender, tornando o espetáculo atraente com a plasticidade de seus golpes. Mesmo com as polêmicas das possibilidades das regras expostas neste capítulo existem esforços empreendidos pelos promotores de MMA, para continuar a atrair o público amante de lutas e diminuir os riscos de lesões.

## Referências

ADAMI, Matheus. Entenda como funciona a pontuação do MMA e porque gera tanta polêmica. *Torcedores.com*, 12 ago. 2015. Esportes, MMA. Disponível em: <<http://torcedores.com/noticias/2015/08/entenda-como-funciona-a-pontuacao-no-mma-e-porque-gera-tanta-polemica>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

BRITO, A. Concorrentes do UFC crescem no MMA: conheça organizações. *Terra*, 28 fev. 2014. Esportes, MMA. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/lutas/mma/concorrentes-do-ufc-crescem-no-mma->

conheca-organizacoes,02361d983cd93410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>  
Acesso em: 22 fev. 2016.

COMISSÃO aprova uma série de mudanças nas regras do MMA. *Terra*, 4 ago. 2016. Lance. Disponível em: <<https://esportes.terra.com.br/lance/comissao-aprova-uma-serie-de-mudancas-nas-regras-do-mma,35acf09b3f8bbd66ffdf3d526e86bf8r93nd5si.html>>. Acesso em: 31 out. 2016.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GARCIA, R. S.; MALCON, D. Decivilizing, civilizing or informalizing? The international development of Mixed Martial Arts. *International Review for the Sociology of Sport*, v.45, n.1, p.39-58, March 2010.

GOLPE ilegal interrompe luta e polêmica marca Card preliminar do UFC. *MSN*, 31 dez. 2016. Esportes. Disponível em:<<http://www.msn.com/pt-br/esportes/lutas/golpe-ilegal-interrompe-luta-e-pol%c3%aamica-marca-card-preliminar-do-ufc-207/ar-BBxJJyO?li=AAggNbi>> Acesso em: 1 jan. 2017.

GRUPO VERSÃO COMENTADA. Porrada – S01E25 - Regras do MMA e interferência do júri na decisão das lutas. [Carregado por] Porrada. *Youtube*, 19 ago. 2013. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?annotation\\_id=annotation\\_23466725&feature=iv&rc\\_vid=A8H7r\\_TcOiA&v=7RCD-VWOjyg](https://www.youtube.com/watch?annotation_id=annotation_23466725&feature=iv&rc_vid=A8H7r_TcOiA&v=7RCD-VWOjyg)>. Acesso em: 12 nov. 2016.

GRUPO VERSÃO COMENTADA. Porrada – S04E48 - Novas regras para o MMA em 2017. [Carregado por] Porrada. *Youtube*, 6 ago. 2016. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=A8H7r\\_TcOiA](https://www.youtube.com/watch?v=A8H7r_TcOiA)>. Acesso em: 12 nov. 2016.

O DRAMA do lutador que ficou paraplégico após um nocaute no MMA. [Carregado por] Flakabessanews. *Youtube*, 5 mar. 2012. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=YSFzyARRcPU>>. Acesso em:12 nov. 2016.

PAIVA, Leandro. MMA causa menos lesões do que o boxe. *Blog Quiropraxia Araraquara*. Araraquara/SP, 31 ago. 2011. Disponível em:  
<<http://www.fisiolucasmendes.com.br/2011/08/mma-causa-menos-lesoes-graves-do-que-o.html>>. Acesso em: 31 out. 2016.

PAIVA, Leandro. *Olhar clínico nas lutas, artes marciais e modalidades de combate*. Manaus: OMP editora, 2015.

REBELO, Renato. REVOLUÇÃO no MMA? Conheça as novas regras! *#jornaleiro responde*. [Carregado por] Sexto Round. *Youtube*, 4 ago. 2016. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=LCdYVVgP3y8>>. Acesso em: 12 nov. 2016

SALVINI, Leila; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Mais do que uma “questão de peso”: análise do conteúdo dos discursos de rivalidade entre as lutadoras de MMA (Mixed Martial Arts) Ronda Rousey e Cris Cyborg. *Movimento*, Porto Alegre, v.22, n.3,

p.795–808, jul./set. 2016. Disponível em:  
<<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/57916/38850>>. Acesso em:  
2016.

UFC®. *O UFC*. Disponível em: <<http://br.ufc.com/discover/ufc/index>>. Acesso em: 30  
out. 2016a.

UFC®. [*Saiba como o Ultimate Fighting Championship começou*]. Disponível em:  
<<http://br.ufc.com/discover/ufc/index>>. Acesso em: 29 out. 2016b.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

A proposta principal tem como temática a discussão sobre o fenômeno do *Mixed Martial Arts* na cidade do Rio de Janeiro; para tanto investimos na história oral fornecida por lutadores profissionais de elite, com o intuito de identificarmos as representações sociais destes atores sobre a prática do MMA. A escolha da cidade do Rio de Janeiro como cenário se deu devido à influência histórica da cidade para o processo de construção dos eventos de lutas conhecidos como vale-tudo, eventos identificados como gênese do MMA e do UFC, visto que o inventor do UFC é o carioca Rorion Gracie.

O objetivo da pesquisa foi identificar e analisar as representações sociais dos lutadores profissionais de elite do Rio de Janeiro sobre o desenvolvimento do fenômeno MMA na cidade. Optamos por utilizar a história oral como recurso para a coleta dos dados, através da qual pode-se contar a história por mais de um ângulo e de cima para baixo, proporcionando novas perspectivas e descobertas históricas. Para a categorização dos temas, utilizamos a análise de conteúdo. Também lançamos mão da Representação Social, a partir da qual buscamos estabelecer uma ordem para que as pessoas possam orientar e controlar o seu mundo social. Neste sentido, elaboramos a nossa tese central: existe um contexto de transição de identificação, ainda desconhecido, sobre a prática do MMA.

A partir da proposta da tese, analisamos o processo de construção do MMA no primeiro capítulo “Artes marciais mistas, luta por afirmação e mercado da luta” – aprovado pela RBCE -, no qual identificamos as marcas de ruptura entre os eventos de vale tudo e o seu desdobramento para o atual MMA. Constatamos que ocorreram diversas marcas de ruptura durante a transição do vale-tudo para o MMA, como por exemplo, o lutador se afasta da sua modalidade de luta específica para se tornar um lutador profissional e defender a sua equipe de MMA, essa transição obriga-o a dominar diversas modalidades de luta em um só confronto. Verificamos que grande parte das fontes utilizadas na época do estudo – março de 2012 – era relatada e/ou tinham como perspectiva a visão do jiu-jítsu desenvolvido pela família Gracie.

Entendemos, por conseguinte, que deveríamos adotar outro ponto de vista sobre o processo de construção do MMA. Optamos por ouvir os principais



adversários do jiu-jítsu Gracie nos eventos de vale tudo no Rio de Janeiro, ou seja, os lutadores da modalidade luta livre.

Desta opção metodológica surgiu o segundo capítulo “A luta livre no século XX no Rio de Janeiro” - publicado pela Revista Movimento -, os resultados apontam para o protagonismo da luta livre que, ao lado do jiu-jítsu, alavancou os eventos de vale-tudo do século XX no Rio de Janeiro, não se apresentado apenas como coadjuvantes daquele cenário. A luta livre marca o seu espaço de pertencimento no vale-tudo brasileiro do século XX ao ocupar o lugar de oposição ao jiu-jítsu. Os resultados apontam para o protagonismo da luta livre ao lado do jiu-jítsu nos eventos de vale tudo.

O terceiro capítulo objetivava levantar percepções de lutadores profissionais de MMA sobre a prática. Foram realizadas dez entrevistas com lutadores do sexo masculino do Rio de Janeiro, entretanto a banca de qualificação entendeu que as respostas dos informantes se apresentavam óbvias; o capítulo foi, então, descartado, sendo que utilizamos apenas as respostas relativas à excitabilidade para compor a “nova” discussão que se desdobrou.

Optamos por substituir o terceiro e último capítulo da tese pela temática que se mostrou presente nos dois primeiros capítulos deste estudo como fator determinante no processo de construção do MMA: as regras. Intitulado “Considerações sobre as regras do MMA”, o terceiro capítulo discutiu permissões e proibições de golpes de acordo com as partes do corpo humano. Identificamos as proteções dos atletas e chamamos a atenção para as polêmicas sobre as permissões de certos golpes em determinadas posições perigosas, alguns já existentes na modalidade e outros que entram em vigor a partir de 2017. Além disso levantamos representações sobre a excitabilidade proporcionada pelo MMA, que apareceram sobretudo relacionada à expectativa dos lutadores antes dos combates, um palavra comum nas falas foi “adrenalina”. Essa excitação é o que motiva o atleta.

Defendemos que o MMA está consolidado como esporte. No entanto, mesmo como fenômeno de público e com o reconhecimento de que os lutadores são artistas marciais que buscam, constantemente, a integração de golpes de diversas modalidades de luta, o esporte ainda se encontra em fase de transição de identificação no contexto atual, corroborando a tese apresentada inicialmente neste estudo.

A análise dos dados colhidos no decorrer deste estudo mostra que houve um processo de esportivização do MMA. No primeiro capítulo, foram consideradas como características próprias da transição do vale tudo para o MMA: a profissionalização da categoria; a aceitação pelos veículos de comunicação; o acirramento do controle do corpo e código de moralidade no *ethos* do lutador; a criação de um novo produto para o mercado da luta; e, por fim, o deslocamento identitário dos lutadores, de representantes de determinada luta para lutadores de MMA.

No segundo capítulo, analisamos a trajetória da luta livre no decorrer do século XX. Verificamos que a luta livre carioca se aprimorou por movimento interno e através da hibridização com outras modalidades de combate, rumo à esportivização. Concluimos que a modalidade afirmou e reconstruiu sua identidade em confronto com o jiu-jítsu.

No terceiro capítulo, analisamos as regras e identificamos os materiais de proteção dos atletas presentes nas regras; identificamos os riscos eminentes a que os lutadores de MMA estão expostos, com as possibilidades de ataques em regiões delicadas do corpo humano.

Encontramos limitações para dar continuidade ao estudo quando percebemos que a análise das entrevistas realizadas com dez lutadores profissionais de MMA foram quase totalmente inócuas. Entretanto, o contato com os lutadores durante as entrevistas e a observação participante nos treinamentos, nos eventos do UFC no Rio de Janeiro, registrados em diário de campo, nos proporcionaram um olhar de perto e de dentro do MMA.

Entendemos que os resultados encontrados neste estudo trarão fundamentações científicas para a reformulação de ementas e de objetivos da disciplina *Metodologia do ensino das lutas*, ministradas nos cursos de graduação de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física cujo atual conteúdo compreende o ensino da história, das técnicas básicas e dos regulamentos básicos das lutas nas dimensões de conteúdo: conceitual, procedimental e atitudinal.

Sugerimos, para as aulas de lutas de Educação Física escolar, que o tema MMA seja aplicado nas dimensões de conteúdo, conceitual e comportamental, buscando a compreensão deste fenômeno de público em que os lutadores são considerados ídolos dos jovens devido a destreza apresentada, como artista marcial dominando diversas modalidades de luta. Além disso, e por outro lado, é fundamental refletir com os alunos sobre a violência que se mostra clara pela

permissão de ações que ferem o adversário. Indicamos a promoção de discussões nas aulas de educação física escolar a partir dos fatos, como por exemplo o sangue, um atrativo que contribui para espetacularização, haja vista o último evento do UCF, em São Paulo, em 19 de novembro de 2016, quando a lona permaneceu com manchas de sangue durante os combates finais. Trata-se de uma estratégia de *marketing*?

Para os bacharéis em Educação Física, que trabalharão com o ensino de lutas para crianças, jovens e adolescentes, defendemos o ensino das modalidades de lutas separadamente, incentivando a vivência nas modalidades integrantes do MMA à parte. Apenas adultos poderão participar de um evento, uma vez que, embora o MMA esteja consolidado como esporte, há necessidade de controle da violência, conforme o processo civilizatório defendido por Elias e Dunning (1992).

Observamos ainda que o MMA não pode ser considerado apenas como uma mistura de modalidade de luta, mas como integração destas modalidades colocadas à prova em um combate único. O espetáculo onde a figura do artista marcial simboliza um herói deve ser apropriado e refletido pelos educadores físicos, já que, com a impossibilidade de fiscalização por parte do CONFEF, os mestres das várias modalidades de lutas podem eventualmente cometer equívocos relacionados a condução dos treinamentos dos lutadores.

Temos ótimos mestres de diversas modalidades de lutas que as ensinam de forma empírica e baseada geralmente nas vivências adquiridas com a prática. Entretanto, o ideal é que os mestres das modalidades de lutas obtenham a graduação de educadores físicos, agregando aos seus conhecimentos os fundamentos pedagógicos, além dos conhecimentos da cultura corporal do movimento humano, das áreas relacionadas à performance humana.

Diante das considerações finais apresentadas neste estudo, constatamos a tese de que o MMA se encontra em um contexto de transição de identificação devido às oscilações das permissões e das proibições nas regras.

### **Sugestões para futuras pesquisas**

O Dr. Lamartine Pereira Dacosta, em palestra proferida recentemente em uma IES, na qual discutiu o futuro do curso de bacharelado em Educação Física, destacou dois principais itens que encabeçam as diretrizes para os esportes modernos: os valores e a tecnologia.

No entanto, de que forma podemos utilizar como referência os valores filosóficos inseridos nas modalidades de luta que compõem o MMA para discutir o limiar entre o sacrifício e o equilíbrio, se o corpo humano é utilizado como alvo nesta modalidade esportiva?

Outro ponto que merece destaque é a influência da mídia no comportamento dos jovens, desvinculada de quaisquer valores filosóficos das artes marciais. O espetáculo midiático do UFC e de outros eventos de MMA estimulam, sobretudo, a eficácia da técnica. O que se apresenta como paradoxo, uma vez que as modalidades estão misturadas, bem como suas filosofias, ou seja, ao mesmo tempo são “deturpadas” pelo *marketing* e “constituem” e “influenciam” o evento.

Na área tecnológica sugerimos a realização de testes de impacto dos golpes, como os que são realizados nas colisões automotivas, com bonecos semelhantes aos humanos.

Como uma última contribuição, reiteramos a necessidade da utilização de capacetes e de protetores de pés, confeccionados anatomicamente, com boa aderência e material de amortecimento para a manutenção da integridade física dos atletas frente às novas regras que passam a valer a partir de 2017.

## REFERÊNCIAS

- A INAUGURAÇÃO em Athenas de uma Olympiada clássica. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 03 jul. 1927. Sports. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pesq=luta livre>>. Acesso em: 20 de abr. 2015.
- ADAMI, Matheus. Entenda como funciona a pontuação do MMA e porque gera tanta polêmica. *Torcedores.com*, 12 ago. 2015. Esportes, MMA. Disponível em: <<http://torcedores.com/noticias/2015/08/entenda-como-funciona-a-pontuacao-no-mma-e-porque-gera-tanta-polemica>>. Acesso em: 12 nov. 2016.
- ALVES, C. M. P.; CARLI, M. F. N. UFC combate, uma experiência estética. *Revista Temática - UFPR*, Curitiba, v.8, n.11, nov. 2012.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- AMARAL, Carlos César Domingos do. A luta livre no Brasil e o marketing esportivo. *Revista da Faculdade Eça de Queirós*, Jandira, n.14, p.1-12, jun. 2014.
- AWI, Felipe. *Filho teu não foge à luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BERARDO, Rubens. Carta aberta. *Jornal do Brasil*, 9 jan. 1960. Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&PagFis=234&Pesq=luta livre](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&PagFis=234&Pesq=luta livre)>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- BOTTENBURG, M.; HEILBRON, J. De-sportization of fighting contests: the origins and dynamics of no holds barred events and the theory of sportization. *International Review for the Sociology of Sport*, v.41, n.3, p.259-282, Dec 2006.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 6.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- BRASIL. Ministério do Esporte. *Ministério do Esporte apoia maior competição júnior de luta olímpica do planeta*. Brasília, DF, 12 ago. 2015. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/52995-ministerio-do-esporte-apoia-maior-competicao-junior-de-luta-olimpica-do-planeta>. Acesso em: 19 out. 2015.
- BRAZILIAN JIU JITSU HEROES. Jiu Jitsu vs. luta livre: o culto do Jiu Jitsu. Lifestyle. Disponível em: <<http://www.bjjheroes.com/pt-br/culto-jiu-jitsu/jiu-jitsu-vs-luta-livre>>. Acesso em: 17 out. 2015.

BRITO, A. Concorrentes do UFC crescem no MMA: conheça organizações. *Terra*, 28 fev. 2014. Esportes, MMA. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/lutas/mma/concorrentes-do-ufc-crescem-no-mma-conheca-organizacoes,02361d983cd93410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>> Acesso em: 22 de fev. de 2016.

CAPRARO A. M.; LISE R. S.; SANTOS N. O processo de esportivização do vale-tudo: dos desafios na década de 1950 à espetacularização dos dias atuais. In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, VII, Paraná, 2014. [*Trabalhos apresentados...*]. [S.l.]: O Congresso, 2014.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

COMISSÃO aprova uma série de mudanças nas regras do MMA. *Terra*, 4 ago. 2016. Lance. Disponível em: <<https://esportes.terra.com.br/lance/comissao-aprova-uma-serie-de-mudancas-nas-regras-do-mma,35acf09b3f8bbd66ffdf3d526e86fbf8r93nd5si.html>>. Acesso em: 31 out. 2016.

COMISSÃO vai modificar regulamento. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 jan.1960. 2.Caderno. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842\\_07&pasta=ano196&pesq=luta livre](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano196&pesq=luta livre)>. Acesso em: 15 de abr. 2015.

CROSSLEY, N. *The social body: habit, identity and desire*. London: Sage, 2001.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, R. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

DOSSE, F. *A História em migalhas*. Campinas, SP: EdUNESP, 1992.

DUARTE, Hugo. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, RJ, 9 maio 2013.

DUARTE, Luís Roberto de Moraes. (Bebéo). *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, 26 jan. 2012.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*, v.1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FEDERAÇÃO DE LUTA LIVRE SUBMISSION DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Luta livre*. Rio de Janeiro, RJ: FLLSERJ, 2015. Disponível em: <<http://lutalivresubmission.com.br/origemriodejaneiro.htm>>. Acesso em: 10 maio 2015.

GARCIA, R. S.; MALCON, D. Decivilizing, civilizing or informalizing? The international development of Mixed Martial Arts. *International Review for the Sociology of Sport*, v.45, n.1, p.39-58, March 2010.

GEBARA, Ademir. Fontes históricas e oralidade. *Movimento*, Porto Alegre, v.10, n.3, p.133–154, set./dez. 2004.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLPE ilegal interrompe luta e polêmica marca Card preliminar do UFC. *MSN*, 31 dez. 2016. Esportes. Disponível em: <<http://www.msn.com/pt-br/esportes/lutas/golpe-ilegal-interrompe-luta-e-pol%c3%aamica-marca-card-preliminar-do-ufc-2017/ar-BBxJJyO?li=AAggNbi>> Acesso em: 1 jan. 2017.

GOMES. Mariana Simões Pimentel et al. Ensino das lutas, dos princípios condicionais aos grupos situacionais. *Movimento*, Porto Alegre, v.16, n.2, p.207-227, abr./jun. 2010.

GRACIE, Reila. *Carlos Gracie: o criador de uma dinastia*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GRUPO VERSÃO COMENTADA. Porrada – S01E25 - Regras do MMA e interferência do júri na decisão das lutas. [Carregado por] Porrada. *Youtube*, 19 ago. 2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?annotation\\_id=annotation\\_23466725&feature=iv&rc\\_vid=A8H7r\\_TcOiA&v=7RCD-VWOjyg](https://www.youtube.com/watch?annotation_id=annotation_23466725&feature=iv&rc_vid=A8H7r_TcOiA&v=7RCD-VWOjyg)>. Acesso em: 12 nov. 2016.

GRUPO VERSÃO COMENTADA. Porrada – S04E48 - Novas regras para o MMA em 2017. [Carregado por] Porrada. *Youtube*, 6 ago. 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=A8H7r\\_TcOiA](https://www.youtube.com/watch?v=A8H7r_TcOiA)>. Acesso em: 12 nov. 2016.

GUSTAVO. [Mello Júnior, Luiz Sérgio Teotônio]. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, 08 ago. 2013.

HERBERT. [Lúcio, Leonardo – Chocolate]. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, 08 ago. 2013.

HIROSE, A.; PIH, K. K. Men who strike and men who submit: hegemonic and marginalized masculinities in Mixed Martial Arts. *Men and Masculinities*, v.13, n.2, p.190-209, Dec 2010.

IBRAHIM, Elza. Um passeio pela História Oral em companhia de Portelli, Foucault e Coutinho. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.114-127, 2014.

JARBAS. [Campos, Vitor]. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, 08 ago. 2013.

JOÃO. [Nogueira, Luiz Alberto Ribeiro – Betão]. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, 08 ago. 2013.

KANO, Jigoro. *Energia mental e física*. São Paulo: Pensamento, 2010.

KERN, Daniela. O conceito do hibridismo ontem e hoje: ruptura e contato. *Revista Mêtis: História & Cultura*, Caxias do Sul, v.3, n.6, p.53-70, jul./dez. 2004.

LEITÃO, Roberto. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, RJ, 16 maio 2014.

LIMA, Phillip Barbosa Barreto. [Síntese do ocorrido no último UFC 207, de 30 de dezembro de 2016, e opinião sobre a polêmica do ataque na cabeça quando o adversário estiver de três apoios]. Mensagem recebida por <robertokodansha@gmail.com> em 02 jan. 2017.

LISE, Riqueldi Straub. *Entre diretos, ceintures avant, chaves de braço e rabo de arraia: os primórdios dos combates intermodalidades na cidade do Rio de Janeiro (1909-1929)*. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.17, n.49, p.11, jun. 2002.

MARCOS. [Júnior – PQD]. Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia. Rio de Janeiro, 08 ago. 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Memória, história oral e história. Oralidades. *Revista de História Oral*, São Paulo, n.8, p.179-191, jul./dez. 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. *Revista de História*, Rio de Janeiro, n.155, p.194-195, 2006.

MELO, Victor Andrade de. Esporte, futurismo e modalidade. *Revista História*, São Paulo, v.26, n.2, p.201-225, 2007.

MENEZES, P. F.; FERREIRA, S. W. *Lutas: potencial educativo e formativo das lutas*. Rio de Janeiro: Viagraf, 2009.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NASCIMENTO, Paulo Roberto Barbosa do; ALMEIDA, Luciano de. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. *Movimento*, Porto Alegre, v.13, n.3, p.91-110, set./dez. 2007.

NO PAVILHÃO internacional. *A Epoca*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1913, p.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720100&pasta=ano191&pesq=luta livre>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

NOVAES, J. V. Bateu, levou o que dizem os lutadores de MMA. *Revista Polêmica – UERJ*, Rio de Janeiro, v.11, n.4, out./dez. 2012.



NUNES, C. R. F. *Corpos na arena: um olhar etnográfico sobre a prática das artes marciais combinadas*. 2004. 251 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

O DRAMA do lutador que ficou paraplégico após um nocaute no MMA. [Carregado por] Flakabessanews. *Youtube*, 5 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YSFzyARRcPU>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

O “SALT LAKE CITY” na Guanabara: o cruzador americano atracou, ontem, no cães da Praça Mauá. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1930, p.3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842\\_1930\\_10798.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1930_10798.pdf)> Acesso em: 26 fev. 2016.

OLIVEIRA, Johil de. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Niterói, 15 out. 2015.

OLIVEIRA, Jorge Antônio Cesário de. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, 08 ago. 2013b.

PAIVA, Leandro. MMA causa menos lesões do que o boxe. *Blog Quiropraxia Araraquara*. Araraquara/SP, 31 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.fisiolucasmendes.com.br/2011/08/mma-causa-menos-lesoes-graves-do-que-o.html>>. Acesso em: 31 out. 2016.

PAIVA, Leandro. *Olhar clínico nas lutas, artes marciais e modalidades de combate*. Manaus: OMP editora, 2015.

PASSOS, Daniele de Alencar *et al.* As origens do “vale-tudo” na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência. *Movimento*, Porto Alegre, v.20, n.3, p.1153-1173, jul./set. 2014.

PAULO. [Oliveira, André Luiz – Minhoca]. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, 08 ago. 2013a.

PEDRO. [Dutra Jr, Luiz – Besouro]. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, 08 ago. 2013.

REBELO, Renato. Revolução no MMA? Conheça as novas regras! *#jornaleiro responde*. [Carregado por] Sexto Round. *Youtube*, 4 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LCdYVVgP3y8>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

REIS, J. C. Da história “global à história em migalhas”: o que se perde, que se ganha? In: GUAZZELLI, C. A. et al. *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: EdUFRS, 2000.

RIBEIRO, Wagner. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, 08 ago. 2013.

RICARDO, João. *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, 08 ago. 2014.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na educação física escolar: necessidade ou tradição? *Pensar a Prática*, Goiânia, v.14, n.3, p.1-17, set./dez. 2011.

SALVINI, Leila; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Mais do que uma “questão de peso”: análise do conteúdo dos discursos de rivalidade entre as lutadoras de MMA (Mixed Martial Arts) Ronda Rousey e Cris Cyborg. *Movimento*, Porto Alegre, v.22, n.3, p.795–808, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/57916/38850>>. Acesso em: 2016.

SÁNCHEZ GARCÍA, Raúl; MALCON, Dominic. Decivilizing, civilizing or informalizing? The international development of Mixed Martial Arts. *International Review for the Sociology of Sport*, [S.l.], v. 45, n. 1, p. 39-58, March, 2010.

SILVA, V. R. F. *Apontamentos para escrever o livro de metodologia da pesquisa*. Niterói: Inédito, 2007.

SPENCER, D. C. Habit(us), body techniques and body callusing: an ethnography of Mixed Martial Arts. *Body Society*, v.15, n.4, p.119-143, Dec 2009.

THOMAZINI, S. O.; MORAES C. E. A.; ALMEIDA F. Q. Controle de si, dor e representação feminina no Mix Martial Arts. *Pensar a prática*, Goiânia, v.11, n.3, p.281-290, set./dez. 2008.

THOMÉ, José Maria (No Chance). *Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia*. Rio de Janeiro, 08 ago. 2013.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. Trad. Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira. *Revista História Oral*, Paraná, n.5, p.8-29, 2002.

TOREZANI, J. N. A transmissão dos eventos do UFC pela Rede Globo: uma análise das teorias de construção social. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, XIV, Recife, PE, 14 a 16 jun. 2012. *[Trabalhos apresentados...]*. Recife: O Congresso, 2012.

UFC®. *O UFC*. Disponível em: <<http://br.ufc.com/discover/ufc/index>>. Acesso em: 30 out. 2016a.

UFC®. [Saiba como o Ultimate Fighting Championship começou]. Disponível em: <<http://br.ufc.com/discover/ufc/index>>. Acesso em: 29 out. 2016b.

VALE TUDO – uma disputa sangrenta que já é mania nacional. *Revista Nocaute-Editora Gracie*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1997.

VASQUES, Daniel Giordani; BELTRÃO, José Arlen. MMA e educação física escolar: a luta vai começar. *Movimento*, Porto Alegre, v.19, n.4, p.289-308, out/dez 2013.

WACQUANT, L. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

## APÊNDICE A - Entrevista do capítulo 1

**Luís Roberto de Moraes Duarte - Bebéo**

**26 de janeiro de 2012 8:38**

**Local – Av. Lúcio Costa Barra da Tijuca, Rio de Janeiro**

1-Bebéo através da sua experiência, o que você poderia falar, sobre a origem do vale-tudo e depois do MMA no Rio de Janeiro (cidade) e no Brasil, de forma sucinta?

- Na verdade a origem do vale-tudo no Rio de Janeiro né, aconteceu aí nos idos dos anos 50, era dentro da teoria do que a família Gracie queria mostrar que o Jiu-jítsu era a melhor luta então eles promoviam alguns desafios, pra mostrar que a luta dele era a melhor luta que tinham então isso era uma coisa oficiosa não era uma coisa real (oficial), aí o Hélio Gracie como tinha muito conhecimento, era um cara muito bom em provocar e causar isso querendo nada mais provar que a luta era melhor, ele começou a fazer isto nos anos 50 começou, acho que era os heróis do ringue que era um programa de televisão onde os atletas de Jiu-jítsu, né, onde a família Gracie e/ou os alunos da família Gracie defrontava com outras lutas, e com homens fortes, os fuzileiros que eram os homens mais forte que tinham, com disposição para enfrentar qualquer coisa e aí que foi vamos dizer assim o início do vale-tudo que era nada mais que a minha modalidade contra a sua modalidade, o “meu” corpinho franzino contra o seu corpanzil, e aí o Jiu-jítsu mostrava o seu maior valor foi isso aí que deu a origem no vale-tudo aqui no Rio de Janeiro.

2-Especificamente na década de 80 e 90, sobre aqueles campeonatos que aconteceram no Tijuca Tênis Clube, ou até antes deste daquele do Rickson, você poderia falar um pouco sobre isto?

- Primeiro vamos falar do vale-tudo da era moderna que começou em 91 (1991), que foi no clube tijuca e no Grajaú, que foi o desafio da luta livre versus Jiu-jítsu tiveram três lutas, Wallid contra Eugênio Tadeu, Bustamonte contra, me fugiu o nome dele agora, vou lembrar.

3-Em que ano foi isto?

Foi 91 e Fábio Gurgel contra o Denilson, ah... o Murilo Bustamonte contra o Gustavo Mendes, e aí teve as três lutas e três vitórias do Jiu-jítsu aí a gente conseguiu voltar, a gente pode dizer assim o vale-tudo voltar ao cenário, depois de muito tempo parado, sem ter estas disputas, né..., a gente sempre treinava na academia mas nada oficial a gente fazia por que o nosso professor gostava e aí a gente gostava também e acabava treinando lá, o treino sobre isto (vale-tudo), na verdade a gente teve estas três lutas, em 91 que foi o vale-tudo jiu-jítsu contra a luta livre e teve alguns problemas que foi o Rickson usando a mesma técnica que era usada no passado por Hélio Gracie usava no passado, que era seu pai, tipo provocador..., proporcionalmente já fazia parte do Rickson ele já sabia onde o Hugo estaria e queria mostrar que o Hugo era um cara forte e também da luta livre falava caramba ele queria que o Hugo era um cara forte e também da luta livre falava caramba ele queria que o Jiu-jítsu podia ganhar o Rickson um cara franzino, eles marcaram um desafio na praia aqui na Barra o Rickson foi vitorioso aí teve um outro

confronto onde a luta livre invadiu a academia do Rickson e aí o Rickson não estava mas chegou e tiveram uma luta de uns quinze a dez minutos o Rickson foi vitorioso novamente , teve embate de lutadores o próprio Eugênio Tadeu que tinha luta com o Wallid lutou com o Royler, e luta não terminou, foi uma hora de porrada e não tinha regras tinham regras básicas, não vale puxar cabelo dedo no olho e como não teve desistência ou finalização o bom senso , se é que havia bom senso, chegou depois de uma hora de porrada ta bom né, já deu, então, isto movimentou os anos 80 e 90 e claro nos meios dos anos 90, 94, 95 começaram a surgir alguns eventos de luta nos Estados Unidos entre os quais UFC, foi em 93.

4- Então havia uma rixa das lutas, entre só entre a luta livre e Jiu-jítsu ou existiam outras lutas também?

É quando a gente falava luta livre acompanhava o pessoal do boxe Tailandês, o pessoal do Narani, em um outro policial também que era policial civil que lutava Flávio Molina, desculpa, quando eu falei disto eu esqueci de falar da disputa que teve no Maracanãzinho né que teve a luta do Eugênio Tadeu contra a luta do Lúcio é, desculpa cara estou ficando velho, o Eugênio Tadeu lutou contra o Pitanguy, que contra o Bruce Lúcio, Marcos Ruas lutou contra o Pinduca e Marcelo Bhering também lutou contra o Flávio Molina isto também foi, uma luta até primeira que aquela outra foi no Maracanãzinho também, e a gente e teve um empate de uma luta do marcos Ruas com o Pinduca, o Bhering ganhando do Flávio Molina, o Inácio finalizando o Bruce Lúcio e o Inácio batendo bastante no Renato Pitanguy que era representante do Jiu-jítsu; isto foi assim marcou o início desta viagem aí, a volta vale-tudo que na época não era MMA era vale-tudo, a volta do vale-tudo.

5- Você teve diferentes participações dentro do MMA e dentro do vale-tudo, gostaria que você falasse destas funções suas dentro destas duas áreas, a gente começou a treinar isto (vale-tudo), eu sempre fui aluno do Carlson eu era faixa roxa indo para a marrom, idos de 90, quando a gente estava disputando um campeonato e teve uma invasão no forte da Urca, o pessoal da Luta livre foi lá e desafiou o Jiu-jítsu a fazer esta outra luta. Dentro da cúpula do Jiu-jítsu desta época, na forte São João ficou decidido que Carlson seria o treinador por que ele estava mais bem preparado para isto e alguns lutadores não só da academia do Carlson iriam se inscrever para participar dos treinos e aí a gente iria escolher os adversários dos oponentes lá da luta livre, nessa época a gente já treinava eu fiz parte do time que treinou, como eu não era graduado faixa preta segundo a cabeça do Carlson só podia lutar faixa preta, no caso quem bateu o pé e quis lutar de qualquer jeito que era o Wallid que era faixa marrom, então eu comecei o meu envolvimento com o MMA ajudando sendo sparing né, do treinamento em 91 depois disto a gente não parou mais 91, o pessoal começou a lutar mais e a gente continuou treinando no momento na minha vida eu tinha comércio não era só lutador eu tinha outra profissão era difícil eu acompanhar o ritmo do pessoal que só treinava então eu, comecei a vir treinar porque eu gostava muito ajudava e porque eu, vi o jeito do Carlson, vi a forma de puxar o treino, foquei auxiliando professor o cara que fica de fora marcando o treino, vendo o que você acha que não está certo dentro da nossa concepção de luta da época, aí então eu comecei a viajar bastante quando começou o Vale-tudo ainda era muito amador, o negócio de grana , ah, eu você fazer pelo time, não tinha retorno financeiro, que era o meu time ganhar do seu time era mais ou menos por aí, isto em 90 a gente foi assim até 99 teve um problema com o Carlson uma briga lá, uma discussão ele expulsou algumas pessoas que Top Teem, que foram com José

Mario, Libório e eu que já era uma líder aí sim a gente trabalhava como empresário do lutador, treinador, o Head coach, fazia as estratégias das lutas foi a primeira equipe de MMA, a forma de fazer MMA hoje mudou um pouco, naquela época era mais gostoso, aí 2008 eu fui morar nos Estados Unidos eu fui morar em Las Vegas fiquei um ano e quando eu voltei eu não quis mais fiquei um ano só, não queria trabalhar só como professor comecei a fazer eventos e esses eventos, participo do MMA fazendo eventos eu participo do MMA fazendo Eventos, o produzo todo o Jungle Fight, desde a formulação do Card até a montagem do evento então a gente faz, é claro o Wallid lá dentro tem uma força no Card ele gosta também de montar, a gente troca figurinha acabamos fazendo a quatro mãos este Card, mas no final a montagem fica toda comigo.

6- Você foi treinador de outros atletas no Pride e em outros eventos, como foi a sua experiência lá fora como treinador destes atletas?

- Então você, quando trabalha com atleta de alto rendimento você sabe que você tem um estudo muito grande a se fazer, tem que entender a regra a limitação de cada um e claro o que você faz para tirar o melhor do atleta a gente tinha um conhecimento muito grande na parte de chão a gente teve que buscar conhecimento, com outros mais capacitados para ajudar e a gente entendia que o esporte estava evoluindo e não adianta ficar mais só o meu Jiu-jítsu contra o resto, e tinha que ser completo, então a gente foi a primeira equipe, se foi a primeira a fazer treino multidisciplinar, a gente tinha treino de várias disciplinas que a gente achava que era importante tinha o boxe tailandês o boxe inglês, né o Jiu-jítsu que era o nosso carro forte o wrestling, e a gente na parte física então claro, o lado forte dele era o Jiu-jítsu mas ele estava se preparando em outras áreas tinha gente que era “cego” não sabia dar um soco nem um chute, o Carlson dentro da cabeça dele a preparação física, ele gostava sim do treinamento de boxe e fazia todo mundo a treinar boxe e ele achava que Jiu-jítsu e boxe era perfeito e não precisava mais nada, no início ele não gostava muito que fosse treinado a parte física mas a gente foi quebrando ele e ele foi entendendo, mas queria que se treinasse 70% a 80% Jiu-jítsu 20% boxe e isso, a gente teve que mudar um pouco isto a gente mudou e está tudo certo.

7- Agora a pergunta mais importante aqui do trabalho é a seguinte quando que houve, se houve essa mudança do nome de vale-tudo para MMA?

- Então, vale-tudo era uma forma de, vamos lá usando o termo que foi acolhido aí pelo pelos anos 50, quando as coisas foram chegando para os UFC, e aí as coisas tem regras, e foi até um brasileiro que levou lá para fora, e tudo tem que gastar dinheiro, para abrir um satélite para transmitir uma luta, sem tempo era muito difícil para alguém querer patrocinar porque você imagina alguém com um canal de satélite para transmitir com uma luta de duas horas, ninguém fica preso vendo uma luta de duas horas na televisão, ser for são da cabeça, aí eles lá começaram a ver isso o UFC cresceu mas não emplacava não deslanchava aí foi para o Japão onde o Pride o Japão a luta é encarada de forma diferente dos Estados Unidos, eles eram lutadores, não importa se você perdeu eles te tratam como maior respeito lá você é um samurai e as coisas andaram muito bem lá. No Japão já tinha algumas regras do evento Pride que eram aceitas muito bem lá e nos eventos de UFC, ambos eventos de Vale-tudo até então, quando Dana White em 2001, final de 2000 acho que foi em 2001 comprou o UFC, ele já na cabeça dele ele sabia devia mudar

algumas coisas éticas para o negócio pegar, aí ele foi para Las Vegas aonde ele tinha sido criado, ele tinha conhecimento com a comissão atlética e aí as coisas começaram a pegar, na Comissão Atlética para ser inserido lá na comissão atlética tinha umas regras, aí ele teve que ver o que era vale-tudo é uma mistura de artes marciais, Mix Martial Arts, virou MMA e aí foi ele continua ali, fazendo o negócio emplacar, já com a comissão contracenando, e em 2005 que ele criou "The Ultimate Fight" a casa dos artistas os big brother o nome que era dado aos lutadores que era o reality show do Ultimate que aí o negócio pegou fogo e aí o negócio pegou fogo e aí o MMA tomou e está tomando toda esta proporção desde aquela época..

8- O que mudou, mudou-se alguma coisa com a mudança de nome em relação as lutas em as regras, tiveram alguma mudança substancial em relação a isto?

- Na verdade, na hora que você muda a regra você muda a forma de lutar e começa a criar atletas que não são oriundos de só uma luta todo mundo que está fazendo sucesso hoje no UFC você o Dow Jones vez o que tenha menos tempo no MMA, tem um back ground maior em um tipo de luta, mas treinam MMA, talvez daqui a três anos vá ter um atleta oriundo do MMA ele vai ser um atleta mais completo o que mudou o foi a preparação física e o profissionalismo antigamente os caras eram amadores você fazia alguma coisa e lutava, eu fui para os EUA lá no início de 2000, o próprio Royce que lutava não só lutava ele dava aula e dava um monte de seminários e lutava também o garoto hoje só treina, você tem que comer bem, dormir bem, psicólogos, nutricionistas, fisiologista e uma porrada de profissional que envolve hoje um lutador não é só vamos ali dar um treino.

9- Você vê o nascimento de uma nova modalidade com técnicas do MMA ou ainda se aprende uma determinada luta de características específicas ou está se criando uma nova modalidade com técnicas próprias didáticas de ensino o que você acha?

- Na verdade o que você fala de uma nova modalidade, o MMA é uma luta como é o judô, o Ultimate Fight o que é? É uma organização que promovem eventos de MMA, assim nos eventos de Dana White eu enxergo desta forma que luta se chamasse UFC e não MMA, ou seja que uma coisa se misturasse a outra quando se falasse UFC você se lembrasse de MMA, esta era a vontade dele ele queria que o MMA virasse o Futebol e se você falasse futebol já vem a sua cabeça a mesma coisa são onze para cada lado uma linha no meio, e quando você visse UFC você visse MMA, hoje o que eu vejo são atletas se preparando para lutar MMA, tem vários eventos hoje você tem o UFC que é o maior evento no mundo das lutas e outros seguem, na época que tinha o Pride todo mundo só queria lutar em ringue e as regras que predominavam eram as regras do Pride hoje ninguém mais quer lutar em ringue quer lutar em Cage (Octógono), foi o que o UFC fez, desde de quando surgiu era na grade no Cage hoje todo mundo quer lutar em Cage não for não serve e até cinco anos atrás todo mundo queria lutar no ringue por causa do Pride. As pessoas treinam e se adequam a modalidade do UFC, esta modalidade que você está falando que está surgindo, são lutadores de MMA que treinam voltados para a regra do UFC se amanhã, se amanhã tiver um evento na china e regra seja para lutar no ringue de novo, todo mundo vai para lá e todo mundo vai se adequar a este evento, por enquanto, eu vejo uma evolução dos atletas sim o pessoal perdendo peso que acho que tem que tomar cuidado, esta perda de peso e ganho de peso no dia seguinte não deve fazer bem você perder dez doze quilos e ganhar doze horas não deve fazer bem, fazer várias vezes ao ano, meu medo é que possa fazer

mal a algum atleta e a a conta fique muito alta lá na frente para a gente pagar, estou tem melhorar pois isto me preocupa um pouco ,pois, o cara luta no 70 kg, ele pesa 85 e volta com 72kg daí a pouco tempo, e o cara cada vez mais preparado psicologicamente, atletas de fato.

10- Me parece que o boxe profissional agora, quando o lutador perde por nocaute ele fica um tempo sem lutar no MMA isto acontece a mesma coisa?

- Isto aí é pela comissão atlética você fez uma luta de MMA você é avaliado, como no Boxe você é avaliado pela comissão atlética, não é multa não é punição, você tem que ficar um tempo de repouso. Nocaute de 90 a 120 dias se você toma um ponto você vai para uma junta médica para ser avaliado. Mesmo em caso de doping se você for pego nos Estados Unidos, você vai ficar um ano, se você for para a China é outro caso, é onde a lei da comissão atlética alcança, não é como FIFA é criar forças e comissões atléticas como UFC no mundo inteiro que ter força para regularizar o esporte.

11- Muitos jovens assistem o MMA, as cenas passam para o leigo mais agressivas as vezes com sangue, vão influenciar no comportamento destes jovens ou não?

- olha eu tenho dois filhos, o mais velho é um de 12, El e vê a luta dependendo do que você conversa com as crianças e explica o que está acontecendo ali eles vão encarar de outra forma, se liga no jornal o que ele vê na TV a tarde, se você não tiver uma TV a cabo, na TV aberta é estupro, incêndio de latrocínio, é pior do vê o cara estar dando porrada na cara do outro e é um esporte. Você vê o boxe foi soco na cara do outro o tempo inteiro você o Mohamed Ali tem sessenta anos e não consegue nem andar, pode ser que isto aconteça em um futuro no MMA pode ser que sim, acho que a educação que você dá na sua casa que você dá , você não vai colocar na conta de ninguém, você sabe que aquilo é uma disputa eles estão preparados, e você explica isto para os seus filhos, que o cara dão o soco e levam o soco dentro da regra, os meus filhos eles tiveram mais sorte, eles já foram a vários eventos de luta por que eles conhecem as regras, eu promovo eventos de lutas e levo eles as lutas, foram comigo várias vezes na academia na época da Brazilian Top Teem, eles praticam Jiu-jítsu, brincam de MMA em casa e eu vejo eles brincando eu deixo eles já fazem isto há bastante tempo e nunca aconteceu nada então eu acho que a educação que você dá para o seu filho não quer dizer que o UFC, que o que aparece na televisão que vai deixar mais violento ou menos violento, tem os caras que são mais arruaceiros que vão fazer merda vendo lutas ou não vendo lutas, é muito difícil botar na conta do MMA isto acho que não é legal.

12- Você vê hoje em dia alguma afirmação de uma luta querer sobrepujar a outra o Jiu-jítsu, contra o kick boxing, boxe tailandês ou é apenas uma questão de o lutador ter fama ou defender o nome de uma luta?

- Vejo hoje em dia o MMA como uma questão de luta no caso uma modalidade esportiva que o cara treina, e está dando retorno para ele você hoje ah, eu luto Jiu-jítsu, não eu luto tudo, que tem que lutar tudo para ser campeão, voe fazendo um paralelo com futebol, você hoje uma copa do mundo, o MMA hoje é como se fosse o campeonato espanhol, campeonato inglês onde se paga bem e o cara tem muita projeção, o jogador quer estar jogando no futebol inglês hoje o lutador quer estar no UFC como a cinco, seis anos atrás ele queria lutar no Pride onde você tem melhor



reconhecimento e melhores bolsas, se você falar assim acabou UFC, ou o UFC está na China e você luta por medalha você pode ter certeza que 99 % não iria tem 1 a 2% ficaria ali para ganhar uma medalha acharia maneiro ganhar o UFC, hoje em dia todo mundo luta por dinheiro e a modalidade era coisa dos anos 80 porque a gente lutava por amor ao Jiu-jítsu, o romantismo, e que a minha a luta era melhor do a tua dinheiro era uma coisa que a gente jamais iria pensar que a gente iria ganhar com isto, era só questão de macheza mesmo era o romantismo da “macheza”.

13- Sobre o MMA no aspecto de ascensão social em Maginhos a gente passa e vê propaganda de projetos que são realizados o que você pode dizer sobre isto?

Se você vê o José Aldo q eu foi campeão na categoria até 66kg, aqui no Rio a vida do José Aldo era cara humilde ele era do interior de Manaus ele era de origem muito humilde que graças ao MMA hoje, está com uma condição de vida diferenciada é um cara muito legal merece tudo que está acontecendo com ele, mas, dentro do MMA, se não fosse o MMA só se ele ganhasse na mega sena para ter a ascensão que ele seta tendo agora, tirando aí o Lioto o Victor o pessoal que tem mais projeção a maioria é de mais humildes, o Minotauro não que ele não era tão duro assim, a questão de ascensão hoje em dia você tem o MMA como uma saída, você os caras dentro da comunidade, você vê o cara antigamente ele tinha que saber jogar futebol ou fazer samba, aí depois ele virou MC e cantor de Rap, então você tem mais uma forma de incluir, o MMA como forma de inclusão social eu acredito que não só de pagodeiro de funkeiro e jogador de futebol, os moradores das comunidades tem outras saídas.

14- Gostaria que você falasse sobre a participação das mulheres como público e como lutadora, qual é a sua visão sobre isto?

O público é 40% elas adoram as meninas, as mulheres adoram o MMA muitas no início não gostam, aí teve um evento do Pride e aí a gente levou um ano para levar uma equipe do fantástico no Japão e aí a Glória Maria que foi, no início ela meio que pó, Bebéo eu que fiquei de interlocutor com ela no início a gente conversando, gostaria que você fizesse a matéria com a gente, ela falou vou mas não gosto, mas aí ela não queria ir , quando voltou ela fez questão de me ligar o Pride é um show tipo de uma banda tipo Rolling Stones e me peguei no meio da luta dando porrada na mesa gritando da porrada Minotauro, você vê que é uma coisa que contagia. Nos Estados Unidos o público feminino é de 40% aqui o público feminino é grande fizemos pesquisas dentro do canal combate, existem lutadoras no Brasil não existia eventos de mulheres a gente está agora neste final de semana o Pink Fight em Porto Seguro, eu estou indo para lá na sexta feira a gente que está fazendo o evento são seis lutas femininas, são doze meninas saindo na porrada particularmente eu não gosto, treinei meninas para lutar a Érika Paes a Ana Maria, mas eu chegava para elas e falava olha menina este esporte na minha forma de ver não é para mulher, eu te ajudo, isto é a minha opinião pessoal, não quer dizer que eu não vou não vou fazer mas esta é a minha opinião pessoal Grace ... tem uma carreira de sucesso está arriscada a meter a porrada em muito menino aí é casca grossa, mas eu não gosto de ver.

15- Para a gente encerrar a nossa entrevista eu gostaria de perguntar se você tem mais alguma contribuição para falar sobre o MMA a falar sobre o nosso trabalho?

- na verdade cara, o que você precisar da parte do MMA pode me ligar de A a Z por que eu sou um cara que sempre trabalhei em prol do esporte da luta no caso o Jiu-jítsu né, na época do Brazilian Top Team que a nossa meta era preparar lutar de MMA, de Vale-tudo que depois migrou para o MMA, claro continuo praticando jiu-jítsu faço duas vezes por semana meus filhos fazem jiu-jítsu mas eu tenho um conhecimento muito grande do MMA, não vou dizer a você que eu sou um professor de wrestling, Muay thai, eu sou um professor de Jiu-jítsu mas com a experiência que eu adquiri até hoje eu sou bom Head coach que é o que sabe misturar as lutas de acordo com o adversário e ter a química perfeita, pra ter sucesso no combate porquê tem que saber dosar, não adianta entrar com um lutador e você quer trocar com ele algumas coisas que você tem que estudar antes, o que precisar eu posso te ajudar o MMA é um business que está crescendo tem muito, ainda para crescer no Brasil e não tem material quando eu falo material, as pessoas falam coisas por aí, erradas, tem pessoas que estão escrevendo livros e ligam para mim como fonte e informação se procurar nos livros não tem e toma cuidado porque em tem muito sete , como virou novela ta na moda o Brasil tem memória curta, tem muita gente se auto intitulado casca grossa e contando mentira pra cassete é o que mais vejo.

Está bom Bebéo agradeço aqui a entrevista muito obrigado e um bom dia.

## APÊNDICE B – Entrevistas do capítulo 2

### Entrevista com o professor João Ricardo - da Luta Livre

Local: Academia Budokan, Tijuca, Rio de Janeiro

Data: 8 de agosto de 2014

1-Gostaria que falasse de sua infância no Rio de Janeiro?

- A minha infância não tem muito a ver com luta não porque eu gostava (jogava) muito de futebol eu só comecei a praticar luta aos 16, 17 anos eu comecei a fazer lutas só que fiz judô no Salesiano Santa Rosa depois quando sai de lá comecei a fazer caratê, aí..., muitos anos depois é que eu fui treinar chão, mas eu não gostava de fazer chão aí..., depois, o vale tudo a gente precisava fazer chão aí, comecei a treinar a luta livre e tô até hoje.

2- Você é do Rio de Janeiro mesmo?

- Sou do Rio de Janeiro.

3-Qual o bairro?

- Eu sou de Vila Isabel

4- O senhor começou a fazer com 16, 17 anos as lutas, nesta época a diversão nas ruas era o futebol ou havia outras coisas a fazer, como foi?

- Era soltar pipa e jogar futebol, pelada de rua, aí jogava pelada de rua, no paralelepípedo com bola de borracha e descalço.

- No Judô e no caratê qual foi o que você começou primeiro?

- Comecei a fazer judô no Salesiano Santa Rosa.

5- Quando foi isto?

Eu tinha 16 anos foi em 62 (1962) por aí.

6- Quem era o professor?

- Eu nem lembro foi tão pouco tempo, foi uns seis meses lá no internato, acho que era Kelly o nome dele Kelly.

7- A sua idade na época era 16, 17?

- Por aí tinha 16 anos mais ou menos.

E o caratê como é que foi, eu comecei a praticar aos dezenove anos por aí, mais ou menos, aí..., fiz shotokan, aí, em 1967 já tinha uma academia, em 1966 abri uma academia, eu tinha 21 anos, as datas ficam confusas na minha cabeça, e fechei em

70, aí eu fui dar aula de caratê na academia Santana fiquei lá uns dois ou três anos, depois abri a Budokan em 77.

8- A academia Santana ficava aonde?

- Na Cinelândia na praça Marechal Floriano, a turma de caratê que eu tinha aí eu levei pra lá e fiquei alguns anos lá, em 77 eu abri a Budokan.

9- Como soube das lutas?

- eu estava no internato e apareceu o judô oferecendo para quem eram internos. Fui participar de luta foi aí, fui campeão no colégio aí pagava uma taxa para fazer luta aí..., eu comecei a fazer luta.

10- Qual era o colégio?

- Salesiano Santa Rosa.

11- E quanto tempo você treinou cada luta o judô e o caratê?

Judô naquele tempo eu acho que eu treinei uns seis meses, depois o caratê eu estava com 19 anos, eu treinei e treino até hoje, e depois, e depois voltei a treinar judô outra vez na Gama Filho que eu fazia, luta livre olímpica pela Gama Filho, fui campeão cinco anos seguidos pela Gama Filho, e aí tinha o pessoal do Judô que treinava muita luta olímpica o Sansão, o Boca, e outros mais então eu treinava judô na Gama Filho, eu treinava judô pela Gama Filho, cheguei a lutar.

12- Chegou a competir pelo Judô?

Eu competi uma Vaz eu sou faixa marrom de judô eu não quis fazer exame porque eu achei que não apto, não sabia o Nage no Kata. E eu fazia um Judô duro um pouco misturado com a luta livre então eu não quis fazer exame para o judô porque eu achava que não merecia a faixa preta.

13- No caratê você continua até hoje ou fez durante um tempo e parou?

Já tem uns quatro anos que eu não dou aula de caratê, o caratê hoje não é muito procurado como antigamente só que hoje, a academia tinha boxe tailandês e a luta livre o caratê ficava só com meia dúzia de alunos. Eu parei de dar aula então tem uns dois anos que eu não boto quimono.

14- Naquela época havia rixa entre as lutas?

Não, não inclusive no ringue, a gente fazia vale tudo a gente não sabia o que o adversário fazia, se ele fazia luta no chão, luta em pé, se ele fazia luta livre, era legal, não sabia de nada, hoje em dia ninguém se olhava para o tipo de luta olha só para o lutador.

15- Quando você conheceu a luta livre?

Eu tinha academia Johil, inclusive o nome do rapaz que nasceu naquela época, que era o filho do meu sócio, meu irmão colocou o nome de Johil.

16- Onde ficava a academia?

Era na rua do Rosário, então eu só fazia caratê eu não fazia luta livre, então eu comecei na minha academia, eu comecei a fazer vale tudo no América, então eu comecei a treinar a luta livre.

E essas lutas no América foram em 66,67 por aí mais ou menos.

17- Quando você treinava a luta livre você tinha um mestre específico, ou treinava por conta própria? quem eram?

Eram Vernon de Oliveira, que faleceu era um ex-lutador de vale tudo, que passava a parte de chão para a gente de calção, então aí eu comecei a fazer a técnica de luta livre, mais tarde eu conheci o Roberto Leitão, em 1974, 1973 eu conheci o Roberto Leitão, aí, eu me aperfeiçoei na luta livre porque o Roberto Leitão, era um técnico era o papa da luta livre, então eu comecei a treinar com ele então eu me aprimorei tecnicamente com o Roberto Leitão.

18- Nesta época da luta livre quantos alunos treinavam normalmente.

- Olha naquela época não tinha muitos alunos não, eu, por exemplo, quando comecei a dar aulas de luta livre eu nem cobrava, treinava as terças, quintas e sábados de manhã, aquela época treinava o pessoal do judô o pessoal do Jiu-jítsu, o pessoal da Gama Filho treinava comigo, a gente nem cobrava não tinha aluno pagante, era só faixa preta de tae kwon do, faixa preta do caratê faixa preta do judô, aí começou a formar a turma o pessoal de fora da academia, fora das lutas então, e começaram a dar aulas então começou crescer a luta livre então, eu vários alunos, tinha várias turmas aí eu coloquei uma turma a noite.

19- Quem se destacava?

- Depois que eu comecei a fazer a copa Budokan é que começou a aparecer os destaques da luta livre, tem dezenas de nomes que geram é...depois que entraram no campeonato entraram no vale tudo, através da luta livre.

20- A Copa Budokan começou, quando?

Ela começou mais ou menos em 86 mais ou menos, por aí, comecei a fazer torneios, aí depois comecei a fazer a Copa Budokan.

21- Quais eram os mais graduados?

- Na época Roberto Leitão, eu (João Ricardo), Hilbernon de Oliveira, depois veio o Beto Leitão, e outros foram se foram se formando através das nossas aulas, e aí tem um monte de gente formada faixa preta.

22- Quem eram os seus parceiros de treinos?

Bom quando eu fazia vale tudo eu pegava sparings, dois de caratê, Zéquinha outro que era bom de caratê, judô, pessoal lá Gama Filho treinava também pessoal do antigo vale tudo, então eu tinha cinco, seis sparings muito bons que ajudaram muito a treinar vale tudo, eu lutei até 39 anos.

23- As competições de luta livre existiam apenas na copa Budokan?

Não, atualmente tem várias competições de luta livre.

24- Naquela época tinha quais competições?

Tinha de judô, não tinha competição, a primeira competição que eu fiz foi no .... o Hugo Duarte era faixa branca, o Johil era faixa branca, é, é, é, os antigos de antigos de alguma turma, era faixa branca, foi o primeiro torneio que eu fiz, de luta livre certo. Aí depois fiz outro ano, aí os alunos começaram a formar se graduar, a fazer torneio também.

25 - Havia rivalidade com outras academias de luta livre?

Não, não, nunca houve rivalidade pessoal sempre teve união eu faço a copa Budokan reúno mais de dezesseis academias, que não foi aluno é aluno do meu aluno é aluno de outras pessoas todos são tratados muito bem e todos têm respeito ao nosso campeonato.

26- Quando você praticava a luta livre – praticava também outras modalidades de arte marcial?

O Judô eu treinei muito pouco eu treinei a luta livre e caratê aí eu comecei a treinar o vale tudo que agora é o MMA tanto, que eu treinava o caratê, a luta livre, e o vale tudo, que hoje é o MMA.

27- Fale como eram os eventos?

Eram eventos como agora no ringue, três rounds de cinco, alguns eventos não valiam soco, não valia cabeçada, aqui no Rio valia mão aberta, valia escala, valia joelhada, cotovelada, mas não valia cabeçada, e em Goiás eu lutei em Brasília aí valia soco de verdade aí era vale tudo mesmo.

28- Público ou fechado?

Sempre para o público, sempre foi em ginásio sempre com público.

29- O que predominava a luta em pé e no solo?

Mesclava como agora começava em pé depois ia para o chão começava em pé outra vez, queda igual como agora.

30- Quantas pessoas no público?

Não, não como agora teve uma vez que eu lutei no América, que já estava cheio, lutei em Brasília ginásio cheio, lutei em Goiás também ginásio cheio, mas, tinha ginásio vazio não tinha mídia, a mídia começou aqui no Rio de uns seis anos para cá antigamente ninguém queria fazer evento.

31- E a sua primeira luta de vale tudo?

A primeira luta de vale tudo que eu fiz eu não sabia o que era nem ringue eu só fazia caratê, então aí quando pessoal começou a lutar (vale tudo) eu gostei daquela luta, e disse eu quero lutar também e entrei para lutar eu então por já ter o sangue de lutador, eu fiz o segundo round e estava ganhando a luta, aí o adversário montou em mim e alguém de fora jogou a toalha, aí eu perdi essa luta e eu não ia perder se eu continuasse o terceiro round, talvez eu tivesse vencido por que eu ganhei os dois primeiros rounds.

32- Você se lembra do adversário?

O apelido dele era Bíblia.

33- Ele era lutador de Rua, lutador de alguma outra luta?

Ele era lutador de luta livre, lutador de vale tudo ele tinha, mais de dez lutas, só sabia que era lutador luta livre, lutador de vale tudo, eu entrei ringue sem saber o que que era, era luta de calção como faltava um eu entrei e lutei, e não me dei mal e isto me fez treinar queda e treinar chão, eu gostei tanto daquele tipo de luta, né, se eu sei, aí eu demonstro para eu conseguir fazer uma luta realmente boa aí eu comecei a treinar, ingressei aí fui embora.

34-Tinham outros representantes da luta livre nessas competições?

Tinha, tinha representantes tinha muitos, ninguém colocava no papel aquilo que ele lutava, lutava com o nome da academia o professor peso e, e, e, mais nada lutava sem saber quem era o lutador.

35- Quem eram os destaques daquela época, quando você passou a gostar da luta livre?

- Olha a luta livre, que eu comecei tinha parado o vale tudo antigo, tinha parado já alguns anos quando eu tinha quinze anos, aí é que Waldemar Santana lutava, Juarez, Mauro Gonzaga, o pessoal Carlson Gracie, eles lutavam, o Paquetá, mas eu era garoto tinha catorze anos, quando acabou o vale tudo, eu tinha 19, 20 anos é que eu comecei a lutar e eles tinham parados então nesta época não tinha assim um grande lutador de nome.

36-Qual foi o momento mais espetacular vivenciado por você em uma luta de Vale Tudo?

Tive várias histórias momentos felizes, claro, eu nunca me machuquei muito eu costumo contar isto como, ia lutar no Caio Martins tinha um cara mais pesado do que eu uns 15 quilos, e eu não estava preparado não treinando caratê não estava treinando com ninguém tinha fechado a minha academia, não estava treinando com ninguém mas ele me desafiou aí eu fui lutar com ele.

37- Ele desafiou você no ringue?

- Ele me desafiou para fazer um vale tudo então voltou o povo para o ginásio a minha esposa ficou na arquibancada, quando eu entrei no ringue alguém falou para ela coitado daquele garoto, tão pequeno e um cara tão grande, mas, aí eu comecei a lutar eu não estava preparado para aquela luta, mas aí eu dei uma queda no rapaz

fiquei por cima, eu bati muito nele o juiz mandou parar a luta, só que eu não estava preparado para lutar eu desci do ringue, então estava, Carlos Gracie, Hélio Gracie, Carlson Gracie, todo mundo me cumprimentando numa fila, eu apertava a mão de um apertava a mão de outro, quando eu cheguei no último com o troféu na mão me deu vontade de vomitar, porque eu não estava preparado para lutar então eu sai correndo para o banheiro o troféu caiu no chão eu voltei peguei o troféu, partiu em dois eu peguei os dois pedaços fui para o banheiro fiquei meia hora vomitando e aí eu entrei debaixo do chuveiro para ver se melhorava.

38- E a sua transição de lutador para treinador de Vale Tudo, como aconteceu?

- Na prática, quando começou o vale tudo outra vez, quando o Gracie ganhou o Ultimate começou novamente aqui no Brasil então ninguém conhecia o vale tudo, só tinham duas pessoas que conheciam vale tudo da antiga, era eu e o Carlson Gracie, ele do Jiu-jítsu e eu da luta livre, ele treinava o pessoal dele vale tudo mesmo sem ter vale tudo, e a gente também na academia treinava vale tudo, mesmo sem ter vale tudo (evento), então quando começou a ter o vale tudo, eu ganhava tudo eu ganhei no IVC, de 14 torneios daqueles do Batarelli, eu ganhei quase todos eu ganhei quatro ou cinco cinturões, aquele Free style do Norberto de São Paulo eu ganhei quase tudo também, e o pessoal não estava preparado eu já conhecia vale tudo, as outras lutas os outros lutadores, são de outra origem, são de boxe não conhecia vale tudo, então eles perdiam sempre, logo depois de uns cinco anos de vale tudo e que começou aparecer então o pessoal mais tarimbado, aí o vale tudo cresceu muito hoje em dia está muito técnico, mais violento, mais força, já são mais atletas, são lutadores e atletas todos cresceram, mas na minha época não, na minha época era mais devagar.

39- Qual foi a sua primeira luta como treinador de vale tudo?

Eu acho que foi na luta do Johil, se não me engano na luta do Johil, acho que foi no ano, no, no, na Barra, na ilha dos pescadores ele até ganhou.

40- Em que ano foi isto?

- Acho que foi em 1995, 96...

41- Ele lutou contra quem?

- Ele com outro brasileiro, foi um evento que um japonês fez, aí eu entrei em sociedade lá na ilha dos pescadores, aí o Johil saiu vencedor.

42- Qual foi o melhor momento como treinador?

Foi em 1996 quando eu fui para o Japão aí eu levei, Ebenézer, Zé Pedro, e Johil para o evento no Japão, os três ganharam, o Zé Pedro fez a última luta, contra o Kidal que era o campeão mundial de Sumô, nós ganhamos e quando acabou a luta, nós fomos para meio do ringue e ficamos brincando de roda com a bandeira do Brasil, eu mais os lutadores naquele momento muito feliz.

Sabe o nome do campeonato lá no Japão qual era?

- Challenger.



43- Qual é a sua opinião em relação a valorização da mídia para o mercado do MMA, especificamente a Rede Globo de Televisão?

- Olha a verdade é falta de modéstia, há uns 15 anos atrás, eu dei uma reportagem em São Paulo, que falava o dia em que a televisão souber, que os eventos de vale tudo todos gostam de ver, de investir no vale tudo todos vão ganhar dinheiro todos vão, vão ganhar em audiência, eu falei isto há quinze anos atrás, o que eu falei veio a acontecer de uns três anos para cá, a Globo ta colocando, envolvendo todo mundo porque sabe que todo o mundo assiste então hoje em dia a mídia da todo o apoio, mesmo os eventos pequenos, está passando na Premier Combat, está passando em outros canais de televisão, então dois ou três nomes se lutarem bem ficam logo conhecidos.

44- Por quanto tempo esse apoio irá durar, da Rede Globo?

Eu não sei por quanto tempo não, enquanto ninguém morrer ninguém se machucar que é difícil, a Globo vai ficar apoiando cada vez mais, não pode é criar, numa lei, tem deputado que não gosta deste esporte tentaram vetar o vale tudo até agora, colocaram o nome de MMA para ficar mais brando, eu acho que enquanto tiver espectador, pagando pay per Will, pagando os programas em casa vai existir.

45 – Quais foram progressos tecnológicos nos treinamentos para o MMA em relação aos utilizados na época do Vale Tudo?

- Foi muito grande agora todo mundo faz musculação, aquela ninguém fazia musculação. Antigamente quem era grande era grande, quem era pequeno era pequeno, hoje o sujeito é pequeno fica grande, e o grande pesa 80 quilos vai lutar naquela semana entra com 70 quilos no ringue. Então a tecnologia, o cara ta pesando 85 quilos três dias depois está pesando 75, 74 quilos. Pesa num dia no outro tem outro peso. Agora o pessoal treina Wrestling, treina boxe tailandês, treina caratê, treina judô, treina Jiu-jítsu, treina luta livre, então este treinamento, faz com que todos fiquem bons desde que goste deste tipo de luta.

46- Mais alguma contribuição, sobre a questão do apoio da mídia para o MMA?

- A luta livre sempre esteve em segundo plano, porque a luta livre sempre esteve para o Rio de Janeiro e para o Brasil porque luta sem quimono, usa calção de bermudas então não tem indumentária fixa, então a mídia nunca ajudou muito, então vários valores os campeões são os mesmos, muitos do do Jiu-jítsu já largaram a luta livre colocaram o quimono ou que nunca botaram um quimono estão fazendo vale tudo, o Anderson Silva é um deles, ele fazia boxe tailandês, começou a fazer um pouco de chão para ficar durinho então ele veio para cá o Minotauro deu a faixa preta para ele eu vou dar faixa amarela para ele e ele ganhar todo mundo.

47- Aquele evento que teve uma pancadaria generalizada, aquilo foi no Grajaú ou no Tijuca? Aquele evento de vale tudo?

- Foi no Tijuca.

48- Que ano que foi e porque aconteceu aquele problema lá?

O ano eu não estou lembrando não aquilo aconteceu porque o Robson Gracie apagou a luz quando viu que o Renzo podia perder, Eugênio Tadeu deu uma queda nele montou, deu arm lock, e saiu fora, deu estrangulamento e saiu fora, deu que da porque o Eugênio estava bem preparado, quando o Eugênio ficou em pé e começou a chutar o Renzo o Robson mandou apagar a luz, quando apagou a luz o pessoal da luta livre estava em um número enorme do lado de fora do ringue começou a jogar cadeira, e aí veio aquela violência mas o culpado foi o Robson que mandou apagar a luz, talvez não fosse perder, mas foi um começo de derrota, o Eugênio era mais esquentado tinha mais sangue de lutador aí o Robson mandou apagar a luz, nesse apagão que ele fez ai começou.

49- E foi logo depois que teve a proibição no Rio de Janeiro?

-É, eu acho que foi isso que tentaram acabar, mas, na conseguiram não, só tentaram e morreu o assunto saiu uma lei que não deu certo até hoje tem vale tudo.

## **Entrevista com o professor Roberto Leitão**

**Data: 16 de maio de 2014**

**Local: Academia – Flamengo – Rio de Janeiro**

Entrevista como professor Roberto Leitão da luta livre

Qual a idade? - 75 anos, vou fazer 76 agora em maio

1- Gostaria que o Senhor falasse um pouco de sua infância e adolescência, quando e onde nasceu?

- Bom eu posso me considerar carioca, mas nasci em Laguna, em Laguna Santa Catarina, mas, vim logo desde o começo pra cá, e aí fiquei no Rio de Janeiro, praticamente sou carioca.

2- Quando veio para o Rio, bairro em que foi criado?

- Criança, sempre na zona Sul, Copacabana, Ipanema, Leblon e estou há uns quarenta anos morando na Gávea.

3- Na época de infância adolescência, o que costumava fazer para se divertir?

- Aquelas brincadeiras normais, de criança, né, nada de... (diferente), de jogar futebol, brincadeira de mocinho e bandido, as coisas normais de todo o mundo.

4- Qual foi a sua primeira experiência com a arte marcial, como aconteceu?

- O seguinte, eu conhecia, tinha uns amigos que, tinha um grande amigo deles que era, praticante do jiu-jítsu e ele dizia: fulano de tal ganha de todo o mundo, na luta, porque ele faz e acontece, pega estivador, pega carregador de móvel, pega todo mundo, tem um ringue em cima da garagem dele, ali ganha de todo mundo. Eu disse assim olha eu nunca fiz luta nem nada, mas, se você der um ano, pra aprender alguma coisa, eu enfrento o cara, vale o almoço, aí combinamos de valer um almoço com as nossas namoradas, eu peguei o prazo de um ano para treinar aprender alguma coisa, e eu, então parti direto, para o que pode se chamar de rato de academia, como o caro fazia jiu-jítsu – o amigo –, (adversário) eu falei não adianta eu fazer jiu-jítsu que eu estarei sempre atrás dele, então eu vou fazer outra coisa escolhi o judô, aí passei a ser um cara 24 horas, escolhi uma academia perto de onde eu vivia, de estudo, colégio, faculdade, de casa, casa de namorada, ou de algum lugar centrado eu parti treinando dia e noite, de manhã, de tarde e de noite, de manhã, de tarde e de noite, eu fazia três treinos por dia, bom desenvolvi realmente muito, e tal aposta, todo o mundo perguntava e a aposta? Ela abortou porque com oito meses eu estava ganhando do professor do cara, então resolvemos não apostar, porque aí, todo o mundo era amigo, não apostamos ele pagou, (risos, risos...) e daí, eu não parei mais (enfático), nunca parei, continuei fazendo judô fui até a faixa preta quarto grau, foi Yoshizawa, lá do Japão que me deu, eu continuei treinando judô, treinando, e me apaixonei pela luta livre porque a luta livre, porque a luta livre é muito mais natural, porque sempre eu brinco com os meus amigos do judô, do jiu-jítsu, principalmente do jiu-jítsu, porque o que é o quimono, o quimono, é uma coisa com uma roupa, a roupa você puxa rasga, parecido com a forma de uma roupa inventada para atrapaalhar quem usa a inteligência, por que o Gi, o quimono ele criou um monte de alças, alças na manga, alças na gola,, alças na pontinha, então aí, então aquilo ali virou muito mais um jogo, (como se no jogo não tivesse o uso da inteligência), que tem regras e que a gente tem que ceder, as regras que lhe

der, se o esporte podia, inventar outras e fazer algum esporte diferente, então eu não tenho nada contra as regras do jiu-jítsu, dizer que não vale isso não vale cervical, não vale aquilo, não vale é.., não pode machucar assim pegar no rosto, é uma coisa normal é o jogo ( colocar a mão no rosto) é jogo, ou a luta olímpica não tem uma porção de coisa é a submissão de fazer o sujeito desistir no encostamento de espáduas, a intenção é de quem encosta as costas no tapete (local da luta) perde a luta, é um jogo ótimo mas o esporte é assim, só que a luta é livre, livre de adereços ( motivos pelo qual na Grécia antiga se lutavam nus?) que esse livre que nós usamos de luta livre, não é livre para fazer o que quiser não, é livre de adereços, ela não tem quimono ela não tem sapato, ela não tem, faixa, ela não tem, nada para apertar, não tem arma.

5- E como você conheceu a luta livre?

- Eu conheci a luta livre, pelo calor né, o calor né, a gente tirava, o paletó porque era muito quente o paletó do quimono, a gente começou a treinar aquilo, e aí a gente começou a procurar um ou outro que tinha, e descobri o Sinhozinho, o Sinhozinho, bem mais antigo que um outro (o Tatu), não o Tatu, mas, mas, o Sinhozinho era bem mais novo que o tatu, o Sinhozinho antes, já tinha em 1920, ele tinha uma espécie de equipe de luta no Flamengo. Quer dizer então esse cara foi realmente um pioneiro.

6- Essa academia que o senhor começou a praticar a luta livre se chamava:

- Nipo-brasileira

7- Fale da sua história com a luta livre, quando você conheceu a luta livre?

Era na Gávea bem em frente ao Jóquei e a gente participava do Heróis do ringue, valetudo, por que quem começou fazer o Heróis do ringue, na TV continental, o comentarista e organizador mesmo era o Hélio Gracie, quando o Hélio Gracie saiu aí entrou o Domingos Kauzine, que era dono da minha academia é que assumiu, o Domingos Kauzine, empresário, o Kauzine assumiu e eu fiquei como diretor técnico, e o comentarista nós posemos o Arildo Bernardes.

8-E com quantos anos o Senhor começou com a luta livre?

- Eu comecei com 19 anos, por aí né.

9-Era a luta livre Olímpica ou já era outra luta?

- Não, a luta livre Olímpica, não era, era a luta livre, que a gente chamava de pistola, ou luta esportiva, luta de calção é isso aí, é porque a luta Olímpica, veio bem depois, inclusive quem trouxe a luta Olímpica para o Brasil foi, eu, eu e mais dois amigos que eram da luta livre esportiva e um do jiu-jítsu, era o Orlando Barrado, e Adir de Oliveira (o Índio), nós três é que trouxemos a luta Olímpica para o Brasil.

10- Como você desenvolveu a luta livre carioca?

- É eu fui adaptando as coisas do jiu-jítsu, do judô, né, da luta praticamente, pois, já tinham os praticantes do subúrbio, só é quem estava no calor mesmo, e aí pega uma coisa de um, pega de outro, quando tinha algum estrangeiro a gente tirava alguma coisa com ele e aí a coisa foi se desenvolvendo.

11- Quem estava no começo?

- Ah! Tinha alunos dali, não tinha muitos mas, tinham muitos praticantes que participavam do programa, é o Borrachinha, é o próprio Mariel Mariscou, o Tigrão e assim outros, os caras que lutava, no programa de valetudo, o Orlando português, Orlando Cardoso o Rildo Borrachinha, ganhou de todo o mundo no leve, de todo o mundo, e do Crézio Chaves, Claudir, ganhou de todos da academia Gracie, por naquela época era um do Gracie contra um de fora, a nossa academia tinha vantagens por incrível que pareça.

12- Havia sistema de graduação?

- Não, não havia sistema de graduação, mas quem era bom nesta época aí, a gente dizia que era faixa preta.

13- Havia mais alguém?

- Era o Vinagre, também que vinha de Brasília, Juarez Ferreira também, outro grande ídolo da época.

14- Quem foi o primeiro?

- Sinhozinho, já tinha o time no Flamengo.

15- Como aconteceu o seu aprimoramento na luta livre?

Estava acabando a faculdade é mais ou menos 1960, eu estava com um pouco mais de tempo, aí eu passei a procurar os lugares para fazer luta, encontrei ali naqueles clubes de natação, Boqueirão, Internacional, e Santa Luzia, né, ali tinha uma turma que fazia todos eles eram originários do remo e do halterofilismo né, todo mundo gente grande e forte eu era pequeno pesava 63 quilos, mas, cheguei lá, e graças, a, quer dizer eu fui obrigado a ser mais inteligente do que os outros, aí passei a surpreender os caras, porque os caras, eram, cá entre nós, conheciam muito pouco a luta eram muito primários o conhecimento deles, em relação a hoje.

16- Como aconteceu a sua participação em eventos de vale-tudo?

-Eu participava desses eventos sempre levando alunos, né... , mas, eu não participava em nada, que tivesse assim é confronto de uma modalidade com a outra, muito simples porque eu era amigo de muita gente do jiu-jítsu, e amigo de gente da luta livre que era o meu time, então eu queria ficar distante, tanto que naquele evento que teve lá no Grajaú aquele, mal fadado, evento que foi completamente errado, não teve nada de correto naquilo, é... , eu não fui, eu sei porque, eu acompanhei tudo, mas, aquele eu não fui exatamente porque eu tinha medo dos ânimos exaltados; e aquilo foi o massacre até de público, 95% do pessoal era do jiu-jítsu e aquilo foi preparado para ser um sucesso e mostrou, que não funcionou.

17- Quais eram as outras lutas que serviam como referência?

- Sim praticavam outras lutas porque, se o valetudo tem pancada eles, que treinar pancada, se o valetudo, e não adianta ser o maior da luta de chão e souber se defender, e outro não te botam no chão não adianta, então quer dizer é preciso o sujeito aí que está, que é o conceito do MMA, que na realidade nasceu na minha época de treinador do Marcos Ruas, porque o Marcos, foi o pioneiro disto, e a gente dizia se você chuta e soca eu agarro, se você agarra eu chuto e soco.

18- Mas treinava que tipo de luta em pé?

- O Marco treinava Muai Thai, fez muito Muay Thai, e boxe muito, então o Marco era um cara completo o chão fez comigo a vida toda. O wrestling fez com o meu filho o

Beto (atleta Olímpico), então ele era difícil de botar no chão e quando botava no chão não tinha problema, porque um chão muito afiado e em pé então ele destruía.

19-O senhor como protagonista tanto da luta livre olímpica, quanto da luta livre carioca no Brasil, poderia falar um pouco da relação entre essas duas lutas, desde quando se pode dizer que existe a luta livre carioca?

-Sim, a luta livre carioca veio antes da luta olímpica, a luta olímpica é bem mais recente, não é, porque nós trouxemos técnicos lá da Europa para aplicar aqui porque é um esporte olímpico, então luta, só que quando nós começamos com a luta olímpica, nós pusemos gente da luta livre (carioca), para aprender a luta olímpica. E gente do jiu-jítsu passou a aprender a luta olímpica, tanto que o meu filho passou a ensinar na academia Gracie muito tempo, a luta olímpica, porque, cá entre nós pro vale tudo a luta olímpica é o fiel da balança, porque, não adianta você como eu disse ser o melhor cara de chão do mundo, se você não bota o outro no chão, a mesma coisa não adianta, eu ser um grande boxer se o outro, vem me agarra e joga no chão, então é isso, então a relação elas sempre foram irmãs primas então eu chamo, a luta livre a prima pobre da luta Olímpica, a luta olímpica é o primo rico, porque em termos olímpicos, os números são gigantescos, 54 milhões de praticantes no mundo todos os países tem equipes, é uma coisa assim divulgada de maneira incrível se você chegar na Europa fala o que é judô, agora a luta qualquer um conhece em qualquer lugar.

20- O que difere a luta livre olímpica da luta livre carioca? Além das regras?

- Bom, eu acho que a grande diferença é a regra, por que um você tem que atacar, os sistemas respiratórios, circulatórios o esqueleto, a parte muscular e produzir, dor ou medo de uma lesão, aí o sujeito desiste. O sujeito se submete a vontade do outro, o outro ganhou. E a luta olímpica é isso aí, e o trato para não ter o menor risco na pessoa, para não ter acidente, para não morrer para ela não se machucar, então ficou o que? Ficou pressão, da vitória no encostamento de espáduas. É isto.

21- Fale sobre seu papel, na formulação da luta livre carioca.

- Do meu tempo para cá, eu posso dizer que modéstia à parte eu coloquei a inteligência na luta, ela não tinha inteligência, naquela época era tudo força, era praticada por remadores, halterofilistas e esticadores, este é que era o perfil, do pessoal que fazia luta, e eu um engenheiro, sai fazendo algumas modificações.

22- Qual é a sua opinião em relação as regras da luta olímpica?

-Sem dúvida, eu estou batalhando, tanto que eu vou lá para o comitê da FILA (Federação Internacional de Lutas), vou para aqueles comitês para ver se eu consigo mudar as regras eu não gosto destas regras atuais, na luta livre, porque ela dá a chance de quem não é da especialidade ganhar, se eu botar um wrestling de ponta é difícil ganhar dele com as regras que tem, por que ele não faz mais nada ele derruba e marca ponto, eu que tirar esse negócio de pontos e fazer que seja a finalização o objetivo da luta.

23- O senhor tem mais alguma contribuição, sobre o assunto?

- Seguramente repetindo eu acho, pessoalmente acho quem é da luta livre sabe, nós agora vamos fazer um congresso no segundo semestre, congresso mundial para acertar esse negócio de Confederações e Associações mundiais, vai ser na Argentina.

24- Para onde foi a luta livre?

- Sim para Argentina, tem bastante, na Alemanha tem, na França tem muito, todo o ano eu vou fazer seminário lá, na Itália, na Holanda, fiz seminários na Itália, na Holanda.

25- Qual o interesse dos estrangeiros pela luta no Brasil?

- É na luta livre como um todo é que eles estão vendo que no MMA, não há comparação a luta livre é a melhor coisa que se pode fazer.

26- Existe supremacia das técnicas da luta livre sobre outras lutas?

-A luta livre é muito mais liberada do que o jiu-jítsu, ele tem uma série de restrições, que eu acho que são inconsistentes. A luta livre tem mais torções além dos estrangulamentos e das técnicas de articulações.

**Entrevista com o Professor Hugo Duarte, da Luta livre****Data: 09 de maio de 2013****Hora: 10hs30min****Local: Academia Hugo Duarte, Flamengo, Rio de Janeiro**

Entrevista com o professor Hugo Duarte da luta livre:

1- Gostaria que você falasse um pouco de sua infância e adolescência, quando e onde nasceu?

- Eu nasci no Catete na rua Pedro Américo a minha rua tinha descendentes de espanhóis, portugueses, o meu avô é descendente de alemão, então, aquela, rua de subúrbio ali no Catete, aquela rua fechada, uma rua muito boa, eu morava numa casa grande de três quartos, aquela casa grande de pé direito alto, tinha quintal, entendeu, tive uma infância muito boa, tive uma infância que fui privilegiado.

2- Sempre morou no mesmo lugar?

- É fiquei até dezesseis anos, dezessete anos, meu pai comprou um apartamento aqui no Flamengo, aqui na Oswaldo Cruz, vendeu a casa lá, porque começou a ficar, aquele pessoal mora lá no morro Santa Marta começou a, pegar ali na rua a rua ficou muito ruim. Aí eu vim morar aqui no Flamengo.

3- Qual foi a sua primeira experiência com a arte marcial, como aconteceu?

- É tinha um rapaz de nome ele era o Miúdo, e os irmãos dele eram PQDs, ele fazia, tinha um corpo escultural, né, aí eu falei, pô, o cara é muito forte, eu tinha uns 14 anos, 15 anos aí eu falei assim pô, aí ele gostou de mim, eu era muito alto, a minha estrutura física era muito boa, aí ele falou eu treino ali no Boqueirão do passeio, no boqueirão não minto, foi no Santa Luzia, quer ir lá ver um treino meu, aí eu fui ver o treino dele lá um dia, e por sinal o professor Brunocilla, gostou de mim eu estava no tatame lá, tinha pouca gente pra treinar, aí ele falou: quer dar um treino, aí eu comecei a treinar ele falou, você tem a maior raça, não sei o que, aí comecei a treinar com 14 anos de idade.

4- Aí você já começou na luta livre, com quantos anos?

- Na luta livre, com 14 anos.

5- Em que academia você treinou?

- Eu comecei no Santa Luzia, eu fiquei no Santa Luzia de 14 anos de idade até os 23 anos 24 anos de idade, treinei no Santa Luzia e no Boqueirão do Passeio.

6- E você praticou outra arte marcial sem ser a luta livre?

- É participei. Um boxe inglês, um boxe tailandês, tinha amigos, que eram boxe e do boxe tailandês tinha uma família do boxe inglês e do boxe tailandês, é tudo uma família.

7- Você competiu, nesta modalidade?

- Não, não competia mas pegava com todos os cascas grossas, treinava com todos os cascas grossas, os cascas grossas, eu passava a parte de chão para eles e eles



passavam a parte em pé pra mim, um dos caras que treinava muito era o Flávio Molina, você sabe o Flávio Molina que foi o precursor do boxe tailandês aqui no Rio.

8- Em que ano foi isso?

- Ah, eu comecei a treinar em 89, 90.

9- Foi até que graduação, na luta livre?

- É, sou há muito tempo eu sou faixa preta desde os 18 anos.

10- Você mudou de mestre ou continuou com eles?

- Continuei com eles, cheguei... (inaudível).

11- Tinha muitos alunos?

- Tínhamos, tínhamos, chegamos a ter um exército de alunos, sessenta, setenta alunos, Santa Luzia, depois, foi no Boqueirão, no Boqueirão chegamos a ter um exército de lutadores.

- Era luta livre esportiva.

12- Mas a gente pode nesta luta livre esportiva denominar ela de luta livre carioca, porque ela tem, por acaso, seu início com características próprias aqui no Rio de Janeiro?

- É pode ser, pode ser nunca tivemos esse nome, mas, pode ser também, pode-se denominar com isso.

13- A luta livre olímpica você fez em que época?

- Eu fiz, com 16 anos, (1978), eu tenho 50 anos.

14- Havia sistema de graduação?

- Tinha era, branca, amarela, azul, roxa, marrom e preta.

15- Já treinavam visando o vale-tudo?

- Ah, o vale-tudo... nós treinávamos chão apenas, cara, treinava mais chão e tinha um treino, que era um treino, toda semana tinha um treino de "taparia" era lá na Budokan, era todo sábado, não tinha terça, quinta e sábado, era treino de taparia no João Ricardo. O primeiro vale-tudo que eu vi na minha vida eu era garoto, foi em 1980, vi no América com o João Ricardo da Budokan.

16- E sobre a rivalidade e os desafios entre a luta livre carioca e o jiu-jítsu?

- É nunca houve rivalidade, rivalidade depois de algum tempo aconteceu, porque eles sempre invadiam a academia, e nós, as outras academias de outras lutas, não é. E nós começamos a fazer a amizade, até quem trouxe ele foi eu não é. O Molina, Flávio Molina, e eles invadiram a academia do Molina, não é, o Molina estava dando aula a tarde, a noite assim seis horas e com crianças no tatame, ele estava dando aulas de boxe tailandês, entrou mais de cinquenta e pegaram os garotos e pegaram todo mundo de pancada, queriam derrubar os caras do segundo andar, foi uma covardia danada, e houve uma briga, houve e marcaram um valetudo com o boxe tailandês e daí pra frente começou aquela rivalidade, começou aquelas brigas, aquelas brigas não, aqueles tumultos.

17- Como surgiram os convites das primeiras lutas de vale-tudo?

- O vale-tudo começou com essa, que nós, nos unimos ao boxe tailandês, muay thai, no caso na época, não é; que o Eugênio Tadeu, o Molina vieram treinar na nossa academia, e... , e eles faziam só muay thai, aí eles começaram a fazer esse negócio de chão, aí nos unimos, aí começou essa guerra de jiu-jítsu e luta livre; e depois eles foram na televisão para desafiar qualquer luta, nós, fomos tinha um campeonato na Urca de jiu-jítsu, nós fomos dentro do campeonato deles e desafiamos eles para fazer o valetudo.

18- Nesta época de quanto eram as bolsas, no vale-tudo?

- Ah, a bolsa era pouca, a gente lutava mais por amor não é cara, toda a semana a gente fazia um vale-tudo na academia, fazia uns dez valetudo na academia. A gente lutava por amor eu na época, trabalhava no mercado financeiro, trabalhava no Banerj, e graças a deus, não é, meu pai era alto funcionário do banco do Brasil, eu tinha como me manter, não é cara, mas, tínhamos grandes lutadores de grandes nomes, e que tinha várias, oportunidades de ficar como campeão hoje em dia e não podiam seguir a carreira, porque tinha a família, tinha que sustentar, você para viver de valetudo tem que só fazer isso, não é.

19- Havia uma questão para você de representar a luta livre, como havia para os caras do Jiu-jítsu?

- Ah, cara tinha, era uma rivalidade ferrenha, só vivia isso, o Rio de Janeiro parou, era luta livre e jiu-jítsu, era essa briga, uma briga assim ruim, foi uma coisa de louco.

20- Quando você lutou em eventos maiores, qual era a diferença desses eventos para os desafios com o jiu-jítsu, o lance da grana melhorou, quantos por cento?

- É eu dei uma grande sorte, não é, chegou um japonês aqui o Miúra, e dei uma sorte também, por que tinha um faixa preta nosso que era o Marcelo Bertolucci, que deu sorte de encontrar com esse Miúra que veio ao Brasil, para assinar um contrato, primeiro foi comigo, e depois com outro representante do jiu-jítsu. Aí o Marcelo Bertolucci, não deixou ele ir na outra academia primeiro, pegou ele e levou direto para a minha casa, se ele levasse lá para os caras do jiu-jítsu os caras iriam breçar, não iriam deixar fechar o contrato comigo nunca. Tinha um contrato físico, fiquei três anos viajando para o Japão ganhava uma quantia fixa por mês, bem razoável, e fazia quatro valetudo por ano, em dois semestres, então em um mês, um mês e meio eu viajei, comecei a viajar para o Japão. Comecei fazer a minha carreira, depois de um ano, eu pedi eu passei para o PDB do Banerj, eu trabalhava no Banerj e o Banerj estava para privatizar. Aí eu pensei, vou sair e vou seguir a minha carreira profissional de luta, comecei a viajar o mundo todo dando seminário lutando, lógico que as bolsas não eram bolsas excepcionais na época, os campeões aí ganham, Mil e duzentos dólares, ganhava 50 mil dólares, cheguei a ganhar 50 mil dólares por mês, cada luta, eu comecei a ganhar 10 mil dólares, depois passou para 15, 20, 25, aí eu cheguei no patamar, de lutar por 50 mil dólares, e dólar estava três por um na época, eu ganhava uma quantia razoável então era muita grana, pra época, na época, eu investi em academia, e hoje em dia tenho a academia o meu negócio, mas, na época era muito difícil de você conseguir chegar, a lutar lá fora, eu dei uma sorte assim, fora do comum foi Deus que me ajudou.

21- O evento lá fora no Japão você lembra dos nomes e quais eram esses eventos?

- Tem um evento..., eu lutei no Pride, lutei no evento do Miúra um evento que ele fazia lá no Japão, tem até o nome, ganhei o cinturão lá e era Universal Valetudo Fight.

22- E nessa época o profissionalismo começou a falar mais alto? Como isso se manifestou, quando você começou a ganhar o dinheiro com a luta?

- Eu comecei a ganhar em termos de Brasil, é uma graninha, não é cara, eu cheguei a tirar em torno de, dava US\$ 5 mil dólares por mês, e era fixo isso aí durante três anos eu ganhar cinco mil, eu comecei a lutar por dez mil dólares cada luta não é, e de um mês a dois meses, então como o cara me dava por US\$ 5mil dólares, aí tinha mês que eu juntando tudo eu ganhava trinta mil reais era muita grana, eu trabalhava no Banerj, e ganhava relativamente bem, mas, ganhava bem, muito bem, comecei a juntar grana. Não gastava o dinheiro porque eu sabia que o dinheiro sempre foi caro demais, não é. E comecei investir a minha grana e comecei a ficar independente, eu dei muita sorte, na época eram poucas pessoas que conseguiam ir lutar lá fora.

23- Atualmente, você treina atletas de MMA?

- Não, eu treinei até atletas entendeu, tem uma galera que vem sempre treinar comigo aí, mas, eu tenho a minha academia de luta livre que a gente abriu aqui, eu tenho uma academia de musculação, que musculação realmente que dá grana. Hoje em dia está uma febre de MMA, mas, o meu tempo é muito difícil, e para você treinar o MMA, você, é um problema danado, você vira pai, vira psicólogo, vira patrocinador, aí você o seu negócio aqui aí o atleta de MMA, tira a camisa, desce com calça de quimono, calça de quimono, não, desce com o short e a camisa toda suja. Aí desce pro meu ambiente de trabalho, o atleta de MMA, hoje em dia está até mais, lúcido não é cara, mas é difícil, você lidar você vira, pai dos caras então é difícil, você, e outra coisa a fidelidade é difícil com os atletas, os atletas começam, a chegar no topo daqui a pouco não quer ficar mais contigo, entendeu? Troca de academia troca de time, então é difícil é problemático isso, entendeu.

24- Você percebe que não existe mais aquela fidelidade, que existia na época, por exemplo, do valetudo que defendia a sua arte, a sua academia, é isso?

- É por ai é isso aí, semana passada - eu não quero citar nomes -, veio até de uma equipe, tinha uns seis garotos querendo que eu desse aula, que iam me bancar lá fora para viajar, eu não quero mais, eu acho interessante, eu dou uns seminários fora, quando eu viajo para dar uns seminários fora e até para mim viajar está ficando difícil, meu negócio é aqui, meu negócio, é grande, eu tenho 400 alunos aqui na academia de musculação, então eu até, estou com um espaço aqui em cima estou fazendo uma obra agora estou ampliando, uma obra muito grande aqui em cima vai ficar muito legal, mas, eu não quero mais saber de colocar atleta para viajar. Eu quero treinar o pessoal, que fica muito boa de chão tenho uns 40 a 50 alunos aqui, treinam comigo aqui o chão, quero botar uma galera para ficar muito boa de chão, dar o nosso treininho a semana toda. Ter um lugar para treinar e é isso aí.

25- Os seminários, são no exterior, faz aqui no Brasil, continua fazendo?

- Por ano eu viajo quatro a cinco vezes para esses seminários, então, agora veja bem, a concorrência agora está ferrenha, tem muita gente fazendo seminário não é cara, e para mim sair do Brasil, para fazer seminário tem que ser bem convidativo, tem que ser bem interessante porque vai ficar uma semana fora, depois você, tem que ser uma coisa com bastante lucro, entendeu.

26- Tem uma marca?

- Não, eu tenho meu nome Hugo Duarte, agora eu estou estruturando a minha turma, e tenho o meu nome Hugo Duarte, me empolguei não é cara abri, esse espaço de luta aqui em cima, tá na moda, não é cara. E estou agora abrindo a Federação de luta livre de novo, quero começar, estruturar de novo, estamos com uns amigos, o Farid, o Dênis Cincinato, ajudando, João Ricardo entendeu. O Juan tem uma galera ajudando, por trás, vamos tocar aí, para fazer uma coisa mais forte, há tempo atrás a gente investia agora, a gente deixou na mão de algumas pessoas, então eles não tocaram o barco, e aí veio uma galera da luta livre para falar comigo. Um mês atrás, vamos estruturar de novo vamos botar para funcionar, vamos botar para funcionar de novo agora entendeu. Com uma estrutura bem forte.

27 - Como as técnicas da luta livre eram adaptadas para os eventos de vale-tudo?

- O vale-tudo, é uma luta diferente é um conjunto de luta, hoje em dia você tem que ser bom em pé, não pode deixar ninguém derrubar você, você tem sempre que cair por cima, tem que saber boxe tem que saber chutar, e tem que saber colocar o adversário no chão, é, eu colocava sempre no chão, eu derrubava o cara e terminava sempre no chão. Várias técnicas, as técnicas de saber finalizar, deixar o cara no chão imobilizar o cara, você pode ganhar em várias técnicas de americanas, estrangulamentos, torções, você tem que encurtar a distância, jogar o cara no chão e finalizar o adversário, entendeu.

28- Os atletas da luta livre costumavam praticar outros tipos de luta como forma de se preparar para eventos de vale-tudo?

- Lógico e todo o mundo fazia, antigamente era mais fácil, a gente fazia, tinha uma noçãozinha de boxe tailandês e boxe inglês, e levava sempre o adversário pro chão era igual tirar, bala de criança, não é. Hoje em dia não, ficou uma coisa assim absurda, hoje em dia, você tem que saber tudo, principalmente o chão, se não souber o chão está ferrado entendeu.

29- Mas treinava que tipo de luta em pé?

-Boxe tailandês, boxe inglês e a luta livre olímpica.

30- Você como protagonista da luta livre carioca no Brasil, poderia falar um pouco da sobre as características técnicas que construíram essa luta?

- Olha eu comecei a treinar com 14 anos de idade, aí já havia antigamente não é cara, havia o Fausto Brunocilla, treinava todo o mundo no Santa Luzia, treinava também em outro lugar, então começou assim, a gente começou a treinar aqueles treinos de calção, e começou a colocar a parte técnica, para outros lugares, o próprio Leitão, o Leitão também, sempre o Leitão o João Ricardo sempre, colocaram essa bandeira, e eles fizeram vários avanços, você vê que o Leitão com 74 anos, treina até hoje é um baluarte da luta, o João Ricardo, também, então são pessoas que o Fausto Brunocilla, o Carlos Alberto Brunocilla também, essas pessoas foram os expoentes da luta entendeu.

31-A construção dessa luta sofreu influência de técnicas de outras modalidades?

- Não, não... , pelo contrário nós treinamos sempre de sunga e eu, é até engraçado hoje, hoje em dia eu falei, - eu dei até uma entrevista no Japão -, no Rio também eu falei em uma entrevista; isto há 20 anos, eu falei que a luta da moda seria a luta livre, não é, e hoje em dia está todo o mundo treinando de calção, não é. No

valetudo lá fora todo o mundo só treina de calção, eu tive várias oportunidades, de viajar pelo mundo para morar fora, para técnicas, tem aluno meu na França, tem aluno meu na Holanda, tem aluno meu nos Estados Unidos, entendeu. Tem a maior galera viajando aí e dando aula de chão entendeu, hoje em dia não existe, mais quimono, existe é a luta de chão, a luta de chão é a luta de chão, é a luta de calção, a luta de chão é nossa.

32- O que difere a luta livre olímpica da luta livre carioca? Além das regras?

- A luta livre olímpica é uma luta para derrubar, não tem finalização de golpes traumáticos, como americana, torções cervicais, é estrangulamentos, é uma luta que é para derrubar viu, que é para colocar o adversário no chão.

33- Esses estrangulamentos, essas chaves e essas finalizações, elas são próprias da luta livre ou elas partiram de outro tipo de luta?

- Não tudo é da luta livre, você vê que é o seguinte, isso vem desde os homens das pedras, não é, é antiga, a luta mais antiga do mundo é a nossa luta, com adaptações no caso, foi cada vez, mais, adaptando, foi entendeu.

34 - Eu tive a oportunidade de trabalhar em duas copas Budokan, com o João Ricardo, na parte de organização com o professor Ramos do judô, e percebi que existe algumas regras específicas, as regras da copa Budokan, são as regras da luta livre?

- São as regras, a Budokan, o cara está de parabéns, a Budokan, é uma academia, que sempre, todo o ano faz o campeonato de luta livre nunca deixou morrer um ano, o João Ricardo é um baluarte da luta, nunca deixou morrer a luta, luta com dificuldade, nos campeonatos, briga para fazer, entendeu. Mas todo ano tem o campeonato dele, entendeu.

35- Houve influência, dos eventos de valetudo do Rio de Janeiro, para o desenvolvimento, da luta livre carioca?

- Não, não, houve influência nenhuma, acho que foi o contrário, acho que foi valetudo, houve uma adaptação e cresceu não é cara, hoje todo mundo faz tudo, como eu falei para você eu acho que, somos nós, nós que levantamos essa bandeira aí. Nós é que colocamos essa rivalidade com o pessoal do jiu-jítsu, não é cara. E é isso aí.

36-A luta livre carioca foi para outros países?

- Sim, ela foi para a Europa toda, na América do Sul também, graças, ao João Ricardo.

37- Qual o motivo dessa paixão dos estrangeiros pela a nossa luta livre carioca?

- É uma luta diferente é uma luta que tem muito golpe, muita chave de pé, muita torção, americana, é uma luta que o mundo todo está descobrindo; é o que eu falei para você, é a luta da atualidade, não existe outra luta, para fazer de calção a não ser a luta livre.

38-E sobre as chaves articulares vale chave em todas as articulações?

- Todas, todas.

39- Os estrangulamentos são os mesmos do judô e do jiu-jítsu?

-Não, os estrangulamentos do jiu-jítsu, são de golas, o nosso é diferente, o nosso, é pela frente, por trás, pela lateral, entendeu.

40- E agora, sobre um tanto polêmica, sobre aquele desafio que aconteceu com você e com o Rickson, na praia, qual a sua versão sobre aquele episódio, você poderia falar sobre isso?

- Ah! O episódio foi o seguinte o Rickson, foi lá na academia desafiar a galera, tinha uma briga com o outro desafeto dele do boxe tailandês, ele foi lá, passou um dia lá que o outro atleta marcou uma reunião, e eu, ficou aquele tititi..., e eu na época peguei muito nome, tinha nome. Chegamos na praia, na praia no caso no Rio não é cara, no caso na praia do Pepe, o Rickson chegou com umas cinquenta a sessenta pessoas, eu estava sozinho, eu mais três pessoas, ele perguntou, meu irmão tá pronto? Eu fui lá, fizemos na mão lá, fizemos na mão, e resolvemos. Uma semana depois, nós invadimos a academia dele no Humaitá, ele não estava, mandei o pai dele telefonar para ele para ele voltar e a gente sair na mão de novo.

41- Em que ano, que foi isso?

- Eu acho que foi em 2000, eu acho.

42- Caso seja preciso podemos contar com você para mais uma entrevista?

- Estou a vontade, estou é a disposição, e quero reiterar como falei algum tempo atrás, que a luta da moda, hoje em dia vai ser luta (livre), neguinho, põe outros nomes, mas, que a luta (livre) é que é a luta da moda.

43- Você luta até hoje?

- Treino até hoje, treino todo o dia uma hora, uma hora e meia de manhã, e uma hora de noite, segunda, quarta e sexta, terça e quinta, estamos treinando aí.

44- Você tem mais alguma contribuição, sobre o assunto?

- Não eu acho que é o seguinte, hoje em dia cara, vem certas pessoas falar de certas lutas, como você tem feito essa, essa, essa, entrevista eu vejo "centas" pessoas falar não é cara, que, são aqueles papagaios de pirata, que não tem conhecimento nenhum e vem a palhaçada, a origem de toda essa polêmica de valetudo, Rio de Janeiro. (Somos interrompidos, momentaneamente por uma moça pedindo informações, sobre as aulas de muay thai). (Retorno ao assunto) falar de valetudo aqui no Rio de Janeiro, a luta livre sempre comprou todos os barulhos de todas as lutas, tá. E eu vejo as vezes, em certas entrevistas certas pessoas falarem, é que não passaram por isso, que não passaram, pela, pela, pela, por essa época do valetudo. Antigamente o Rio de Janeiro era sitiado era só luta livre e jiu-jítsu, até que hoje em dia ficou uma coisa bem saudável, todo o mundo se dá bem hoje em dia, mas, antigamente não, antigamente era isso aí, isso aí é que puxou o valetudo no Brasil. O valetudo no Rio de Janeiro, por que houve a maior repercussão no Rio de Janeiro, sobre isso, entendeu, era uma coisa assim louca, entendeu, cada defendia a sua bandeira, vamos defender a nossa bandeira por tinha certas coisas que eram absurdas que aconteciam, e nós nos revoltamos contra isso entendeu.

45- Qual A sua idade?

Tenho 50 anos

**Entrevista com Johil de Oliveira****Data: 15 de outubro de 2015****Local: Sítio - Canil, Pendotiba, Niterói**

Qual a idade: 46 anos

Johil a gente tem o objetivo de entender a luta livre e a história do vale tudo no Rio de Janeiro justamente, pela visão da luta livre.

1- Gostaria que você falasse um pouco de sua adolescência de sua infância, onde você nasceu?

- eu nasci no Rio de Janeiro, tá em Santa Tereza, e eu treino luta livre desde, os meus sete anos.

2- Você sempre morou no mesmo lugar?

- Não, Morei em Santa Tereza, depois, eu fui pra Copacabana, Leblon, Barra, fui pra Goiás voltei pra cá fui pra Goiás, voltei pra cá, fui pra Assunção, morei em Assunção com o meu pai, voltei, fui pra Petrópolis, voltei, e agora eu moro em Maricá.

3- É na época de adolescência, infância, o que você costumava fazer para você se divertir?

- Eu sempre treinei, eu sempre gostei de jogar bola na época, mas, o meu pai, praticamente me forçava a ir pra academia com ele pra, meu pai era lutador também, Hilbernon, meu pai praticamente me forçava pra eu ir pra academia com ele, treinar também.

Qual o nome do seu pai?

- Hilbernon, isso, ele foi sócio do João Ricardo, em uma academia no Centro que se chamava Johil, era tinha um traço ai HIL, que era uma Junção do nome João e Hilbernon, então, juntaram esse nome saiu, Johil.

4- Em ano que foi isso, você começou a treinar, a sua adolescência, era década de que?

- Era década de 70, foi eu tô com, 69 eu nasci, 77, 78 mais ou menos, eu comecei a fazer luta livre.

5- E como aconteceu a sua primeira experiência com a arte marcial?

- A minha primeira experiência?

É com arte marcial foi justamente essa questão da academia do seu pai?

- É meu pai também era sócio do João Ricardo na Budokan, foi sócio algum tempo, eu ia desde pequeno pra academia, ficava assistindo, era muito novo, 4, 5 anos, ai começava já a ficar brincando nos tatames, gostava de jogar bola jogava bola normalmente, mas, o que meu pai mais queria era que eu fosse lutador, igual a ele.

6- E quanto tempo você praticou ou pratica ainda?

- Desde os sete anos, eu tenho 46 então tem 39 anos, não é, 46, 39 anos de luta livre, sempre treinei a luta livre nunca treinei jiu-jítsu, entendeu, é luta livre e muay thai.

7- Competiu na sua modalidade, luta livre, fui campeão fui penta campeão carioca, tetra campeão da copa Budokan, fui campeão brasileiro agora, semana passada de luta livre, fui campeão também de wrestling, também.

8- Em que ano foi isso, foram esses campeonatos?

- Foram na década de 90.

9- Qual a sua graduação?

- Eu sou Grão Mestre de luta livre, sou sexto Dan de luta livre.

10- Você disse que treinou outra modalidade de luta que foi o muay thai, ele veio depois?

- É o muay thai veio depois, a gente tinha uma parceria com o Falecido Luiz Alves, da Boxe Thai, então todo o mundo que treinava a luta livre, fazia muay thai, lá na boxe thai, que era do Luiz Alves, e quem treinava muay thai, no Luiz Alves, treinava a luta livre lá com a gente. A gente fez essa junção a luta livre e o muay thai para poder ficar mais forte, não é, em 94, 95 por aí.

Era a luta livre olímpica ou era a luta livre esportiva?

- Luta livre esportiva, sempre foi, eu sempre treinei foi a luta livre esportiva, desde os sete anos.

11- Quais são as diferenças entre a luta livre esportiva e o wrestling que é a luta olímpica?

- É o wrestling não tem finalização, a finalidade do wrestling, é derrubar o oponente, e encostar as espáduas no chão que é as costas, e a luta livre esportiva a finalidade é finalizar o oponente, chave de braço, chave de joelho, estrangulamento, então, a finalidade nossa da luta livre esportiva é a finalização é chegar, que o oponente desista, e o wrestling é fazer com que oponente encoste, as costas no chão, não vale finalização.

12- na época já havia o sistema de graduação?

- Já, me graduei com 19 anos, faixa preta.

13- Quem era os seus parceiros de treino, na época do vale tudo?

- Meu pai Hilbernon, o João Ricardo, que era o professor na época junto com o meu pai, Leitão, Marcos Ruas, Hugo Duarte, Marcelo Aguiar, The Pedro, Pinguim, Peu, Pedro Rizo, o Babalu, também, treinava com a gente.

14- Havia competições na época?

- É sempre havia a Copa Budokan, que é evento internacional, não é, evento internacional desde de quando eu tinha 22 anos, 23 anos, já tinha a Copa Budokan, eu participava da Copa Budokan de luta livre esportiva, e tinha os campeonatos carioca de luta livre fui campeão várias vezes.

15- Vocês já treinavam visando o vale tudo?

- Já. Já por que o meu pai, e João, fizeram, forma lutadores fizeram vários vale tudo, na época tinha uma luta por semana, no América, João lutava quase toda a semana vale tudo no América, meu pai também, então a finalidade nossa da Budokan, é a preparar os atletas para o vale tudo.



16- Havia rivalidade com outra academia de luta livre?

- Rivalidade, rivalidade, não, não, quer dizer eu sempre treinei em um lugar só, eu nunca fui de treinar em outros lugares, eu nunca fui treinar no Hugo por exemplo, eu tinha essa mentalidade que eu estar traindo, né meu Sensei, meu professor na época, eu tinha essa mentalidade, que não é a correta hoje, hoje todo mundo faz tudo, as pessoas vão em vários lugares para treinar, mas, eu treinei 35 anos de minha vida no João Ricardo, nunca treinei em outro lugar, o único lugar que eu ia era fazer, muay thai, na Boxe Thai, mas, a luta livre sempre foi no João.

17- E a rivalidade entre a luta livre e o jiu-jítsu?

- Isso foi lá na década de 90, sempre houve por que, eles sempre falavam que o jiu-jítsu era a melhor arte, entende, e na época deu muita briga na rua também com o pessoal do jiu-jítsu então, a minha vontade, sempre foi na época de lutar contra os Gracie, já teve um desafio, para os Gracie, na época eles não aceitaram, saiu até uma matéria de jornal na época.

Qual jornal?

- Jornal do Esporte, em 95, 96 eu ia lutar até na época com Renzo Gracie, e o Marcelo Aguiar, ia lutar com o Wallid, essa luta nunca houve.

18- Era o desafio do jiu-jítsu contra a luta livre?

- Isso, a minha vontade sempre foi lutar com o pessoal do jiu-jítsu, para provar, que não existe a melhor modalidade, existe o melhor atleta, né, o melhor atleta, melhor atleta, aquele que está mais bem preparado. Hoje em dia o pessoal do jiu-jítsu eles treinam tudo sem quimono, só que não falam que treinam luta livre pra não dá margem, pra gente, então, eles botam, Submission, No Gi, eles inventam uma porção de nome para não falar que treinam a luta livre, se você tira quimono e faz a parte de chão, é luta livre.

19- Nesses desafios entre o jiu-jítsu e a luta livre tem algum episódio específico que você queira comentar?

- Eu tive várias lutas com o pessoal do jiu-jítsu eu lutei com o Wallid Ismail, lutei com o Claudionor, lutei, com o Selvagem na época que era os nomes do jiu-jítsu, não é. Você poderia falar sobre as primeiras participações dos lutadores de luta livre em eventos de vale tudo no Rio de Janeiro e assim e os precursores da luta livre nesses eventos?

O Hugo Duarte, lutou os primeiros eventos no Rio foi até no Maracanãzinho que foi a luta livre contra o jiu-jítsu também, o Hugo e o Bigu, isso foi em 93, depois, 92 por aí. Em 95, teve um evento na ilha do pescadores, era duelo de titãs, e foi o meu primeiro vale tudo, aí eu lutei, estreei, representando alua livre nessa época, eu sempre representei a luta livre desde que eu era, criança praticamente.

20- Como as técnicas da luta livre eram adaptadas para os eventos de vale tudo?

- É não era adaptado você tinha, vale tudo é, era uma modalidade, agora o nome é MMA, o vale tudo é a junção de todas as artes marciais, não é, não adiantava você saber fazer só o chão, você teria que saber o chão e a parte em pé, então se eu lutasse com um cara que fosse muito bom em pé, eu teria que fazer tudo pra levar ele pra o chão, pra fazer o que era a minha modalidade, que era tentar a finalização. Não tinha uma técnica especial, específica pra poder levar, era dependendo da luta de cada luta, cada luta você usava uma técnica, se o cara era muito melhor do que eu no chão, eu fazia tudo pra poder ficar em pé.

21- Vocês costumavam a praticar outro tipo de luta pra poder reforçar o vale tudo, aliás, a luta livre no vale tudo?

- o muay thai, e a luta livre.

22- E sobre as características técnicas que construíram essa luta, nesse tempo teu mestre, você viu alguma evolução, coisas que eram mostradas diferentes, que foram adaptadas ou não?

- Foi muita coisa, muita coisa, na minha época as coisas eram mais simples era arm lock, estrangulamento, é uma chave de pé, tinha de calcanhar, tornozelo, depois veio omoplata, entende, chave de bíceps, chave de panturrilha, então, vieram a luta livre evoluiu muito da década de 90 até hoje.

23- E essa construção, essa evolução, ela sofreu influência técnica de outra modalidade?

- Não, são os professores, mesmo, Leitão, que é o maior entendedor da luta livre, mais estudioso, o Leitão foi aperfeiçoando a luta livre, treinando as pessoas, via que de uma posição poderia sair uma outra, então ele foi vendo foi visualizando foi fazendo, daí saindo outras finalizações.

24- As regras da Copa Budokan, são as mesmas regras da Federação? Ou tem competições que diferem as regras da luta livre?

- Tem competições sim que diferem, a Copa Budokan, sempre foi é, de short, de bermuda, né, na época era até sem camisa, hoje agora está usando, camisa e tudo, mas, podia na época a bate estaca, você levantar a pessoa e cair junto com ela no chão, as outras entidades da luta livre, não permitiam isso.

25- Na Copa Budokan, valia puxar pra guarda, vale puxar pra guarda?

- Valia, mas, perde ponto. Perde ponto entendeu, isso é coisa do jiu-jítsu então a gente, que muita gente do jiu-jítsu na época participava, também, da Copa Budokan, o João, convidava na época, né, então eles tinham essa mania de puxar o oponente pra guarda, você puxou o outro, pra a guarda, você perdeu um ponto ali, a finalidade da luta livre, ela sempre começa em pé, né, você derrubar o seu oponente, e depois fazer a maior pontuação possível, ou finalizar. Eu sempre lutei para finalizar, não pra pontuar.

26- E os eventos de vale tudo no Rio de Janeiro, ele teve alguma influência, pra o desenvolvimento da luta livre?

- Teve, teve, muitos adeptos que não conheciam, na época a luta livre o pessoal do muay thai e tudo, eu representei muito a luta livre na década de 90, né, então, os outros queriam saber, que luta livre, o que era isso, né, então academia nossa enchia bastante, adepto na época, justamente, pra saber essa diferença, mas, não é jiu-jítsu, você treina jiu-jítsu, todo mundo achava que eu treinava jiu-jítsu, e era bom de chão, aí eu explicava eu treino a luta livre, o que é a luta livre, pra simplificar mais ou menos vou explicar, a luta livre é, jiu-jítsu sem o quimono, por que tem muitos mais golpes que no jiu-jítsu não pode, que na luta livre pode. Então eu acho a luta livre mais completa.

27- E essa luta livre que foi desenvolvida praticamente dentro Rio de Janeiro, pelo professor Roberto Leitão, por vocês todos ela foi para outros países?

- Foi pra França, foi pra França, tem um rapaz aí que tá na Europa tem muitos lugares com a luta livre. Manaus também, agora a parte do Brasil, Manaus, é um dos

lugares tem maior, lá tem mais pessoas, treinando a luta livre que o jiu-jítsu, o movimento terrível ali de luta livre.

28- E qual o motivo da paixão tanto do brasileiro quanto do estrangeiro, pela luta livre?

- É uma arte, como eu te falei ela é mais completa você não precisa segurar na roupa sabe é tudo no corpo, então pra quem nunca treinou acham difícil, por que escorrega, isso, tudo, entende, mas, eu acho assim a luta livre, uma modalidade perfeita pra luta. É como se fosse a briga de antigamente dos, é, bem lá atrás na evolução do homem já brigavam, já faziam a luta livre, desde essa época.

29- As chaves articulares elas valem em todas as articulações?

- Vale todas, menos os dedos, não vale torcer o dedo.

30- Os estrangulamentos são os mesmos do judô e do jiu-jítsu?

- É tem muita coisa, por exemplo judô, e o jiu-jítsu eles usam muito o quimono, para estrangular a gente, não usa quimono, aí é bem diferente, o nosso negócio é bem diferente, por que a gente não usa o quimono. É tudo na mão, é estrangulamento é guilhotina, é o kata gatame, que é um tipo de estrangulamento.

31- E qual a sua versão daquele episódio que aconteceu na praia como Hugo Duarte com o Rickson Gracie, e outros episódios que aconteceram, de brigas realmente de rua e outros locais, no Rio de Janeiro, entre o jiu-jítsu e a luta livre, qual a sua versão, em relação a isso o que você na época, viu ou ouviu?

- O que eu ouvi na época sobre, o Hugo na praia foi uma covardia, estava o Rickson (Gracie) e mais umas 50 pessoas, estava o Hugo e mais uma pessoa se eu não me engano, eles fizeram uma roda e praticamente não tinha o que o Hugo fazer, pensa bem, você está, rodeado por 50 pessoas, vai brigar eu e você se eu te bater essas pessoas vão te juntar e te arrebentar todo, mas, isso foi importante para o crescimento do vale tudo, entendeu, quanto da luta livre quanto do jiu-jítsu. O jiu-jítsu também cresceu muito, por causa da luta livre, por causa dessa rivalidade. Então, o jiu-jítsu cresceu por conta própria, não, se não fosse a rivalidade com a luta livre talvez não seria esse, patamar todo foram importantes, foi importante para as duas modalidades.

32- Ok, Johil eu gostaria agradecer a sua participação nessa entrevista, e caso seja preciso eu posso contar outra vez, com você para saber de outros detalhes?

- Pode, pode sim, estou a disposição para falar da luta livre da nossa época é um prazer enorme.

33- Você autoriza, a divulgação de suas informações para a publicação de científica utilizando o seu nome?

- Sim autorizo.

34- Você luta até hoje?

- Eu fiz um transplante, já o segundo transplante de córnea que eu fiz, eu estou praticamente encerrando a minha carreira, eu ainda tenho vontade de lutar, mas, o corpo não permite.

35- Dá treinos?

- Eu parei também de dar aula, agora trabalho só com cães eu sou adestrador, eu participei do Campeonato Brasileiro de luta livre, sábado passado, eu até entrei no campeonato sem treinar, por que não dá tempo, fico o dia inteiro aqui e a noite saio para adestrar cães ainda, é a hora que as pessoas estão disponíveis, né, então eu chego em casa dez horas da noite então eu não tenho tempo pra treinar. Mesmo assim, eu participei do Campeonato Brasileiro e fui campeão com 46 anos.

36- Você tem mais alguma contribuição sobre esse a falar?

- Hoje em dia as coisas estão mais organizadas, tenho outra mentalidade, eu nunca fui de brigar na rua, e mentalidade nossa de fazer luta é que quem faz luta, não precisa brigar na rua, você sabe o você pose fazer com o seu oponente que vai acabar machucando. Até, mesmo na rivalidade que tinha antigamente, da luta livre com o jiu-jítsu, era uma coisa de lutador para lutador, não existia covardia, pelo menos de minha parte, nunca fui de brigar na rua, até aconselho, que quem quer brigar que procure uma modalidade de luta faça, por que brigar na rua não tá com nada.

### APÊNDICE C - Relato Phillip Barbosa Barreto Lima – capítulo 3

Phillip Lima é mestre em Educação Física e Cultura e mestre em Muay Thai atua nos eventos de MMA há 20 anos, é treinador do lutador Alex Cowboy, alvo da polêmica regra do ataque na cabeça em três apoios no último UFC 207 que aconteceu 30 de dezembro de 2016.

Solicitei uma síntese sobre o fato ocorrido e a opinião dele sobre a polêmica do ataque na cabeça, quando o adversário estiver de três apoios. O relato foi enviado via *Messenger* diretamente dos Estados Unidos da América, em 2 de janeiro de 2017, dois dias após o fato ocorrido.

- Bom dia amigo, bom dia aqui, não sei que horas são aí. Vamos lá, vamos tentar fazer uma síntese aqui do que aconteceu, a luta vinha correndo de forma natural, um luta bem parelha, bem equilibrada, entre os dois adversários e no terceiro minuto do primeiro round ainda, quando o meu atleta, o Alex de Oliveira “Cowboy” estava em uma posição de três apoios, que é um pé no chão, um joelho e outro pé no chão, o adversário aplicou de forma intencional duas joelhadas na cabeça dele; houve a paralização do combate devido a ilegalidade do golpe, e tempo de recuperação foi dado de cinco minutos, mas o médico constatou que o meu atleta não tinha condição de continuar então ele encerrou o combate ali. (0:59)

- O árbitro acreditou que os golpes não foram intencionais, acho que ele foi muito equivocados, pois foram duas joelhadas muito bem aplicadas no rosto do adversário e ele deu como resultado o *no count*, quando a luta fica sem resultado oficial, é como se fosse um golpe legal e a luta interrompida. (0:29)

- Acredito eu que foi um erro da arbitragem, eu percebi lá na hora que a comissão atlética não permitiu ao árbitro utilizar os recursos áudio visuais para poder tomar decisão. Entrei com recurso e fiquei sabendo que comissão de Nevada não aceita recursos áudio visuais. Não utilizam o recurso. O árbitro alegou não ter visto a segunda joelhada, diz não ter visto a intenção do adversário, o que ficou claro. O próprio adversário deu várias entrevistas alegando que deu a joelhada mesmo, de propósito, porque ele acreditava que aquela regra não existia, por ele não ter conhecimento da regra do esporte que ele pratica, ele aplicou de forma intencional sim. (0:59)

- A minha opinião sobre a regra de três apoios: eu acho que é uma forma de proteger o lutador, eu acho que, se a gente tem a intenção de que o esporte MMA seja regulamentado no mundo todo, é preciso deixar as regras bem estabelecidas e bem claras, acredito que quando você permite um pisão, um chute, uma joelhada na cabeça do adversário, a gente fica em uma posição muito exposta como é a posição de três apoios, quando a gente está deitado no chão, a gente permite meio que uma violência, uma barbárie e isso foge do efeito básico do esporte, eu acho que a regra tem que ser mantida. (1:00)

- Essa regra visa proteger o lutador e toda a regra que visa proteger a integridade, o lutador tem que ser bem clara, para que não aconteça o que aconteceu nesta luta, que foi um golpe ilegal, intencional, dado por um desconhecimento de um atleta profissional do esporte, isso é muito complicado de poder se julgar. Um atleta profissional, lutador do maior evento do mundo, não sabe o que é permitido? Então aí está o grande problema que eu vejo, acho que as regras têm que ser claramente passadas o tempo todo. As comissões tentam fazer isso em todos os eventos que eu vou, mas, de repente, sei lá, por conta de problemas de interpretação, mudanças de regras toda hora. (1:00)

- A regra está sendo modificada novamente com relação a esse quesito, três apoios, quatro apoios, para tirar as dúvidas, mas tem que ser claramente explicado, o MMA minha vida. (0:25)

## **APÊNDICE D - Entrevistas parcialmente descartadas**

As entrevistas do apêndice D foram parcialmente descartadas, entretanto serviram para redirecionar o foco da tese, a pergunta sobre a excitabilidade foi aproveitada para a composição do terceiro capítulo.

### **Entrevista com lutador profissional, nº 01**

**Nome: Wagner Ribeiro**

**Data: 08 de agosto de 2013, 11hs**

1- Wagner quando você pensa em MMA, o que, que lhe vem à cabeça?

- É, um esporte de contato, né, de alto nível.

2- E o que, que te levou a praticar o MMA?

- É, desde criança né, eu assisto pela TV, começou com a família Gracie, né. Eu comecei a praticar o jiu-jítsu e eu vi que aquilo ali eu me identificava entendeu, assisti aquilo ali na TV, e vi que era aquilo ali que eu queria para mim, entendeu, eu acreditava naquilo ali, que, é, eu podia ser um profissional, né, naquela área.

3- E qual, que é a sua rotina de treinamento?

- A minha rotina de treinamento são dois treinos diários, de três horas de duração cada.

4- É, desde quando você passou do jiu-jítsu, pra ser um lutador profissional de MMA, quais foram, quais foram, as suas evoluções técnicas, que você teve?

- É, eu aperfeiçoei o meu boxe, né, meu wrestling, é, a queda, é tipo um judô sem quimono e o muay thai, que é a trocação no alto.

5- É, o que passa pela a sua mente, no momento do combate de MMA?

- É, no momento ali eu procuro ficar tranquilo, para tentar entender o, o movimento do meu adversário, pra que eu possa responder, logo em seguida, entendeu, eu tento manter o equilíbrio, e, que é uma competição ali né, então, eu vejo o cara, eu não vejo o cara como inimigo, eu vejo ele como o meu adversário, entendeu, eu não tenho raiva do cara, eu não coloco ódio, eu quero apenas passar por ele, entendeu, é, como se fosse uma barreira, e eu tenho que passar por aquela barreira ali.

6- Você sente alguma excitação própria no momento da luta?

- É, o momento ali, é um momento muito importante para mim, né, que eu sempre pratiquei, isso a minha vida toda, acho que é um momento de teste ali pra mim, entendeu, eu mesmo, estou me testando, não ligo pra o que as pessoas vão falar fora dali, entendeu, o que as pessoas estão assistindo, eu, vou, subo ali, pra mim, pra eu mesmo me testar, entendeu, para ver se eu tô bem, se meu esforço valeu a pena, aquele tempo de treinamento, tempo de concentração, abro mão de uma porção de coisa da minha vida pelo esporte, entendeu. Deixo de sair na noite, não bebo bebida alcoólica, entendeu, como bem, durmo bem, vivo centrado, eu vivo pra o esporte.

7- O que mais marcou você durante a sua trajetória como lutador, que contribuiu pra você se tornar um lutador, o que, que marcou você, o que, que foi que marcou?

- O que mais me incentivou foi eu conhecer uma pessoa muito importante, na minha vida acredito que Deus, sabe o que faz entendeu, então, eu conheci o Rodrigo Minotauro, além dele ser o meu parceiro de treino, eu sou fã dele, entendeu, sou fã e parceiro de treino dele, isso aí, pra mim, eu, sei lá, foi como se eu tivesse, não sei, não tem como explicar entendeu. Não tem explicação, seria o maior, o maior incentivo é isso aí, tá no dia a dia ali, poder compartilhar o tatame com, pô, várias estrelas aí, mundiais isso aí pra mim é o maior incentivo.

8- E o que, que atrai você para praticar o MMA?

- É, porque, eu acho que, foi o que eu falei aqui, Deus sabe... a minha genética, entendeu, acho que, não sei eu fui, então, entendeu, eu acho que tem tudo a ver com a luta o meu biótipo, a minha genética, entendeu. Acho que isso aí me ajuda bastante, né.

9- E você tem alguma motivação especial em relação a ascensão financeira, a fama, ou o empoderamento que traz a luta?

- Isso aí é consequência do esporte, né. Eu... no início eu até meio que tive tal... mas, eu vi que no dia a dia, aquilo ali, isso aí é consequência do esporte, eu tô procurando a minha felicidade, entendeu. A minha felicidade é aqui, sou feliz aqui, no que eu faço e a situação financeira é consequência.

10- E qual a sua opinião em relação ao sucesso do MMA e do UFC?

- Ah! Sem palavras né, de, pô, a gente iniciar um esporte, a gente ser altamente discriminado, as pessoas, pô, falarem que a gente era vagabundo, e porra, tipo, quem treina arte marcial é bandido, não quer fazer nada, é vagabundo, e hoje em dia, pô, as pessoas, pô, vê como esporte, entendeu. Profissionalizou, meus pais eram totalmente contra, saia com o quimono para treinar, pô, voltava em casa, pô, o meu pai me esculachava, e hoje em dia, pô, o meu pai me dá força, entendeu, me vê na TV, me vê nas revistas, me vê entrevista, ele, eu sinto que ele... entendeu. Que, pô, foi um momento ali que, entendeu, não conhecia o esporte e que hoje em dia pô, eu ando na rua as pessoas param pedem para tirar foto, entro no ônibus o pessoal fica olhando, é glorificante, isso aí, né.

11- E sobre as compensações financeiras, para os lutadores, já teve alguma compensação, vale a pena, em termo de dinheiro, você, como você, vê isso?

- No momento, o esporte ainda tá em crescimento, né. É bastante difícil, o apoio entendeu, o esporte é novo, acredito que vai crescer muito porque a Globo abraçou, né, acho que agora o céu é o limite, vai crescer muito, entendeu, acredito que pô, a gente, vai, chegar no nível do futebol, entendeu. E o início é difícil, acho, que para todo mundo, qualquer profissão se você não acreditar, se você acreditar, você tem que acreditar, independente do começo, eu pô, eu passei, uma porção de, passei muitas dificuldades, pela situação financeira, né. Para treinar, pra tudo, suplementação gasta muito. Nunca tive ajuda, eu comecei a ter ajuda depois de um certo tempo, por causa dos meus resultados, e hoje eu devo tudo o que eu tenho ao esporte, esporte é a minha vida, como pessoa, no meu dia a dia, entendeu, aprendi a respeitar o próximo, não desmereço ninguém, independente da condição financeira, do tamanho, da posição que a pessoa tem, no dia a dia, da profissão



dela, ninguém é mais do que ninguém absolutamente, isso aí o esporte me ensinou, entendeu.

12- E em relação a fama que ele traz?

- A fama é como o dinheiro, né, é consequência. Entendeu, a fama é temporária, entendeu, a fama, ela, é o momento ali de êxtase, eu acho que o cara tem que curtir aquele momento ali, sem se desfazer de ninguém, porque hoje, você é famoso amanhã, você já não pode, já pode cair no esquecimento, entendeu. Então, eu acho entendeu, o Ser humano, ninguém é mais do que ninguém. Absolutamente, entendeu.

13- E como você se vê no futuro com a prática do MMA, você, o que, que você almeja?

- Ah, eu almejo, pô, hoje graças a Deus, ter a oportunidade ali de subir e mostrar o meu trabalho, entendeu, com as minhas próprias mãos, então a consequência aí, vai ser de que, pô, eu, meu coração vai ficar na ponta da luva e dos meus alunos, né, eu vou tentar instruir, do jeito, da mesma forma que eu aprendi, eu vou tentar passar pra eles aquilo ali, e botar meu coração ali, neles, eu acho que meu coração vai ficar ali, nos meus alunos, entendeu.

14- E em relação a prática do MMA, pelas mulheres qual é a sua opinião?

- Eu acho, que tipo assim ... o que eu vou falar aqui é até meio engraçado, né, claro que, pô, eu sei que as mulheres hoje dia, tão crescendo, tão crescendo, aí na área profissional em qualquer, parte né. A gente tem uma presidente mulher, entendeu, elas estão querendo assumir, mas, eu acho que pô, mulher é feminina cara, mulher eu acho, não sei, "véio", eu acho, até meio assim para falar não é cara. É maneiro e tal tem uma amiga que treina, a Ana Maria, conheço ela há anos, mas, pô mulher, acho que a mulher, fica mais, sei lá, "véio", mulher é feminina, né cara, mulher. É foda, é difícil de eu falar isso para o senhor, mulher entendeu. Porque mulher fica bonita, de vários jeitos, maquiada, pô, bem vestida, pô mulher subindo ali pra brigar, eu sou meio...

15- E sobre o empoderamento que a luta proporciona, aos lutadores, assim, a auto confiança, essa coisa toda o que você tem a dizer?

- É isso aí, é, o treinamento psicológico, não é, antes da luta a gente tem todo um trabalho aí, psicológico, a gente confia nos nossos técnicos não é, tem todo um trabalho de preparação física, preparação psicológica, a luta ela começa antes de você, entrar no "Cage" meu, entendeu, já no dia, que você fecha a luta, a luta já começa ali. Você já começa ali a brigar com o teu psicológico, você sabe que já tem adversário ali do outro lado que já tá treinando para te encontrar naquele dia, naquele horário, entendeu, então a luta já começa, antes, né, de você, de você subir para lutar.

16- Ok, Wagner, você tem mais alguma contribuição a dar em relação ao MMA, a essa prática do MMA o porquê, assim, que essa juventude toda procura o MMA, mais alguma coisa, pra a gente, poder encerrar essa entrevista?

- Eu quero dizer que o esporte, ele em qualquer modalidade, além do MMA, o esporte é magnífico entendeu. O esporte ele salva vidas entendeu, o esporte, tira as pessoas da rua, tira, coloca longe das drogas, dos lugares indevidos, e eu quero deixar um recado aí, para as pessoas que, para essa garotada nova aí que tá começando a praticar a luta, praticando MMA, eu quero deixar uma frase aí, não

brigue, lute, entendeu, nunca desmereça uma pessoa na rua, porque você pratica arte marcial, ninguém é mais do que ninguém, absolutamente, deixe pra mostrar a sua arte, pra a pessoa que esteja preparada pra lutar com você no dia da competição, entendeu, porque ali ele tá preparado para te encarar, nunca desmereça ninguém.

**Entrevista com lutador profissional, nº 02****Nome: Jorge Antônio Cesário de Oliveira - BLADE.****Data: 08 de agosto de 2013**

1- Quando você pensa em MMA o que, que lhe vem à cabeça no primeiro momento?

- Em comparação ao meu esporte que é amador, o kickboxing, o MMA é como fosse a partida para uma boa qualidade de vida, de um status que te dá ali, te dá fama, te dá uma melhora social, ali, para tu se manter.

2- O que, que te levou a praticar o MMA?

- É esse avanço também de técnica, que reuniu todas as técnicas de várias modalidades inclusive a minha que eu tenho e a vontade que eu tinha de aprender a parte de chão, de solo, então para mim, foi só, foi tipo uma soma, além disso é o melhor foi.

A entrevista foi interrompida por problemas técnicos, e reiniciada.

Muito bem, dando continuidade a entrevista, é, o que, que te levou a praticar o MMA? .

-Pô, rapaz, assim, o que me levou a praticar o MMA, foi a vontade que ele passou a levar para o atleta amador de ser divulgado, alavancado no mundo do esporte da luta, principalmente e a mídia mais os valores que eram mais alto, em comparação ao meu esporte anterior.

3- E qual a sua rotina de treinamento, atualmente?

- Nosso treino aqui é muito puxado, os atletas trabalham de segunda a sexta, os dias de dez a meio dia, de dez a uma da tarde.

4-Quais foram as suas evoluções técnicas, depois que você passou a treinar profissionalmente o MMA?

- A minha evolução técnica foi no aprimoramento do, da parte de solo, eu era cego não sabia nada, não sabia nada nessa gíria, nessa língua, cego, não tinha a prática muito, de, do saber lá da parte de solo e isso me alavancou muito na parte de solo, melhorando a minha técnica completa do MMA.

5- O que, que passa pela a sua mente no momento do combate da luta de MMA?

- Esse momento aí, é um momento muito especial pra o atleta, onde você conversa contigo mesmo nas aulas eu sempre digo que existe dois, duas pessoas quando tá dentro do octógono dentro do ringue; é o cara que tá batendo e o que o cara tá pensando aqui fora, então a gente tem um conflito interno que a gente se depara com pressões psicológicas, de companheiros, de treino e de família, de namorada, de amigos, de aluno, então, é uma coisa muito assim, o cara tem que ter uma cabeça boa, pra se manter ali consciente no que ele tá fazendo.

6- O que mais o marcou você durante a sua trajetória, como lutador que contribuiu para você se tornar um lutador profissional? O que, que mais marcou você assim, que contribuiu pra você se tornar um... o que fez você dar esse pulo do gato.

- O que mais marcou foi, acho que foi a minha perseverança né, a vontade de ser campeão e graças a Deus eu sempre tive, boas lutas que foi fazendo com que os

outros pudessem me ver, falar de mim e acreditar em mim isso me dando mais força, para dar continuidade aos meus trabalhos.

7- E o que mais o atrai na prática do MMA? O que, que te motiva.

- O que mais motiva, o que mais me motiva no caso do MMA, é o prazer de tá ali, mostrando o seu trabalho pra o público pra o mundo, por que o MMA abriu essas portas de poder o atleta se, se divulgar aparecer mais, antes o camarada era recolhido, entre, ali no âmbito dele de treinamento só, fazia uma lutinha internacional, pra quem tinha condição e pra quem não tinha no MMA, não, já não tem essa, essa, como posso dizer, ah, não tem preconceito, independente do que for ele vai te levar lá vai te mostrar pra o mundo te ver, independente da tua condição social.

8- Quais os campeonatos mais importantes que você participou? De MMA.

- De MMA, umas, hum, como eu posso dizer, hum, aqui no Brasil os eventos, que de maior porte são os que dão visibilidade, pra o atleta, é o Óxi, o Shooto, o, e tem outros aí de nome que dá, só que por aí esses eventos pagam muito pouco, porque como ele tá dando visibilidade ele ainda não tem aquele valor ainda tão alto para aquele atleta que tá começando agora. Então os eventos que eu lutei não foi muito eventos principais de base, esses que dão visibilidade, mas, sim, foi outros, mais inferiores, mas que porém pagam mais.

9- E qual a sua opinião em relação ao sucesso do MMA? Porquê desse sucesso.

- Esse sucesso eu acho que é devido ao modismo, que tudo no mundo da luta tudo é moda. No meu tempo, há um tempo atrás nos anos 80, a moda era kick boxing full contact, eles começaram na televisão tinha o Paulo Zorello, tinha o Batarelli. Tinha comercial direto, tinha filme de kickboxing, tinha Van Daime, vários filmes, então tudo é moda, bom, aí veio o muay thai. Ai o boxe ficou forte, virou moda o boxe, todo o mundo queria ver boxe, queria lutar boxe e agora tá na hora do MMA, e esse é o momento de quem tá querendo crescer, por que, assim como tem a moda, a moda agora que é a hora.

10- Qual a sua opinião sobre as compensações financeiras, para os lutadores de MMA?

- Bom tá, o MMA, ele, é melhor, é assim, melhor do que as outras modalidades que anteriores que o atleta fazia; tipo assim, o cara veio do caratê, eu não ganhei dinheiro no caratê por que era amador o esporte, do kickboxing, eu não ganhava dinheiro, aliás, eu nunca gastei, eu nunca ganhei, dinheiro com kickboxing, sempre gastei no kickboxing por ser amador. O MMA, tem essa vantagem de ele proporcionar ao atleta uma carreira; como fosse uma carreira, o cara não trabalha, não faz nada, mas, ele treina, treina e treina para ter aquele salário num ano dele ali, que vai dar condição dele comprar uma casa, seu carro, fazer uma faculdade e tudo mais.

11- E quais são as suas aspirações em relação a fama e ascensão financeira? As suas aspirações assim o que você, vê na frente o seu futuro?

- O momento como disse anteriormente, o MMA tá na moda, então, é um momento nosso, nossa esperança como atleta agora é tentar chegar ao ápice do treinamento, ao ápice da fama, para tentar levantar dinheiro, ser reconhecido, conseguir juntar uma boa grana para poder se fortalecer no futuro. Então, o atleta corre hoje em dia na frente por causa disso, por que o MMA como é moda, o momento é esse, a gente

tem que tentar o máximo agora de nome e de fama para futuramente a gente ter uma aposentadoria com aquilo que a gente gosta de fazer.

12- E como você se vê no futuro com a prática do MMA?

- Até lá, eu me vejo como treinador também, assim, como o meu mestre Cromado, pelas as lutas que eu vou ter feito até lá, bastante, eu vou conseguir reconhecimento, vou tá buscando, lutar muito em prol desse reconhecimento, para poder mais tarde futuramente, fazer um bom trabalho e ser reconhecido, e o pessoal e o povo acreditar e os alunos, os atletas acreditar no meu trabalho.

Como está a prática do MMA, pelas mulheres o que, que você acha?

- Agora passou a ser um estouro, porque começou com aquela Ronda, tem uma galera nova aí entrando, veio devagar foi difícil de a sociedade aceitar, mas, como já virou moda o MMA, então quer dizer que tá, mais fácil das pessoas aceitarem, a, o combate de mulher, o que era antes era meio que, bruto, violento, tudo mais então, hoje em dia, hoje em dia, é pode dizer que, está aceito já a mulher no combate. Então tá uma coisa sendo bonita de ver as pessoas estão aceitando, os pais, as mães, os alunos, todo mundo na sociedade está aceitando já isso aí. Portanto que hoje em dia tem o reality show de mulher, do UFC que tá rolando aí, no mundo lá fora.

13- É, você tem mais alguma contribuição a fazer sobre a prática do MMA nas academias e nos eventos, que não foram abordadas nas perguntas, acima?

14- Eu vou te fazer uma pergunta mais específica, você acredita que os lutadores de MMA, quando procuram a prática do MMA, estão procurando apenas a fama e a ascensão financeira ou tem uma questão de excitação e empoderamento que a luta proporciona ao lutador qual é a tua opinião a respeito?

-Na verdade quando a pessoa vai lá procurar o MMA, muitos..., é relativo. Por que uns estão querendo qualidade de vida, outros estão querendo defesa pessoal e outros estão querendo chegar no mundo que outros profissionais, que já, que já começaram, onde como Anderson Silva, outros aí que são muitos, que tão lá em cima no ápice e a pessoa sonha chegar naquele ali ser igual a ele. Chegar onde o Anderson Silva chegou, onde o Wanderley Silva chegou, (incompreensível) e tudo mais. Então, quer dizer muitas pessoas é relativo, não pode dizer que é o direcionamento só para uma coisa, direcionado só a uma coisa, um pensamento, uns querem só defesa pessoal outros quer aprender, outros querem partir pra o, o, profissional, porque esse profissionalismo aí, proporciona ao atleta, fama, a grana, o dinheiro que é o principal. E poder que ele tem ali de, de persuasão, entre, ali na sociedade de conseguir as coisas mais fáceis. A facilidade que ele tem de conseguir emprego e tudo mais.

**Entrevista com lutador profissional, nº 03****Nome: José Maria Thomé – No Chance****Data: 08 de agosto de 2013**

1- Muito bem, é, quando você pensa em MMA, o que, que lhe vem à cabeça?

- Olha, vem, assim um esporte que tá crescendo muito, tem pessoas que é muito, que trabalha com sinceridade com humildade, e, penso em MMA como um esporte, que vai ser o esporte do, do, que vai quem sabe, quem sabe não, que vai se igualar ao futebol, passar o futebol e ser o maior esporte da atualidade no, no mundo.

2- O que, que te levou a praticar o MMA?

- Na verdade eu tive muita dificuldade para chegar a arte marcial pelas condições, do interior lá, da minha cidade, mas estava no meu sangue, desde criança, sempre gostei de filme de luta, o que me levou foi o fato, de eu gostar muito, de, desse tipo de esporte, então, eu descobri o meu darma né, o meu darma, na, na, luta, então graças a Deus eu cheguei até a luta por que, é o que eu sabia fazer de melhor.

É, como acontece a prática do MMA na academia que você treina, aqui nessa academia como é essa prática aqui, os treinamentos?

- Olha, é são, é um treinamento levado a sério, é um treinamento muito árduo, muito duro, entendeu é, muita disciplina, é, com muito respeito, entendeu. E, tipo assim, você tem que, tem toda uma hierarquia, tem que respeitar os professores, tem que cumprimentar, é, e é levado muito a sério.

3- E qual é a sua rotina de treinamento? Assim, quantas vezes ao dia assim.

- É eu treino, chego a fazer três, três treinos por dia, incluindo a parte física.

4- É quais foram as suas evoluções técnicas em relação ao MMA? O que, que você evoluiu, desde a época que você começou a fazer, o que você acha, a parte de chão de trocação.

- A minha evolução, acredito que bastante na parte de luta livre, no chão já que, quando eu comecei eu dava muita ênfase a parte de trocação.

5- É o que passa pela a sua mente no momento do combate do MMA?

- Passa, é, uma filosofia que é até difícil de explicar. Mas, você, não pode deixar passar muita coisa pela a tua, passa muita coisa, mas você tem que tá concentrado, por que, a adrenalina não pode subir à cabeça, tem que tá muito concentrado, o que passa na cabeça é você no final da luta, tá, o cara erguer teu braço, mas, passa também que você, pode acontecer um acidente, você pode perder a luta, passa muita coisa na cabeça naquele momento ali.

6- O que mais o marcou na sua trajetória como lutador, que contribuiu para você ser um lutador profissional?

- É, com certeza a minha dificuldade de vida, e desde de criança eu tinha um sonho de quem sabe, ser alguém na vida já que a derrota nasceu comigo, né, eu tive muita dificuldade, então eu fui em busca da vitória, então eu vi no MMA, uma forma de eu conseguir a vitória. Já que eu venho de uma família humilde, sempre dificuldade, passei fome, é, passei sede, então eu vejo, o MMA, como o esporte que pode me

dar oportunidade, como o futebol da oportunidade para muitos adolescentes e pessoas.

7- E o que mais lhe atrai na prática do MMA?

-É aquela, é aquela adrenalina, filosofia, aquela coisa boa de você, tá fazendo uma coisa que você gosta, e também eu vejo a saúde em primeiro lugar, entendeu, é eu tô com 31 anos e eu vejo, uma capacidade de eu chegar aos 60 anos bem, bem de saúde, bem de vida, pelo fato da prática do esporte.

8- E essa é a sua motivação, é isso, o que motiva você?

-É, tudo isso me motiva né, saber que, o esporte a gente sabe que faz bem, né, é motiva também, não só isso, motiva o fato de eu ter que ajudar a minha família, o fato também, de eu saber que tô fazendo um esporte que tem muitos fãs, que gosta, muita coisa motiva você a fazer isso, por que tem que ser, você tem que ser muito motivado, por que é um esporte muito árduo; e de, precisa muito de disciplina, você não pode ir para a balada, você não pode beber, você não pode comer de tudo, então, tem que ter muitos motivos que te motivam a você fazer e praticar, aquilo.

9- E qual é a sua opinião em relação ao sucesso do MMA? Porquê, que tem esse sucesso todo.

- Eu acredito que é um esporte que primeiramente, pelo fato de ter caído nas mãos dos americanos, que sabe trabalhar, por que, tipo, se fosse o MMA no Brasil ele nunca ia crescer, então, hoje você tá vendo no Brasil tá se profissionalizando, entendeu, os eventos tá tendo que ser mais profissional, então cresceu justamente por isso, né, pelo fato, que tá se profissionalizando é um esporte que atrai muito, pelo fato que é um esporte muito emocionante, isso é, entendeu, talvez até mais emocionante do que o futebol de se assistir.

10- E qual a sua opinião em relação as compensações financeiras para os lutadores de MMA, vale a pena?

-É, nível, nível quem sabe, nacional não vale a pena, entendeu, acho que o atleta, ele só é só luta, é, só investe nessa profissão porque, é, ele almeja chegar em um evento grande, né, mas, ele não compensa tipo nas condições financeira de você tá lutando eventos, por que paga muito mal, eventos nacionais, paga muito mal, não compensa por que não tem um reconhecimento, não tem um patrocínio, mas, por ser um esporte que você é apaixonado, você gosta de fazer, entendeu, então motiva chegar, você tentar chegar a um evento grande, um evento que vai te dar uma recompensa financeira futuramente.

11- E quais são as suas aspirações, assim, o que você pretende em relação à fama e a ascensão financeira, chegar onde?

-É, primeiramente, com certeza, como eu já tô na maior franquia de luta do mundo, né, que é o UFC, já tô vendo, muitas recompensas, né, é foi muito difícil chegar aqui, mas, o meu objetivo é chegar ao cinturão, né, é o sonho de todo atleta, primeiro chegar e depois não para você chegar ao cinturão. E questões financeira eu vejo isso mais, como uma consequência já que eu cheguei até aqui, e se eu chegar ao cinturão, é o financeiro vai ser consequência para poder eu ajudar a minha família, minha mãe, meus pais, minha filha, entendeu, então isso faz parte também.

12- E como você se vê no futuro com a prática do MMA?

-Eu vejo, me vejo no futuro como uma inspiração pra os jovens que querem deixar as drogas, é, como inspiração pela a minha conduta pela a minha disciplina como uma pessoa de conduta, de respeito, de disciplina, que possa ser, servir de espelho para muitos jovens e crianças do, do mundo.

13- E como está a prática do MMA pelas mulheres?

- Olha é bem interessante que tá crescendo, quer dizer, de um, uns, eu vou dizer que pouco tempo de um ano pra cá, ele tá crescendo assustador, entendeu. Tá crescendo muito e a tendência é crescer, a um ponto que no futebol, as mulheres nunca chegaram perto dos homens, né, em termo de prática no MMA elas vão conseguir se igualar né, pelo fato de ter muitas mulheres gostando e pelo fato de também o UFC também ser muito bem organizado deu essa oportunidade pra as mulheres. Tá muito, as academias, tão tudo lotada de mulheres.

14- Qual é a sua opinião sobre a questão de excitação e de empoderamento pessoal que a luta proporciona?

- É, com certeza ele te dá um controle, é, para poder você andar livremente, por que você tem um controle emocional, psicológico, você não se altera fácil, então, ele te deixa bem, você sente mais confiante, ao andar nos cantos sem precisar andar armado, essas questões assim.

15-Você tem mais alguma contribuição a fazer sobre a prática do MMA, nas academias e nos eventos que não foram abordadas nas perguntas acima?

- É sim, né, tipo, é um esporte, que o MMA, é o esporte que mais cresce no mundo, é o esporte que, é a gente ainda, tem o preconceito de que é um esporte violento mas, o nosso esporte, ele, ele, isso devido à falta de organizações, há tempos passados, até de empresários que eram promotores de eventos sem estrutura, entendeu, é, quero ressaltar aqui também que o atleta ele tem que ser profissional pra que não deixe uma imagem negativa. Quero ressaltar também que os promotores de evento têm que ser profissionais, tem que deixar de ser, é muquirana pagar os atletas, entendeu, por que a gente é que dá o show, é, eles querem fazer um evento, onde ele ganha, é, milhões e quer pagar mixaria aos atletas, então, aí a gente, é o brilho do evento, a gente tem que ser bem remunerado, por que se não for os atletas não tem o evento.



**Entrevista com lutador profissional, nº 04****Nome: Luiz Dutra Jr. – Besouro****Data: 08 de agosto de 2013**

1-Quando Você pensa em MMA o que, que lhe vem à cabeça?

- Esporte, vida, saudável, saúde.

2-O que, que te levou a praticar o MMA?

-Na verdade eu apanhava muito quando criança, quando era mais jovem, e pra fugir um pouco dessa coisa e tal, eu era um moleque gordinho, e desde então eu, eu passei a ter o primeiro contato com as artes marciais, mas, é, eu logo, logo assim que eu tive o primeiro contato eu percebi, que era isso que eu queria fazer na minha vida.

3-Qual é a sua rotina de treinamento?

-Bom, segundas, quartas e sextas, eu faço três treinos, de manhã eu malho, 10 horas eu treino, eu faço a parte de MMA com Mestre Márcio Cromado, duas da tarde eu tenho muay thai, que é com o professor Rafael Vinícius, e as vezes as sete da noite geralmente nas sextas eu faço a parte de chão, a parte de escola técnica com o professor Felipe Borges. E as terças e quintas eu faço preparação física de dez a meio dia e a noite eu faço mais um treino em uma outra equipe que é filiada a RFT. Gustavo Careli.

4-Quais foram as suas evoluções técnicas dentro do MMA?

- Cara, bom, desde que eu comecei eu sou, eu venho da parte de solo, da luta livre esportiva, eu acho que minha maior, uma das maiores evoluções que eu tive foi dentro da parte de boxe, que hoje eu consigo, é, desenvolver muito bem a parte de boxe, mas, eu acho que posso melhorar de preferência a de parte de muay thai.

5- O que passa pela a sua mente no momento do combate de MMA?

-Cara, geralmente não passa nada, eu procuro, assim, nada específico, eu procuro, é fazer as coisas que eu vinha treinando, procuro me focar necessariamente só no meu adversário e nos meus corners, para escutar bem as instruções e penso em dar o meu melhor. Acho que é isso.

6- O que mais o marcou durante a sua trajetória como lutador, que contribuiu para se tornar um lutador profissional? Você, já veio, já sendo lutador profissional ou veio de outra, da luta livre o que, que marcou você, o que marcou você pra você dar esse pulo?

- Cara, eu acho que eu já descobri que eu queria ser um profissional logo assim, que eu tive meu primeiro contato, quando eu assisti, na verdade eu peguei, uma parte final assim, de uma guerra, de uma famosa guerra, que teve no Rio de Janeiro entre a luta livre esportiva e o jiu-jítsu. Eu acho que isso aí. Na época eu era muito jovem eu tinha 16 anos, mas, eu cheguei a pegar essa parte eu acho que isso me impulsionou, mas, eu já sabia o que eu queria fazer. Eu já sabia que queria ser um lutador de MMA, que na época era o vale tudo, eu assistia muito o Royce lutando, assisti os primeiros UFC com Royce Gracie mas, ali eu já sabia o que eu queria fazer.

7- O que, que te motiva, para fazer o MMA?

- Cara, o que me motiva é necessariamente hoje é o amor que eu tenho pelo esporte, em segundo vem é a questão financeira, sou pai de três filhos, e eu hoje, é a gente pode graças a Deus pode conciliar isso, hoje é um esporte que rende, dá dinheiro, existem os patrocinadores, tem muita gente envolvida agora, o esporte está cresceu se profissionalizou, então eu acho que é isso, mas, a minha maior motivação, realmente é o amor pelo esporte.

8- Qual é a sua opinião em relação ao sucesso do MMA?

- Na minha opinião, bom eu acho que na verdade o sucesso do MMA, se deve agora, necessariamente no Brasil por que, pois, ele já é sucesso lá fora, ele no extinto Pride ele já era um grande sucesso, nos Estados Unidos, ele já era sucesso, infelizmente como o Brasil é um país necessariamente atrasado em tudo, especificamente, só chegou agora a esse patamar no Brasil, mas nos Estados Unidos já a mais de dez anos, no Japão em toda Europa, enfim, o Brasil como sempre, como é que posso te falar é sempre um, o país, é sempre o último a chegar.

9- E a sua opinião sobre as compensações financeiras para os lutadores de MMA?

- Poxa, eu acho muito bom, como eu disse ontem sou pai de três filhos, eu luto, eu pratico MMA profissionalmente desde 2001, e pra você poder viver, de MMA você teria que morar nos Estados Unidos, pra você poder é ter patrocínios, pra você poder girar, por que não era bem visto aqui no país, devido a toda a mídia, a todo esse tipo de problema que tinha, e agora eu acho importantíssimo, eu acho que, é, você consegue agradar agora, você pode fazer o esporte que você tanto ama, e ainda tem o lado financeiro, ou seja se tornou um negócio, algo profissional.

10- E quais são as suas aspirações, em relação a fama e essa ascensão financeira? O que, que você pretende?

- Bom na verdade, eu pretendo dentro do UFC agora eu consegui assinar um contrato, eu pretendo chegar ao cinturão. Ter o cinturão, financeiramente eu pretendo, né, crescer financeiramente, eu pretendo, eu preciso comprar um apartamento enfim coisas normais do Ser humano. Todo pai de família.

11- Como você se vê no futuro, com a prática do MMA?

- Cara! Eu quero fazer história nesse esporte, quero assim como Anderson Silva, como o Minotauro, todos esses grandes lutadores quero que daqui a 30 anos, as pessoas lembrem do que eu fiz, eu dentro da minha arte marcial, eu sou praticante da luta livre esportiva, é a que na verdade é a principal arte da minha equipe da Renovação Fighting Team. E os lutadores que saíram da luta livre, infelizmente, não obtiveram, não obtiveram, sucesso até hoje foram poucos lutadores, que pisaram naquele octagon infelizmente eles foram derrotados. E eu acho se eu, eu tô pra estreiar no UFC fazendo uma boa estreia, tendo uma grande vitória, conseqüentemente eu já faço parte da história, vou ser o primeiro atleta de luta livre esportiva a vencer dentro, desse, do maior evento do mundo, então minha intenção é essa, realmente fazer história, eu quero que daqui a 30 anos, 40, 100 anos, as pessoas lembrem, de mim, assim, como o Minotauro, como do Anderson Silva e de tantos outros.

12- E como está a prática do MMA pelas mulheres?

- Tá, tá crescendo, agora com o Reality show né, o TUF, o The Ultimate Fighting, que é o reality show do UFC, eles fizeram uma edição agora nos Estados Unidos

com mulheres, concentrando várias mulheres, enfim o esporte realmente cresceu, é uma tendência assim como aconteceu com o futebol, que hoje tem o futebol feminino que ainda não tá tão bem divulgado, quanto o masculino. É que é já diferente no caso do UFC que agora tá muito bem divulgado, ou seja, o esporte tem tudo para, crescer, basta que as pessoas, é tomem o conhecimento, é, basta que as pessoas... que toda pessoa se interessa, sendo leigo ou não ela para, para assistir, para, para tentar entender, e quanto mais veículo de, como é que eu posso falar, quanto mais pessoas puderem levar isso divulgar, entender, e fazer com que as pessoas leigas entendam, vai ser muito mais fácil de tornar um esporte mundial.

13- Qual é a sua opinião sobre a questão de excitação e de empoderamento pessoal que a luta proporciona?

- Cara, eu acho que quando você começa a praticar esse esporte, eu acredito que sim, eu como muito jovem quando comecei a praticar o esporte você quer se auto afirmar quando você é jovem, você quer, na verdade, aquela coisa você é jovem tem 16 anos, é, teu organismo tá explodindo então, eu acho que, é no começo quando você tem essa pouca idade você ainda não consegue compreender certas coisas da vida, você acaba, em um primeiro passo, é, acredito que a maioria dos jovens iniciando, pra essa coisa do machismo todo esse lado, mas, a partir do momento que você começa a entender, o que é a arte marcial, o sentido, o significado, você percebe que, é o machismo abriga a violência por si só isolada se torna algo, é, totalmente isolado totalmente desnecessário, você passa a entender o que a arte marcial, que é, te ensina, eu acho que é aí você começa crescer como homem, acho que a arte marcial faz isso. Você, de uma certa maneira ela te faz enxergar o mundo de uma outra maneira e te faz de uma certa forma um homem melhor eu pelo no meu caso foi assim, eu me tornei muito mais homem, eu comecei a entender muito mais, outras coisas da vida não só da arte marcial mas da vida, é uma maneira de vida eu acho que é mais por esse lado assim.

14- Você tem mais, alguma contribuição a fazer sobre a prática do MMA, nas academias e nos eventos que não foram abordadas nas perguntas acima, alguma contribuição?

- Cara eu acho, que os eventos, de preferência os eventos nacionais eles devem se organizar cada vez mais, isso é que faz o crescimento do esporte, eu acho que o MMA também não é brincadeira é um esporte de contato, é um esporte que gera, obviamente como o boxe, como todo outro esporte de contato, ele tem que ter uma atenção especial, por que no meio de tantos profissionais existem assim como outras profissões, existe muita gente mentirosa, muita gente que não tá capacitada, não tá gabaritada, então eu acredito sim que deva se ter algo uma supervisão, é, você saber onde você está treinando de preferência nas academias tem muita academia de fundo de quintal que a gente chama no caso, academias não especializadas, então, acho assim que deve ter toda uma atenção com o esporte, só assim a gente vai ter um bom crescimento e conseqüentemente um bom desenvolvimento e aí a gente vai chegar no patamar que a gente quer.

**Entrevista com lutador profissional, nº 05**

**Nome: Júnior – PQD**

**Data: 08 de agosto de 2013**

1- Muito bem, quando você pensa em MMA, o que, que lhe vem à cabeça?

-Ah, uma oportunidade mudar a vida por que, geralmente você, você, vê, você quando projeta uma carreira, como em qualquer tipo de profissão você sabe que não depende só de você, depende de indicações, depende de oportunidades, pra você é galgar um bom cargo geralmente. No MMA, você tendo aquele algo a mais, você, tendo algo que se, que te destaque dos outros atletas, você consegue alcançar alguns nomes, é, hoje, isso aconteceu comigo, eu nunca pensei, que pô, dá Penha, eu ia conhecer, hoje eu conheço vários países, ter a oportunidade de defender o meu país, em um lugar que não é aqui, e isso graças ao MMA, e eu acho que é isso que me atraiu no MMA.

2- O que te levou a praticar o MMA?

-Ah, acho que foi essa globalização do MMA de estar sempre na televisão, de estar sempre na mídia, você vê ali na academia uma placa, é, aulas de MMA e aquilo meio que me, pelo fato também de envolver o chão que é a luta eu praticava, meio que me intrigou. Eu fui para conhecer e foi meio que muito rápido, quando eu vi já estava fazendo a minha primeira luta, e foi uma coisa bem louca, e, foi uma sensação que eu adorei sentir e até hoje eu não deixo sair de dentro de mim.

3- Qual a sua rotina de treinamento?

-Ah, eu acordo cedo e durmo tarde, é, agora, acordo oito horas da manhã e como eu moro sozinho eu tenho que fazer, eu tenho que preparar a minha alimentação, pra, para trazer pra academia, faço a minha suplementação, arrumo a minha casa, dou o meu jeito e venho pra cá, chego aqui dez horas, tem o primeiro treino que é de dez ao meio dia, descanso. É, tem o segundo treino que é segunda, quarta e sexta, tem o segundo treino que é às duas horas da tarde, é, depois desse segundo treino aí sim, eu faço uma alimentação reforçada, descanso, e, quatro horas da tarde eu tenho a preparação física, de quatro as seis que aí é muito puxada. E quando dá seis e meia eu tô saindo daqui e tô indo para São Cristóvão para dar duas aulas, chego em casa às dez horas, dez e vinte da noite. E, dou uma descansada do jeito que dou e no dia seguinte começa tudo de novo.

Terça e quinta, é bem mais pesado, por que o treino é de dez a uma hora mais ou menos, que é um treino técnico com uma realidade de luta, a gente tira as dúvidas, a gente, é o treino que a gente se doa mais, que a gente puxa mais, que a gente chega mais perto daquela sensação de status de luta, e descanso, quatro horas da tarde tem wrestling com Leonardo Chocolate, de quatro as cinco e meia, descanso, tomo um banho subo na minha moto e corro, para dar a minha aula de novo em São Cristóvão que são todos os dias e é o dia que eu chego mais tarde em casa.

4-Quais foram as suas evoluções técnicas dentro do MMA?

-Eu acho que a falência, a valência física, eu acho que foi o que me permitiu abrir mais a cabeça e olhar mais para esse lado, por que, tem muito atleta hoje que acha pelo fato de se destacar em alguma coisa no chão, no alto ou ter uma visão boa de luta, que geralmente é o que faz você se destacar quando você tem, um “quê” a mais que outros lutadores, é o necessário, e não é o necessário se você não tiver uma preparação física, adequada para você fazer tudo aquilo que você sabe, para você fazer, tudo aquilo, tudo aquilo que você se propõe a ser bom, você não vai conseguir fazer nem a metade, aí você fica pra trás, eu acho que, o que abriu os

meus olhos, vindo pra uma academia de grandes nomes aqui na RFT, foi que se você não olhar pelo lado da, da, físico, do cárdio, do, da preparação, acho que você não vai conseguir galgar voos altos, e foi isso que, que abriu os meus olhos aqui que, pô, mudou o meu mundo, acerca da luta foi a preparação física.

5- O que, que passa pela a sua mente no momento do combate do MMA?

-Eu acho que é, é um mundo, quem luta, quem entra ali sabe o que faz, é um mundo completamente diferente, de quem tá lá fora parece que você tá em outra dimensão, a , você, você, a única coisa que você tá treinado pra ouvir a voz do seu treinador, não ouço nada, não ouço gritaria, não ouço, alguém gritando o meu nome, não ouço a minha família, não ouço ninguém, ouço o meu treinador e a gente vai aprendendo a seguir os comandos do juiz, do árbitro central mas, só ouço, eu filtro, acho que o meu cérebro ali pelo foco do treinamento, o campo que a gente faz, nos permite desenvolver essa atividade de você só ouvir o seu treinador, então, eu acho que ali entro meio que na minha dimensão ali. Ali é eu e o meu adversário, e eu tenho que fazer aquilo que eu treinei, é eu treino o ano todo 365 dias para soltar, tudo, 15 minutos, então, eu tenho que me filtrar bem, eu tenho que me centrar, para não errar nesses 15 minutos, e para poder fazer pelo menos 50% do que eu faço aqui no treino.

6- O que mais marcou você durante a sua trajetória como lutador, que contribuiu para se tornar um lutador de MMA?

-Eu, acho que foi quando é, eu, eu tive várias superações, foi, quando foi proposto pra mim, pra eu ter o mínimo de cinco, cinco vitórias consecutivas, pra que eu lutasse um MMA lá fora, e eu dei sete lutas, eu acho que foi uma superação, por que, só eu sei o que eu passei é muito difícil, hoje em dia você não ter um acompanhamento, que o atleta deveria ter. Eu, já tive a oportunidade de ir lá fora e eu vi que lá fora o atleta, tem um apoio, até o atleta amador tem o respaldo grande, ele tem um acompanhamento, e aqui no Brasil é bem difícil então, eu tive que passar por essas sete lutas para poder tá conseguindo um contrato internacional, meio que na cara e na coragem. É claro, que eu tive pessoas que me ajudaram bastante, mas não da maneira que um atleta, hoje ele precisa, ele necessita pra render os 100%, é bem difícil, por que cada luta foi uma guerra e eu sabia que se eu perdesse uma eu ia ter que voltar três passos atrás. Então, é muito difícil você jogar com a pressão, você jogar, e quando eu estava na quinta luta, foi muito frustrante por que me pediram mais duas. E, eu não poderia deixar a peteca cair deixar o desânimo bater, eu tinha que acreditar naquela pessoa que estava propondo isso pra mim eu acreditei. Depois que eu fiz essas sete lutas consecutivas, a maioria, todas no primeiro round eu ganhei, aí tive a oportunidade de assinar lá fora, isso, foi muito gratificante pra mim, e foi o que marcou a minha carreira de superação, de eu vê que depois do que eu passei em relação a essas sete lutas, o que vir é mole.

7-O que mais lhe atrai na prática do MMA?

-Eu acho que, é a superação dos atletas, você vê um atleta que é bem inferior tecnicamente, mas ele tem uma, uma, valência física, muita, um vigor físico, muito bom e ele acaba superando aquele que é bem mais técnico, e isso eu acho, que é essa incerteza de você não saber o que vai acontecer na luta, eu acho que é o que atrai as pessoas o que atrai os lutadores, é o que faz o MMA ser o que ele é hoje, que faz o MMA crescer dia após dia, minuto após minuto, é o que faz o MMA entrar na TV aberta, o que faz o MMA entrar na rádio, é o que faz o MMA, mudar vidas, eu

acho que é essa dimensão de você saber que a surpresa pode acontecer, acho que é isso que tá fazendo o MMA, criar força, eu tenho certeza que vai crescer ainda mais, tá só no começo.

8- E essa é a sua motivação ou você tem outra motivação, o que motiva você?

-A minha motivação, é, , acho, é bem difícil falar por que, as vezes a gente cada luta que gente passa por uma situação, a gente sente uma sensação diferente, de repente alguma coisa na família, de repente, uma superação, ou quando a gente perde alguém recentemente eu perdi alguém estando lá fora, é, já, com 24 horas pra entrar pra lutar, eu perdi uma pessoa a qual eu morava que era a minha vó, e, cara é completamente diferente você não pode se basear em uma só motivação, eu acho que é o que acontece, é o que você tá vivendo você tem que saber filtrar, você tem que saber colocar as suas prioridades ali, e é bem difícil cara mas, é... acho, que é parte mais difícil do MMA é você saber lidar, com os sentimentos que você tem quando você entra lá dentro. Por que, se você jogar com o sentimento você vai errar, você tem que ser frio, a gente é ser humano, a gente é feito de emoções, sentimentos, de, eu acho que, o que me faz, o que me eleva é a superação, e isso é o que me, me, tá sempre me impulsionando, a me superar, é mostrar que sou capaz, eu mostrar para mim mesmo, não é pra mostrar pra ninguém, nem pra o meu empresário, nem pra o meu treinador por que eles sabem do meu potencial. Mas, mostrar para mim mesmo que eu sou capaz de, de me superar de auto agir isto é que me faz, que me dá forças.

9-E qual é a sua opinião em relação ao sucesso do MMA?

-A minha opinião é que, é as pessoas hoje estão conseguindo olhar o que não olhavam lá atrás, na época que era o extinto vale tudo as pessoas, as vezes não dava a credibilidade e não previam o sucesso que ia acontecer e mais a gente que já fazia esporte eu era bem pequeno, mas, eu já treinava capoeira, e, bem pequeno na época, eu via as fitas meio que escondido meu pai não deixava, mas, aquilo ali, já que meio mexia comigo por que, por que, ali é um lugar onde dois homens se respeitam, dois homens lutam, dois homens chegam a exaustam e no final se cumprimentam, aquilo ali é bonito de se ver, e conforme eu fui crescendo, eu fui acompanhando, também a trajetória do MMA, eu vi que tudo mudou no MMA, mas, essa cumplicidade entre os lutadores não mudou. Eles lutam, eles dão tudo que tem que dar mas, no final eles se cumprimentam, cumprimentam os técnicos, e isso é uma coisa bonita de você vê, muita gente não filtra não consegue, enxergar isto no esporte que é hoje o MMA. Mas, isso ele resgata o melhor da pessoa, entendeu, por mais que tem aquela promoção de ele falar que é isto que vai fazer, mas no final, é, você vê que o atleta ali ele respeita o outro, o companheiro de trabalho, e isso é que é bonito, no esporte o respeito entre os atletas, e, a menina dos olhos de muita gente hoje vendo o MMA, é saber que tem esse respeito, tem como você, é, é, praticar o esporte, você ter aquele esporte de contato, de você bater, de você apanhar e de você respeitar o atleta, e é isso que classifica o MMA hoje como uma das potencias esse respeito, que tem entre todos que estão envolvidos no MMA.

10- Qual é a sua opinião sobre as compensações financeiras para lutadores de MMA?

- Ah! é um assunto muito complicado porque, é, tem muita gente que não teve oportunidade de lutar lá fora, em um evento internacional e acho que, as bolsas que são pagas hoje aqui no Brasil são bolsas que, estão nivelados de acordo com o

circuito que acontece, no Brasil e não é. Eu acho que tem que priorizar, que, quem tá dando o show é o atleta, quem tá promovendo, quem tá vendendo o ingresso, quem tá vendendo pay per view, é o atleta, não é a ring girl, não é o corpo de arbitragem, é o atleta. E, eu acho, que com o valorizar mais o atleta, com bolsas satisfatórias que façam ele pagar as contas dele. Que faça ele esquecer dos problemas dele quando ele tá no campo de treino, eu acho que o atleta vai render muito mais, eu acho que o atleta, não vai ter necessidade mais de querer galgar um voo no exterior, ele vai querer lutar aqui perto da família, ele vai querer lutar no país dele, ele vai querer sentir esse calor humano que tem aqui no, no país eu acho que eu penso assim, que se as bolsas aqui não fossem tão baixas fossem valorizadas, pra o atleta, eu acho que eu não estaria tá lutando lá fora eu iria tá querendo lutar aqui lutando nos melhores eventos ou no evento que não tivessem tanta projeção, mas, que valorizasse o atleta com boas bolsas, eu acho que tem que melhorar, ainda, tem que melhorar muito mas, é, é passo sobre passo, eu acho que, acho que a gente tá ainda, na seca da divulgação, tem muita hoje gente que não sabe o que é o MMA, não sabe, ou não gosta por não saber, por não entender o que é o MMA eu acho, que quando essas pessoas começarem a entender, eu acho que vai valorizar, vai melhorar.

11- Em relação à fama, do MMA qual é a sua opinião?

-Eu acho que, eu me, eu me projeto muito no meu, mestre, o meu mestre Cromado por que, ele, ele, a maioria das lutas que ele teve, antes dele se tornar um treinador, ele foi meio que na e na coragem ele tinha alguém para ver as lutas para ele, mas ele, na maioria das vezes ele não tinha um córner, e quando ele alcançou o estrelato ele soube se manter, ele soube se manter centrado, porque ele sabia que aquilo ali não ia durar para sempre, por que a vida lutador hoje em dia, tem lesão, você sabe que a vida útil. Não, claro que com a medicina, hoje ajudando no esporte as pessoas estão chegando até 42 anos lutando mas, a gente não sabe o dia de amanhã mas, ele soube entender isso, e não subiu na calda do cometa, ele se manteve com os pés no chão e hoje eu me projeto muito no meu mestre Márcio Cromado.

12- E como você se vê no futuro, com a prática do MMA?

- Ah! Eu me vejo tendo o meu nome ali gravado, fazendo história, por que eu sou morador do complexo do alemão, aonde tem histórico de várias histórias, onde o país todo conhece. Eu sou o primeiro atleta da minha comunidade a tá lutando fora, e eu acho, que já, já consegui algo com isso, é, eu acho, eu quero conseguir mais, eu quero fazer mais pela minha comunidade. Eu quero chamar a atenção para alguns projetos sociais que acontecem lá, e que não tem o apoio, tem, tem, tem pessoas lá que, pô, são heróis. E eu quero por intermédio da, do, do meu esforço na luta, é criar um nome mais forte ainda Júnior PQD, pra poder chamar as pessoas pra poder olhar um pouco com um olhar, diferente, lá pra comunidade e eu quero fazer isso por intermédio da luta. Esse é o meu sonho de consumo hoje eu já tive vários sonhos, a luta me permitiu realizar alguns deles, mas, hoje de meta o meu sonho é esse.

13- E como está a prática do MMA pelas mulheres?

- Tá, crescendo eu sou um professor marcial também, eu dou aula, e a procura pelo sexo feminino é gigantesca e as mulheres são esforçadas e elas estão olhando com outros olhos também, que geralmente viam, como se fosse um esporte de brutalidade, hoje não é isso que tá acontecendo, se você for, nas academias, as

mulheres estão, tão treinando, as mulheres, tão acompanhando as mulheres entendem de luta, eu acho que é graças ao crescimento do MMA. E tem, diversas classes também, se você for nas academias zona sul, zona oeste, zona norte, você vai ver mulheres treinando, e cara eu fico super feliz por isso, por que é graças ao meu esporte e, e que venham as mulheres para o MMA.

14- Qual é a sua opinião sobre a questão de excitação e de empoderamento pessoal que a luta proporciona?

- Ah, eu acho que sim porque, ali quando você tá ali dentro, é, as pessoas te veem como, uma pessoa, um exemplo a ser seguido, eu acho que a maioria dos atletas hoje, eles não enxergam dessa maneira, que estão ali, estão lutando, recebem a sua bolsa e vão embora para casa. Tem pessoas que te tem como exemplo, te tem como referência, eu acho que o atleta tem que entender isto. Fora dos cages, ele tem que dar um exemplo do que ele se propõe a ser o exemplo pra pessoa, entendeu, então, eu na minha colocação de vida hoje, eu procuro colocar, que a gente tem que se, as pessoas que me perguntam, eu sempre procuro colocar que é superação, que a pessoa tem que correr atrás do seu objetivo, eu não procuro falar, é como se sei lá, ah, não aquilo ali é uma luta não se projeta naquilo não porque aquilo é uma luta é um ganho de dinheiro, um trabalho qualquer, não. Eu coloco como superação, como um exemplo que você pode chegar eu acho que os atletas, que estão no hall da fama, lá em cima eles não enxergam dessa maneira. Em relação que eles estão servindo de referência, para pessoas que estão passando problemas de saúde, que terem ter uma superação, que querem ver alguém que se superou, e eu acho que quando isso acontecer, eu acho que o atleta hoje ele vai se tornar bem mais completo.

15- Você tem mais alguma contribuição a fazer sobre a prática do MMA, nas academias e nos eventos que não foram, abordadas nas perguntas acima?

-Não, eu acho que a entrevista foi bem legal deu para poder, ter o entendimento do que atleta, a visão que o atleta tem porque, eu acho que você chegar aí pra um público leigo e perguntar a visão do MMA, ele vai falar, ele vai falar coisas que ele vê mas não coisas que acontecem realmente lá dentro e é legal o atleta tá falando, não só tá falando sobre a luta, sobre o treinamento, mas, o que gira ali, em torno da luta, do Cage, da luta, acontece o pré fight do pós fight, e isso é bem legal porque é, é de, é de, mais comum acordo do público tá sabendo desse lado também, e eu acho que todos os parâmetros que foram abordados, é o que o atleta realmente, todo o atleta pretende mostrar pra o público é a cerca das boas, é acerca do que faz o MMA crescer, acho, que tá tudo nos conformes.

### **Entrevista com lutador profissional, nº 06**

**Nome: André Luiz Oliveira - MINHOCA**

**Data: 08 de agosto de 2013**

1-Quando você pensa em MMA, o que, que lhe vem à cabeça?

- É um esporte que está crescendo muito no mundo.

2-O que, que te levou a praticar o MMA?

-É até engraçado, antigamente, que eu moro em Pilares, lá em Pilares tinha este negócio de baile funk, briga e todo mundo corria para baile pra brigar e eu ia junto



com a rapaziada, aí, um rapaz que dava aula lá em Pílares, pô cara é melhor você parar com esse negócio de baile funk, se, não você acabar morrendo, e o cara, olha vamos fazer uma luta aqui eu dou aula de jiu-jítsu, de muay thai, eu acabei largando as brigas, os problemas e parti pra o, pra o jiu-jítsu e o muay thai.

3-Qual é a sua rotina de treinamento

- É rapaz, a minha rotina de treinamento, pô, eu treino de dez às quatro da tarde, todo o dia de dez a quatro da tarde, aqui na RFT vou pra casa almoço, dou aula, e a noite ainda vou treinar jiu-jítsu.

4-É, quais foram as suas evoluções técnicas dentro do MMA?

-Evolui bastante e assim com a parceria, assim, do mestre Cromado e assim tem os professores aqui da academia a gente vai evoluindo, né.

5-É o que, que passa pela sua mente no momento do combate do MMA? O que, que você pensa na hora?

-Na hora da luta, pô eu quero dar o meu máximo, eu quero vencer, né, eu quero botar em prática tudo, que eu aprendi, tudo o que os professores me passaram.

6-O que mais o marcou durante a sua trajetória de lutador, que contribuiu para se tornar um lutador profissional?

- Sim, sim, esse negócio do baile funk me ajudou bastante por que já tinha essa agressividade de, de problema foi só sair do problema e entrar pra o MMA que tudo deu certo.

7-E o que, que mais lhe atrai na prática do MMA, e o que motiva você a praticar o MMA?

- É, como o meu amigo estava falando aqui, me motiva quando as pessoas, as pessoas falam pra você, que a gente não vai conseguir, isso daí me motiva muito, porque é assim eu não tenho que mostrar nada para ninguém, mas, eu me cobro muito, então, eu tenho que fazer acontecer.

8-É, qual a sua opinião em relação ao sucesso do MMA? Esse sucesso que tem hoje em dia na televisão, qual é a sua opinião a respeito, você acha que vai continuar esse sucesso, vai dar apoio?

-Está crescendo muito eu acho que daqui pra frente, pô daqui pra melhor.

9- E, qual a sua opinião, sobre as compensações financeiras, e também em relação a fama, para os lutadores de MMA, você acha que dá dinheiro o MMA, vai te dar fama?

- Não, pode dar fama, como pode não ter, a gente tendo um padrinho, a gente tendo um padrinho, com certeza, a gente vai conseguir chegar aonde a gente almeja, que é, pô, lutar o melhor evento, o maior evento do mundo, fora, lutar fora, por aqui, no, no Brasil é muito difícil a pessoa viver do, do MMA, porque qualquer um, qualquer um, hoje tá lutando o MMA e assim, nós que temos mais lutas, as vezes não lutamos, porque uma pessoa que tá começando agora quer lutar por R\$200,00, R\$300,00 reais, entendeu, aí tira a oportunidade da gente que merece ganhar mais um pouco.

10-E como você se vê no futuro, no MMA, qual é seu futuro, em relação ao MMA?

-Cara, o futuro a Deus pertence, é, o que eu desejo, o que eu quero, pô, é conseguir viver da luta, conseguir viver da luta, porque é muito difícil, hoje todo mundo, é, te promete muita coisa e não cumpre, entendeu, é, eu vou fazer isso eu vou fazer aquilo, eu vou te dar um patrocínio, e chega na hora ninguém faz nada, entendeu, se a gente não contar com a nossa equipe e com nossos amigos a gente tá ferrado.

11- E com está a prática do MMA pelas mulheres, qual é a sua opinião?

-É tá começando as meninas estão começando, mas eu acho que, que é uma boa, porque, (fugiu, cara) ...

Não tem problema, não, você pode falar com calma, você acha porque, por causa de uma questão de defesa pessoal, das mulheres, ou por causa de dar mais espaço pra as mulheres.

- Elas merecem, elas merecem, se pô, se elas trabalham, entendeu, eu vejo aí na rua, passo na rua tem menina trabalhando de gari, tem menina trabalhando no mercado igual homem, carregando peso porque não no MMA.

12- Qual é a sua opinião sobre a questão de excitação e de empoderamento pessoal que a luta proporciona?

-Há eu sinto sim toda a vez que entro no ringue, pô, eu me transformo totalmente, parece uma coisa eu fora do ringue eu sou uma pessoa eu dentro do ringue eu sou uma pessoa totalmente diferente eu tô ali para fazer o meu trabalho, e quero vencer de qualquer jeito então a adrenalina, pô, tá muito lá no alto, fica muito lá em cima.

13- Você tem mais alguma contribuição a fazer sobre a prática do MMA nas academias e nos eventos que a gente não falou aqui?

-Não fechou

**Entrevista com lutador profissional, nº 07****Nome: Luiz Sérgio Teotônio Mello Júnior****Data: 08 de agosto de 2013**

1-Quando você pensa em MMA, o que, que lhe vem à cabeça?

-Ah, vem, muita.... No início, antigamente vinha o amor, vinha não vem o amor. O amor pelo que eu faço hoje em dia a gente chama isto de esporte, a gente tá vendo como esporte, hoje em dia, mas, como já mudou o nome de vale tudo, pra MMA, então pra mim é minha vida hoje em dia quando você fala MMA, é meu trabalho a minha vida o meu ganha pão.

2- E o que, que te levou a praticar o MMA?

-Então, quando eu comecei a fazer o kick boxing, com nove anos e o caratê olímpico, eu tinha nove anos, aí, eu fui treinando, fui gostando, gostando, começou em 98 começou a moda lá em Natal, isto foi moda época, vale tudo fui fazer um torneio, o pessoal fazia torneio aí, antigamente era o pessoal da capoeira versus o pessoal do kick boxing, o pessoal do jiu-jítsu, porque antigamente tinha que saber quem é o melhor atleta, tinha que saber qual era a melhor arte marcial, então, eu sempre fui gostando, eu fui gostando, e isto me fez eu falei até com o meu professor, pô, eu tenho que fazer isso, então, eu não posso mais te ensinar isso, que o meu foco é kick boxing, então eu vou te passar pra outro professor, então, eu conheci outro professor que me ensinou, na época o vale tudo, é um professor de jiu-jítsu, mas, ele tem a parte cima também boa, e ele fez a junção.

3-Qual, que é a sua rotina de treinamento?

-Treino de segunda a sexta, é, segunda, quarta e sexta, os treinos são de dez, vão até o meio dia, nas terças e quintas o treino vai de dez a uma e meia, mais ou menos. Segunda quarta e sexta a gente treina a parte de chão que a parte de luta livre, é terça e quinta a gente treina wrestling, e segunda, quarta e sexta na parte da tarde a gente treina o muay thai.

4-Quais foram as suas evoluções técnicas?

-Evolui muito na parte do chão, na parte do solo, porque eu sou bom, pois treinei muito desde pequeno a parte de cima do kick boxing, eu sou bom de perna, bom de soco, eu tenho esse conjunto bom sendo que a minha deficiência é a parte de chão. Então, eu vim pra o Rio de Janeiro para mim aperfeiçoar na parte de chão, e hoje evolui muito, na parte de chão, na parte de defender se eu cair hoje em dia, em uma área que eu não me sentia confortável, hoje em dia eu me sinto bem.

5-E o que, que passa pela a sua mente no momento de combate de MMA, o que passa pela sua cabeça?

-Ali é a minha felicidade, o sacrifício já passou que são dois meses, ou três meses de treinamento, você treinando pra esta luta então ali para mim é uma diversão tenho 15 minutos para ser feliz, ali é uma diversão mais com responsabilidade, mas, ali eu me divirto.

6-E esta diversão vem até mesmo com a derrota?

-Com a derrota quando você perde, eu tô falando por mim, quando eu perco pra uma pessoa que fez um trabalho inteligente, é trabalhou ele viu os meus defeitos, aí,

vou, isto ai para mim não vai ser a minha derrota, isso aí pra mim vai ser um aprendizado, vou ver onde foi que eu errei e vou treinar mais ainda, eu acho chato quando você faz um trabalho, você trabalhou dois meses, você treinou dois meses, você fez altos sacrifícios, dieta, alimentação, ficou longe da família e quando você chega ali, você fez o que fez, ganhou e os juízes não dão a luta pra você, aí eu não fico feliz não, mas, não é que eu fique feliz também, com a derrota, mas, eu aprendo, e se o cara foi melhor que eu, eu vou ver aonde eu errei e vou treinar mais ainda.

7- O que mais o marcou durante a sua trajetória como lutador, o que contribuiu para se tornar um lutador profissional?

-Antigamente era que nem o surf, se você visse um surfista, o pessoal que andava de skate, você chamava de vagabundo, maconheiro. E na época que a gente fazia o vale tudo, então a gente fazia isso, a gente era vândalos, pitboy, brigador de rua, então quando começou a todo mundo receber bem, o pessoal do evento a valorizar os atletas, pagar patrocinador ver que você podia divulgar a sua marca com o atleta, então isso aí, lógico que você é um pouco ambicioso você faz o que você gosta e recebe ainda então é muito bom, então isso, quando começou a “bombar” mesmo, a “bombar” mesmo, todo o mundo patrocinado, todo mundo querendo divulgar a marca e as bolsas, as bolsas, a pagar bem as bolsas dos atletas aumentando, então isso cada vez eu fui treinando mais, mais e mais. Porque cada atleta é que nem jogador de futebol você tem o seu valor, então se você luta bem se você está ganhando a sua bolsa vai ser um pouco mais alta, se você perde se você está vindo de derrota a sua bolsa vai ser mais baixa.

8- Em média uma bolsa do Bellator, hoje em dia (torneio de MMA), está quanto?

-Aí, é o que eu falo, cada atleta tem o seu valor hoje em dia a gente entra mais no Bellator por causa do GP, o Bellator tem um trabalho de GP, você faz três lutas você faz uma luta a cada quarenta dias, são três lutas, a cada luta você tem um valor, quando ganhar, você faz a primeira luta você ganha dez mais dez, na segunda luta você ganha 15 mais 25, isso em dólar, e na última luta você completa você fazer 100 mil dólares. Você fazendo três lutas sendo o campeão das três lutas você ganha o valor de 100 mil dólares. E lutas casadas, você vai fazer uma luta casada, sem estar no GP aí varia dependendo do atleta dez mais dez, tem atleta que é cinco mais cinco, tem atleta que como vai estreiar é dois mais dois, dois mil mais dois mil isto tudo em dólar no Bellator.

9- E no UFC, a média de bolsas você tem noção, de quanto que está?

-É o UFC, também é assim, vão olhar muito também o lutador, ele vai estreiar no UFC, ele não é muito conhecido, ah, então ele vai ganhar sete mil, mais três mil dólares, entendeu, aí depende muito também da negociação do empresário, não tem uma bolsa fixa, não é assim, olha você vai fazer uma luta hoje vai ser cinco mais cinco, na outra luta vai ser dez mais cinco, nunca tem isto, isso é tudo negociação, de lutador, de empresário que negocia também, se o lutador vende a luta, se ele não vende, então isto tudo é negociável.

10- O que mais o atrai e o motiva para praticar o MMA?

-Antigamente você tinha que provar que a sua arte era melhor que a outra, hoje em dia você tem que provar que você é melhor que o outro atleta, então, pra mim toda vida tudo o que eu faço eu quero ser o melhor. Então sempre, eu tô procurando

buscar o aperfeiçoamento e sempre buscar o melhor, então hoje em dia eu quero ser o melhor da categoria, e como eu tô no evento que é o Bellator, eu quero ser o melhor do Bellator.

11- Qual é a sua opinião quanto ao sucesso do MMA com a mídia, essa coisa toda, qual é a sua opinião, em relação a isso?

-É bom, mas foi um pouco atrasado, não é, porque a gente batalhou muito isso, vem batalhando isso há muito tempo, e assim, é lógico que tem que desenvolver mais ainda, como o Bellator, o Bellator ele não é conhecido, aqui no Brasil se for olhar, o Bellator, é o maior concorrente do UFC. E ele não é conhecido aqui porque a mídia ainda não tem isso, ainda não pegou o Bellator o pessoal está todo focado no UFC hoje dia o UFC hoje em dia está tentado, é, como é que fala, ele quer ser só, tem um nomezinho que eu esqueci, monopolizar, ele comandar só quer ser o UFC, então se outra televisão ver o Bellator e pega o Bellator também, e bota no Brasil, aí vai começar uma disputa, é uma concorrência, aí sim, vai ser melhor tanto para esporte tanto para os atletas, tanto para as marcas, tanto para o patrocinador vai ser melhor para todo o mundo.

12- E qual a sua opinião sobre as compensações financeiras para os lutadores de MMA e fama que eles conseguem?

-Boa, hoje em dia em eventos internacionais como o UFC e o Bellator eles pagando bem valorizando o seu atleta, principalmente em assistência médica se você se machucou em um evento, tem sempre um médico, você só sai do evento e do estado que você está depois que o médico te liberar se você machucou a mão, quebrou, um dedo, quebrou uma perna você só é dispensado, se precisar fazer cirurgia você faz cirurgia e as bolsas hoje estão sendo bem pagos, eventos internacionais no Brasil ainda não está muito bom.

13- Os eventos no Brasil os mais famosos são o Jungle fight e o Shooto?

-Temos o Jungle, hoje em dia é o Jungle, Shooto, o Bitefi, temos o Oxy.

14- Destes qual o que está pagando mais, hoje em dia no Brasil?

-Então, o pagamento hoje em dia não é nem pelo evento é pelo atleta é o atleta que tem que ter o seu valor, não é como você, ter um sindicato assim: ah! Eu trabalho de motorista o motorista de ônibus ganha R\$800,00 reais, não é assim. Ah! Eu sou lutador, você é lutador já lutou com quem, você tem quantas lutas você tem, você já lutou com o Anderson Silva, você ganhou do Anderson Silva, sua bolsa aqui vai ser dez mil. Eventos são assim, todos os eventos nacionais têm muito patrocínio então a bolsa são pequenas, entendeu, mas, quem ganha mesmo é o atleta quem tem que se vender é o atleta. Tem dar um bom show, tem que fazer uma luta bonita, uma luta boa e sempre ganhando.

15- Como você se vê no futuro com a prática do MMA?

-Eu me vejo lutando se Deus quiser até os 40 anos, a minha meta é essa, até os 40 anos eu lutar e depois que eu me aposentar na luta, eu quero ensinar isso para muitas pessoas, entendeu, ter a minha academia, passar isso para alguém, para uma pessoa para uma equipe, formar a minha própria equipe eu quero ter uma academia eu quero passar tudo o que eu sei dando aula.

16- E, como você vê e como está a prática do MMA pelas mulheres?

-Bom hoje em dia está muito bom, principalmente aula de muay thai, se você for na academia, aula de muay thai, por que, muita gente tá fazendo mais, arte marcial para perder peso, entendeu, porque é muito aeróbico é muito soco, chute, joelhada, hoje em dia o pessoal está fazendo cárdio MMA, que é um circuito você forma um circuito de tudo o que você usa em uma luta mas sem contato, tem gente que gosta de luta mas não quer contato, tem advogado, médicos, que quer fazer, mas, não quer chegar, imagina eu chego no consultório o médico vai me atender está com o olho roxo, eu vou no banco o gerente me atende está com o olho roxo, está com a mão machucada então, sem contato, então, eu tô achando um crescimento muito grande nessa parte.

17- Qual é a sua opinião sobre a questão de excitação e de empoderamento pessoal que a luta proporciona?

-Proporciona, ao mesmo tempo que proporciona assim, aí vem aquele medo, eu acho assim, lutador, não é medo de lutar, mas, você tem aquele frio na barriga aquele medinho, então eu acho que é a mesma coisa o cantor que vai fazer um show, aí perguntam dá um frio na barriga, dá. Porque se não der isto, então já não tá mais funcionando, então, acho que não precisa mais fazer isto. Lógico que é muito bom você ter esta emoção, adrenalina e ao mesmo tempo ter o medo aquele frio na barriga.

18- Você tem mais alguma contribuição a fazer, sobre a prática do MMA nas academias e nos eventos que não foram abordadas nas perguntas acima?

-Não as perguntas foram ótimas

**Entrevista com lutador profissional, nº 08**  
**Nome: Luiz Alberto Ribeiro Nogueira - BETÃO**  
**Data: 08 de agosto de 2013**

1-Quando você pensa em MMA o que lhe vem à cabeça?

-Vem melhora, é no pessoalmente, melhora física, melhora financeira, é, espiritual, moralmente o MMA pra mim é tudo.

2- O que te levou a praticar o MMA?

-Ser apaixonado por luta.

3-Qual, que é a sua rotina de treinamento?

-Eu chego na RFT dez horas da manhã, treino a parte de chão, até o meio dia, uma hora. Depois treino alto de duas as três, depois faço a minha preparação física.

4-Quais foram as suas evoluções técnicas?

- Quando eu cheguei aqui na RFT, evolui praticamente tudo desde o chão, até a parte em pé.

5- O que passa pela a sua mente no momento de combate de MMA, quando você está dentro do octógono, ou do ringue?

-O que eu faço é tentar ser melhor que o meu oponente, e eu desde o momento que eu entro que fecha o octógono, eu me sinto um dos homens mais feliz da face da terra.

Mesmo se perder?

-Não, eu aprendi faz um ano e pouco que a realidade da “perca”, “perca”, no esporte a gente pode dar a volta por cima, eu perdi meu irmão eu aprendi o que, que é perder realmente.

6- É, o que mais lhe marcou durante a sua trajetória como lutador que contribuiu para se tornar um lutador profissional?

-O que mais me marcou foi quando eu cheguei aqui na RFT, o profissionalismo das pessoas, a dedicação porque, quando eu não treinava na RFT eu achava, eu gostava, mas, levava como uma brincadeira, quando eu cheguei aqui, eu vi que posso sustentar a minha família, então foi isto que me marcou, além de eu ser apaixonado, isso poder ter o pão de cada dia.

7-O que mais lhe atrai e te motiva para praticar o MMA, o que mais lhe atrai?

-É a superação, cada dia a gente tem que superar um pouco mais.

8- E qual a sua opinião em relação ao sucesso do MMA com a mídia no Brasil.

-É, minha opinião é que sempre o MMA, pra mim teve sucesso, foi uma coisa maravilhosa, mas, pra mídia é no momento que a gente está explodindo.

9-E qual a sua opinião sobre as compensações financeiras em relação a fama dos lutadores de MMA?

-Nem pra todos a parte financeira está boa, mas a fama e até parte financeira a gente vai conquistando aos poucos.

10- E como você se vê no futuro com prática do MMA?

-Eu me vejo realizado.

11-É, e como está a prática do MMA pelas mulheres, o que você acha?

-Eu estou achando excelente que as mulheres, não está mais tendo diferença, é como se tivesse dois homens lutando ali no octógono, que elas não estão medindo esforços.

12- Qual é a sua opinião sobre a questão de excitação e de empoderamento pessoal que a luta proporciona?

-Como todos os atletas, a adrenalina chega a um nível que a gente tem que aprender também a controlar isso, mas, é maravilhoso, o que eu falei no começo é maravilhoso.

13- Muito bem, você tem mais alguma contribuição a fazer sobre a prática do MMA nas academias e nos eventos que não foram abordadas nessas perguntas acima, que você gostaria de falar?

-Eu acho que, muita gente ainda tem que perder um pouco do preconceito porque o MMA, não é briga é um esporte.



**Entrevista com lutador profissional, nº 09****Nome: Vitor Campos****Data: 08 de agosto de 2013**

1-Quando você pensa em MMA o que lhe vem à cabeça?

-Garra, superação, determinação, muita força de vontade porque não é fácil.

2-O que, que te levou a praticar o MMA?

-Então, eu comecei o kickboxing com 12 anos, e aí como eu fui crescendo eu fui vendo que toda a modalidade de luta ela é incompleta e o MMA não, o MMA abrange todas as áreas e é o esporte mais completo, e eu vi essa necessidade de continuar aprendendo, aí eu fui pra o MMA.

3-E qual, que é a sua rotina de treinamento?

-É, eu treino todo dia aqui de manhã, segunda, quarta e sexta eu faço luta livre, terça e quinta o MMA, segunda, quarta e sexta, treino o kickboxing a tarde e terça e quinta o wrestling a tarde.

4- Quais foram as suas evoluções técnicas?

-Eu, vim pra a RFT eu não sabia praticamente nada de chão, tinha treinado muito pouco tempo não sabia nada, era muito leigo, cheguei para cá evolui tô aqui quase um ano e pouquinho, quase um ano e meio, evolui muito a minha parte de chão. É isso luta livre.

5-O que passa pela a sua cabeça no momento do combate de MMA?

-Que você não pode dar brecha pra o erro, você não pode errar ganha quem erra menos.

6-O que mais lhe marcou na sua trajetória como lutador, que contribuiu para você para se tornar um lutador profissional?

- A paixão pela luta, em si, não só pelo MMA, pra luta em si é uma coisa que está dentro de mim, não consigo ficar sem treinar esta é paixão que me motiva.

7-E qual é a sua opinião em relação ao sucesso do MMA, hoje em dia no Brasil?

-Cara, eu acho que o MMA faz muito sucesso, justamente porque a luta em si os esportes de contato também, mas, a luta, tá dentro do Ser humano, todo mundo luta por algum motivo, acho que o MMA representa bem essa luta. Todo mundo se identifica com o MMA.

8-Qual é a sua opinião sobre as compensações financeiras e em relação a fama, dos lutadores de MMA?

-Aqui no Brasil, hum... já tá aumentando muito no conhecimento mas, não é como lá fora, mas tá cada vez mais os atletas estão conseguindo viver só da luta, ainda não é uma realidade mas vem melhorando bastante.

9-Como você se vê no futuro com a prática do MMA?

-Campeão mundial.

10- E como está a prática do MMA pelas mulheres, o que você acha?

-Está muito boa está crescendo bastante, a gente tem, acabou de chegar uma atleta nova na RFT, e cada vez mais os eventos femininos estão crescendo.

12- Você tem mais alguma contribuição a fazer sobre a prática do MMA nas academias e nos eventos que não foram abordadas, nas perguntas acima, que você gostaria de falar?

-Não, não.

13- Qual é a sua opinião sobre a questão de excitação e de empoderamento pessoal que a luta proporciona?

-É todo o mundo sente aquele friozinho na barriga, aquele medo antes de entrar, todo mundo sente. Agora tem que saber usar isso a seu favor se você não souber, vai acabar te prejudicando na luta, eu acho que essa excitação, esse medo é importante, quando você está ali aquecendo, quando está se preparando para entrar, você tem que saber usar a seu favor.

**Entrevista com lutador profissional, nº 10****Nome: Leonardo Lúcio - CHOCOLATE****Data: 08 de agosto de 2013**

1- Muito bem, Chocolate, quando você pensa em MMA, o que, que lhe vem a cabeça?

- O esporte que mais cresce no mundo.

2- O que, que te levou a praticar o MMA?

- Eu posso dizer que o que me levou a praticar o MMA foi, a consequência, o que me levou a praticar a luta foi aprender a me defender, eu comecei com a luta livre, porque eu queria aprender a me defender, por quanto de pessoas que tentavam, me bater por bobearas, por, sem motivos, aí eu procurei um esporte para me defender que era a luta livre, aí, com o aval do mestre Cromado, um belo dia, ele perguntou e aí vamos lutar o MMA, aí eu topei e estamos aí, até hoje.

3- Qual é a sua rotina de treinamento?

- Período de competição, são três vezes ao dia que é a parte de luta livre pela manhã, a tarde o muay thay e a preparação física, no decorrer do dia. Terça e quinta que é a parte de wrestling e MMA.

4- Quais foram as suas evoluções técnicas até os dias de hoje no MMA?

- Bastante, evolui muito não tem como, é gradativo isso, não tem como você vai crescendo no esporte, você vai amadurecendo, você vai vendo erros que você cometia antigamente, que você não vai cometendo mais, então, assim o amadurecimento é muito importante, e fora que você se torna uma pessoa mais tranquila, porque você fazer luta, você acha que qualquer burro ignorante consegue fazer, não é, a luta é você ter que raciocinar muito rápido, é você, saber entender o jogo do seu adversário. É você ter que evoluir a sua parte técnica porque você tem que superar, o seu adversário e não só a parte técnica como a parte física.

5- O que passa pela sua mente no momento do combate do MMA?

- Uma grande evolução e assim, e coma alguns pontos de erros, a evolução está, acontecendo graças a Deus, tá todo mundo mostrando, pro mundo que o MMA, não é essa violência toda, se tu for comparar com o futebol, o futebol é muito mais, violento que o MMA, e, e, decorrer de lesões, não é, tem lesão, o futebol tem lesão da boca, que são os dentes, perca de dentes, tem lesão de joelho, tem lesão, tem fratura exposta como já vi de punho, é, punho, não, rádio, fraturar o rádio, então assim eu já vi diversas, lesões que dificilmente acontecem no MMA.

6- O que mais, o marcou durante a sua trajetória como lutador que contribuiu para se tornar um lutador profissional?

- Porque, assim eu prefiro não citar nomes, mas, ver um amigo perder, não vou citar nomes, e aquilo ali, me incomodou tanto que eu falei, assim, que eu vou ganhar por ele.

7- E o que mais, o atrai e o motiva para a prática do MMA, para praticar o MMA?

- Tá praticando diariamente um esporte, é bom para o desestresse, você desestressa você vem aqui, aquele lutador que diz que só bate, esse é mentiroso,

então você vem aqui, você bate, você apanha, então, assim, isso te desestressa, chega aqui irritado, sai daqui feliz, entendeu, então, assim, é uma coisa que me motiva bastante, a minha válvula de escape é a luta. É o MMA.

8- E qual é a sua opinião sobre as compensações financeiras, para o lutador de MMA?

- Como eu falei o MMA, tá começando a crescer agora, mas, eu vejo ela muito emparelhada ao futebol, são poucos ganhando muito, e muitos ganhando nada, ainda tá crescendo, eu espero e acredito, que isso vai mudar, vão ter, vão igualar a isso, o lutador amador, não, vai lutar de graça, não vão ter que lutar, por trezentos a quatrocentos reais que é um absurdo, isso é um absurdo, eu acredito que ele vai estrear já ganhando uma quantia assim relevante, depois de três quatro lutas ele se tornar um profissional, ele vai tá ganhando, uma quantia sei lá de três, cinco mil, uma quantia que vale a pena o suor, o trabalho todo dele, que é a desidratação, é a parte de perda de peso que é a dieta, pagar o seu treinamento todo e compensar isso tudo por ele abre mão de muita coisa para conseguir lutar. Ele abre mão do trabalho, geralmente ele faz bico de segurança, pra poder sustentar a casa, de repente ele tem que largar o emprego, pra poder sustentar, pra poder realizar esse sonho de lutar, se ele quiser ser profissionalmente é lógico.

E em relação a fama qual é a sua ideia?

- Cara, assim. Eu não sou muito feliz com a fama, não, porque acho que é muita gente para te iludir, você, quando você acha, nossa, é muito tapa nas costas, muita gente vem fala pra você assim nossa você é o melhor aí por acaso, você tem uma decadência, acontecer de ter uma derrota as mesmas pessoas que te jogaram, pra o alto te joga no chão, na lama.

9- E como você se vê no futuro com a prática do MMA?

- Eu, estudo, tô, concluindo a minha faculdade agora eu estudo, pra isso, porque assim, que eu concluir e um dia eu parar de lutar, é trabalhar diretamente com isso, parte de preparação física, é assim, eu tenho todo o interesse de trabalhar com a parte da preparação física, com atleta de MMA.

10- E como está a prática no MMA, das mulheres qual é a sua opinião?

- Crescendo, crescendo, eu posso dizer que fico um pouco nervoso ainda, mas, as mulheres sempre lutaram por direitos iguais, porque que ela não pode lutar também, eu não vejo problema, nenhum, são duas mulheres e tal lutando, parece que elas são mais frágeis, mas, assim é só aparência, o que de frágil ela não tem nada.

11- Qual é a sua opinião sobre a questão de excitação e de empoderamento pessoal que a luta proporciona?

- Poder, não digo. A adrenalina, não pode faltar, adrenalina é o vai te manter vivo, é a adrenalina que vai te dar o seu limite, para dizer, pra onde você pode ir, entendeu. Se você, consegue controlar ela, você consegue sempre um pouco mais além, mais, você nunca pode perder ela, eu acho que a pessoa tem que ter essa adrenalina. E, em relação ao poder, não sou a favor do poder, não é o poder, parece que você tá querendo impor medo a alguém, não quero, é o que falo pra as pessoas, não quero que ela, tenha medo de mim, eu quero que ela me respeite. Que da mesma maneira que ela me respeite eu vou respeitar ela, eu trabalho nessa academia, eu trabalho em outras academias, e eu falo com o dono da academia ao faxineiro da academia,

como se fosse o dono, falo se tiver que conversar, eu vou sentar vou conversar com a pessoa, aí, não tem diferença, então assim, a pessoa não pode sentir melhor que a outra porque, é um lutador famoso, não, pelo contrário, ele tem que ser humilde o suficiente, pra as pessoas poder sempre se espelhar nele.

12- Você tem mais alguma contribuição a fazer, nas academias e nos eventos que não foram abordadas, nas, perguntas acima?

- Assim, o que eu acho errado nos eventos é a falta de, de acompanhamento do atleta que vai lutar o evento dele, é a falta de um exame médico, é o saber (inaudível), ...tem que perder desidratação de 10, 15 quilos, é uma agressão pra o corpo, 15 dias, 10 dias, uma semana, a pessoa perde 10, 15 quilos, assim, é uma agressão absurda ao corpo, o atleta, infelizmente, alguns são leigos, os outros não, os que são leigos, acabam aceitando isso, entendeu ou por ser leigo ou por necessidade financeira, pinta aquela luta e o cara fala, pô, meu irmão, tenho dois mil pra te oferecer, e o cara tá tão apertado financeiramente, que ele acaba aceitando, porque ele precisa daquela quantia, então assim, eu acho isso errado, não sou a favor disso, eu acho que tem que ter um acompanhamento médico, o evento tem disponibilizar isso pra os atletas porque nem todos os atletas tem um plano de saúde. Depender da saúde pública é pior ainda, então eu acho que o evento, tem que ser, comparecer mais, a esse ponto.